



**Serviço Público Federal**  
**Universidade Federal do Pará**  
**Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento**  
**Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento**

**ROTINAS DE MORADORES NO CONTEXTO DO PRÉ E PÓS-  
REMANEJAMENTO HABITACIONAL**

**DANIELEN RODRIGUES COSTA**

**Belém, Pará**

**2015**



**Serviço Público Federal**  
**Universidade Federal do Pará**  
**Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento**  
**Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento**

**ROTINAS DE MORADORES NO CONTEXTO DO PRÉ E PÓS-  
REMANEJAMENTO HABITACIONAL**

Danielen Rodrigues Costa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Área de Concentração: Ecoetologia

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilia Iêda Chaves Cavalcante

**Belém, Pará**

**2015**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento - NTPC  
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa  
do Comportamento - PPGTPC  
E-mail: laercio@ufpa.br/comporta@ufpa.br  
Fones: 3201-8476 / 3201-8542  
Rua Augusto Corrêa, nº 01  
Guamá Cep: 66.075-110  
Belém - Pará

## Dissertação de Mestrado

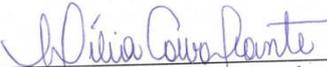
### “Rotinas de Moradores no Contexto do Pré e Pós Remanejamento Habitacional.”

**Aluna: Danielen Rodrigues Costa.**

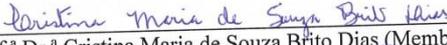
**Data da Defesa: 28 de Setembro de 2015.**

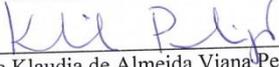
**Resultado: Aprovada.**

**Banca examinadora:**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lília Iêda Chaves Cavalcante (Orientadora - UFPA).

  
Prof. Dr. Fernando Augusto Ramos Pontes (Coorientador – UFPA).

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Maria de Souza Brito Dias (Membro – UNICAP).

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão (Membro – UFPA).

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Maria Gayoso da Costa (Membro – UFPA).

Faltou luz, mas era dia, o sol invadiu a sala.  
Fez da TV um espelho, refletindo o que a gente esquecia (...).  
O som das crianças brincando na rua como se fosse um quintal,  
A cerveja gelada na esquina, como se espantasse o mal.  
O chá pra curar essa azia (...). Todas as ciências de baixa tecnologia.  
Todas as cores escondidas nas nuvens da rotina.  
Pra gente ver por entre os prédios e nós.  
Pra gente ver o que sobrou do céu.  
(O Rappa).

O presente trabalho é dedicado às famílias participantes do estudo  
e aos meus pais, pelo suporte e carinho incondicional.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar a inspiração necessária para lidar com os desafios e a fé para crer nos bons resultados.

À minha família, pelo apoio e carinho, em especial ao meu pai, Daniel Costa pela força do exemplo e minha mãe, Conceição Costa pelo cuidado e pelo incentivo incondicional aos estudos.

Ao meu querido esposo e amigo Rodrigo Fernandes, pelo carinho, companheirismo e incentivo proporcionado nesses anos de união.

Aos meus amigos, Delma Costa, Celice Leite, Daniel Elias, Thayse Poliana, Danilo Andrade, Fábio Costa, Fabrício Sampaio, Jhonatan Nunes, Brenda Souza, e todos os outros, pelas muitas cores proporcionadas às páginas da minha vida.

Aos colegas do Laboratório de Ecologia do desenvolvimento, Allana, Thamires, Lucilene, Amanda e aos demais pelas experiências de aprendizado compartilhadas.

À minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lília Cavalcante, pela confiança, competência, carinho, incentivo e presença marcante na trajetória de minha formação.

Ao meu co-orientador Prof. Dr. Fernando Pontes, pelas ideias inspiradoras e pelo incentivo aos melhores resultados.

À minha co-orientadora Msc. Tatiana Afonso, pelo profissionalismo, acompanhamento, interesse, colaboração, dedicação e carinho. Obrigada pelo suporte.

À equipe do projeto CASAPAAP, pelas trocas de experiências, por oportunizarem a realização desta pesquisa, à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Solange Gayoso e à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kláudia Perdigão pelas orientações que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

À equipe do projeto Pobreza e Ecologia do Desenvolvimento pelas trocas de conhecimentos e experiências, à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Silva e à Msc. Thamyris Maués pelo acompanhamento e orientações.

Ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPA e aos professores de modo geral, por proporcionarem uma aprendizagem de qualidade.

Aos participantes da pesquisa, pelo aceite, pela confiança e disponibilidade.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	9
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE FIGURAS	12
RESUMO	13
ABSTRACT	15
APRESENTAÇÃO	17
CAPITULO I	20
CAPITULO II	28
Da casa ao apartamento: rotinas diárias e adaptação de moradores na transição entre dois contextos habitacionais	28
Resumo	28
Abstract	29
Introdução	20
Método	41
Resultados	48
Discussão	62
Considerações Finais	66
CAPITULO III	67
Percepções de moradores sobre rotinas e rituais antes e depois do remanejamento habitacional: um estudo qualitativo	67
Resumo	67
Abstract	68
Introdução	70

Método	79
Resultados	84
Discussão	95
Considerações Finais	99
CAPITULO IV	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	118
ANEXO A - Inventário de Rotinas (IR)	120
ANEXO B - Questionário de Adaptação Habitacional (QAH)	127
ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	129

**LISTA DE SIGLAS**

APO	Avaliação Pós-ocupação
AVD	Atividades da Vida Diária
FDS	Fundo de Desenvolvimento Social
CONTÉCNICA	Consultoria Técnica
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IGBE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRF	Inventário de Rotinas Familiares
NTPC	Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
OGU	Orçamento Geral da União
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PDSSA	Programa de Desenvolvimento Social e Saneamento Ambiental
PNDU	Política Nacional de Desenvolvimento Urbano
PNUD	Programa Nações Unidas para o Desenvolvimento
QAH	Questionário de Adaptação Habitacional
SNH	Sistema Nacional de Habitação
SNHIS	Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TTS	Trabalho Técnico Social

## LISTA DE TABELAS

### CAPITULO I

Tabela 1. Domicílios particulares permanentes em áreas urbanas, por classes de rendimento nominal mensal domiciliar de até 1/4 de salário mínimo <i>per capita</i> quanto à existência e características do entorno	24
---	----

### CAPITULO II

#### **Da casa ao apartamento: rotinas diárias e adaptação de moradores na transição entre dois contextos habitacionais**

Tabela 2. Rotinas e rituais quanto à comunicação, compromisso e continuidade	31
Tabela 3. Definições das categorias dos elementos mencionados nas rotinas do morador	46
Tabela 4. Frequência e associação das variáveis pessoais e contextuais de acordo com a avaliação pós-remanejamento	49
Tabela 5. Frequência e distribuição dos participantes segundo o pagamento da taxa de IPTU, energia elétrica e água na moradia anterior e na atual	51
Tabela 6. Frequência e associação das variáveis de satisfação sobre a moradia atual de acordo com a avaliação pós-remanejamento	52
Tabela 7. Frequência e associação da variável segurança na casa atual de acordo com as modificações realizadas na residência.	55
Tabela 8. Matriz de correlação sobre as variáveis socioeconômicas e de satisfação com a moradia atual	55
Tabela 9. Frequência de uso do tempo referente às atividades de rotina nas moradias anterior e atual	57
Tabela 10. Frequência de uso do tempo em relação à companhia nas atividades de rotina nas residências anterior e atual	58
Tabela 11. Frequência de uso do tempo referente ao local das atividades de	59

rotina nas moradias anterior e atual

Tabela 12. Frequência e associação das principais variáveis de uso do tempo de acordo com a satisfação pós-remanejamento	60
--	----

### **CAPÍTULO III**

#### **Percepções de moradores sobre rotinas e rituais antes e depois do remanejamento habitacional: um estudo qualitativo.**

Tabela 1. Definições das categorias, segundo as percepções dos participantes	82
Tabela 2. Comparativo das características das moradias anterior e atual	84
Tabela 3. Avaliação dos moradores sobre os espaços mais utilizados nas moradias atual e anterior	85
Tabela 4. Avaliação dos moradores sobre o uso e adequação das ruas da nova moradia	86
Tabela 5. Avaliação da situação atual em relação à anterior e sugestões de melhorias	87
Tabela 6. Frequência de uso do tempo referente às atividades de rotina nas moradias anterior e atual	88
Tabela 7. Frequência de uso do tempo em relação à companhia nas atividades de rotina nas residências anterior e atual	89
Tabela 8. Frequência de uso do tempo referente ao local das atividades de rotina nas moradias anterior e atual	89
Tabela 9. Percepções dos participantes quanto às rotinas diárias antes e depois do remanejamento, de acordo com as categorias definidas	91

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Percentual de municípios por macrorregião e classificação do IDHM para 2010	22
Figura 2. Estrutura básica dos organismos e áreas de intervenção do PDSSA	25
Figura 3. Conjunto Habitacional Jader Barbalho	41
Figura 4. Passagem Helder Barbalho- Jaderlândia antes do remanejamento	42

## RESUMO

Costa, D.R. (2015). Rotinas de moradores no contexto do pré e pós-remanejamento habitacional. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.131.

A estrutura e a previsibilidade nas rotinas diárias são apontadas como os principais elementos da estabilidade no microssistema familiar, o que torna as investigações sobre remanejamentos habitacionais involuntários particularmente interessantes na medida em que permite compreender o quanto esse sistema ecológico pode ser afetado por mudanças no contexto de moradia. Com o objetivo de investigar possíveis relações entre as rotinas diárias e os níveis de satisfação no período pós remanejamento habitacional, o presente estudo realizou uma pesquisa de campo com moradores do município de Ananindeua-PA, região metropolitana, utilizando dois instrumentos para a coleta de dados: o Questionário de Adaptação Habitacional (QAH) e o Inventário de Rotinas (IR). Os dados do primeiro estudo apontaram que, entre os 34 participantes, prevaleceram avaliações positivas no pós-remanejamento (94.1%), bem como a associação estatisticamente significativa entre avaliação pós-remanejamento e as variáveis referentes à casa atual: chefia familiar ( $p=0,001$ ), composição da renda ( $p=0,008$ ), privacidade na casa ( $p=0,044$ ), instalação hidráulica ( $p=0,048$ ), relações de vizinhança ( $p=0,001$ ), pretensão à mudança ( $p=0,006$ ), uso do tempo com o cônjuge ( $p=0,042$ ), com os filhos ( $p=0,033$ ) e no local de trabalho extrafamiliar ( $p=0,050$ ). Os resultados do segundo estudo indicaram que, entre os 34 participantes, 29 consideraram que suas rotinas foram completa ou parcialmente alteradas em razão do remanejamento habitacional, três relataram tanto permanências quanto mudanças em sua vida diária e dois não perceberam tais alterações. O conteúdo das mudanças apontadas pelos moradores foi organizado em seis grandes categorias de análise: “características do espaço e organização das atividades”, “relações e composição da família”, “renda e orçamento doméstico”, “rede de relações e convívio social”, “sem alterações na rotina” e “mudanças e permanências nas rotinas”. Pesquisas nessa direção podem contribuir para o estudo do desenvolvimento humano em populações que estão em transição de um contexto para outro, na medida em que investigam características particulares das interações da pessoa com seu ambiente ecológico que passa por transformações substanciais. Espera-se que este estudo entre outros que realizaram esse tipo de investigação possa contribuir efetivamente com a compreensão de ambientes

interacionais que foram alterados por razões diversas, mas, neste caso, pela transição vivida por moradores remanejados de um contexto habitacional (casa) e reassentados em outro (apartamento), e que tiveram que adequar as suas rotinas diárias às mudanças por eles percebidas no processo de constituição desse novo ambiente ecológico.

Palavras-chave: rotinas diárias, remanejamento, satisfação.

## ABSTRACT

Costa, D.R. (2015). Routines of residents in the context of pre and post-relocation housing. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. 135.

The presence of structure and predictability in daily routines is seen as a key element of stability in the family microenvironment, which makes the investigation of particularly interesting involuntary relocation housing in that allow us to understand how this ecological system can be affected by changes in the housing context. In order to investigate possible relationships between daily routines and satisfaction levels in the post housing relocation period, this study conducted a field survey with residents of the municipality of Ananindeua-PA, metropolitan area, using two instruments for data collection: the Housing Adaptation Questionnaire (HAQ) and the Inventory routines (IR). The first study data showed that among the 34 participants, the positive assessments prevailed in the post-relocation (94.1%) and a statistically significant association between post-relocation assessment and the variables related to current home: family leadership ( $p = 0,001$ ), income composition ( $p = 0,008$ ), privacy in the house ( $p = 0,044$ ), hydraulics ( $p = 0,048$ ), neighborly relations ( $p = 0,001$ ), claim to change ( $p = 0,006$ ), use of time with their spouse ( $p = 0,042$ ), with the children ( $p = 0,033$ ) and in extra-familiar workplace ( $p = 0,050$ ). The results of the second study showed that among the 34 participants, 29 consider that their routines were completely or partially changed because of housing relocation, the other three participants reported either stays as changes in your daily life and two did not notice such changes. The content of the changes noted by residents was organized into six broad categories of analysis: "characteristics of space and organization of activities", "relationships and family composition", "income and household budget", "network of relationships and social life" "no change in the routine" and "permanencies and changes in routines". Research in this direction can contribute to the study of human development in populations that are in transition from one to another context to another in that specific characteristics of investigating interactions of the person with their ecological environment that undergoes substantial processing. It is hoped that this study and others who carried out this type of research can effectively contribute to the understanding of interactional environments that have changed for various reasons, but in this case, the transition experienced by relocated residents of a housing context (home) and resettled

in another (flat), and who have had to adapt their daily routines to the changes they perceived in the constitution of this new ecological environment process.

Keywords: Daily routines, Relocation, Satisfaction.

## APRESENTAÇÃO

Muitos estudos presentes na literatura têm apontado a importância de se investigar as rotinas e rituais familiares como forma de compreender a dinâmica de funcionamento das famílias e as estratégias utilizadas por elas para se atender as necessidades básicas dos seus membros e perpetuar suas práticas simbólicas, garantindo a unidade e a coesão do grupo. Tais estudos evidenciam ainda a relevância das investigações sobre rotinas e rituais com a intenção de compreender como as famílias encontram sucesso e significado em suas vidas coletivas dentro das ecologias estabelecidas nos mais variados contextos culturais.

Apesar de vários estudos sobre rotinas e rituais evidenciarem a importância de se investigar contextos de limitações, rupturas, transições e mudanças, o quantitativo dos trabalhos que investigaram aspectos da vida diária em situações de remanejamento habitacional ainda é pequeno, se comparado às pesquisas que abordam as rotinas e rituais em outros contextos. Nesse sentido, o presente trabalho partiu da consideração de que os remanejamentos habitacionais involuntários representam contextos de transições ou processos de mudanças por vezes inesperadas e/ou substanciais, a exemplo de pessoas e suas famílias que se veem diante da necessidade de promover adaptações em suas rotinas diárias em razão das características de seu novo ambiente de moradia, com estruturas físicas distintas e propostas de modos de vida diferenciadas.

Esta dissertação de mestrado está relacionada à inserção da autora em dois projetos acadêmicos que envolvem docentes e discentes da Universidade Federal do Pará. O primeiro projeto, denominado “O PAC Urbanização de Assentamentos Precários em Cidades Amazônicas: proposta de intervenção para avaliação da produção e ocupação humana nas cidades de Belém e Macapá”, foi coordenado pela Arquiteta e Urbanista Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Kláudia Perdigão e articula as áreas de Arquitetura, Serviço Social

e Psicologia. O projeto teve como objetivo de acompanhar a situação de moradores em processo de remanejamento e reassentamento habitacional e considerar os níveis de satisfação e adaptação de famílias alvo dessas ações nas áreas do Riacho Doce (Guamá), Jaderlândia (Ananindeua), Vila da Barca (Telégrafo), Taboquinha (Icoaraci) e áreas de intervenção em Macapá.

O segundo projeto de pesquisa é intitulado “Pobreza e Ecologia do Desenvolvimento” e conta com a coordenação do Prof. Dr. Fernando Pontes, membro do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento – NTPC, na UFPA. O projeto se caracteriza como uma proposta de estudo que busca compreender sistemicamente a ecologia do desenvolvimento em situação de vulnerabilidade social e toma o fenômeno da pobreza como multidimensional, procurando avaliar seus impactos a partir das características dos cuidadores, da relação parental e conjugal, das dinâmicas familiares, do ambiente da casa e vizinhança e da rede de apoio da família.

Ambos os projetos de pesquisa envolvem populações em situação de vulnerabilidade e/ou que se encontram em um nível elevado de pobreza, além de serem propostas de investigação que consideraram a percepção dos sujeitos sobre a condição de viver em um contexto marcado pela dinâmica de dois processos distintos, mas interligados: o remanejamento e o reassentamento habitacional. Isso se configura num importante aspecto da perspectiva aqui adotada no que refere à importância do modo como o ambiente e as diferentes situações são percebidas pelos sujeitos em questão.

Concentrando o esforço de abordar o problema de pesquisa em diferentes aspectos, o presente estudo se apresenta no formato de dois estudos. O primeiro estudo é quantitativo, de caráter descritivo e correlacional e investigou a possível associação entre as variáveis referentes ao nível de satisfação com a moradia e as rotinas e rituais familiares, antes e depois do remanejamento e reassentamento habitacional. O segundo estudo possui caráter descritivo, exploratório, abordagem qualitativa dos dados e

verifica a percepção dos moradores sobre as alterações sofridas nas rotinas e rituais após o remanejamento e, posterior, reassentamento dessa população. Ambos os estudos se configuram como estratégias que pretenderam verificar a partir de uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano o quanto a exposição a diferentes contextos habitacionais, somada aos níveis de estabilidade ou instabilidade das rotinas diárias nesses contextos de transição caracterizados pela mudança de moradia, pode influenciar na percepção, ajuste e adaptação das pessoas ao novo ambiente ecológico constituído nesse processo.

## CAPÍTULO I

A proposta sistêmica de compreensão dos fenômenos ampliou as possibilidades de uma investigação do contexto em que a vida acontece (Vasconcelos, 2002). Da mesma forma, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento proposta por Bronfenbrenner (2011) parte do entendimento de que não há separação entre a pessoa desenvolve e o contexto abrangente do qual ela faz parte, além de considerar que o que está ocorrendo agora é resultado de algo que está em processo e que as pessoas e suas percepções em um plano concreto são também parte das mudanças e permanências que estão em curso. Assim, entende-se que os sistemas e subsistemas que constituem a ecologia do desenvolvimento apresentam-se de modo estável ou em pseudo equilíbrio dinâmico, caracterizados pela coexistência de indicadores de estabilidade e mudança, sendo o fluxo ordenado dos processos e a tendência à diferenciação e ordem, elementos essenciais para a compreensão do funcionamento desses sistemas e da vida.

A proposta sistêmica na abordagem ecológica reconhece, portanto, a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, todos se encontram encaixados nos processos cíclicos da ecologia da qual fazem parte. Nessa perspectiva, as formas particulares de interação que os indivíduos estabelecem com seu contexto, do imediato ao mais remoto, são produtos e produtoras de ganhos desenvolvimentais, além de fortes indicadores dos recursos acessados para lidar com o constante clima de estabilidade e mudança que é próprio dessas interações (Bronfenbrenner, 1996, 2011).

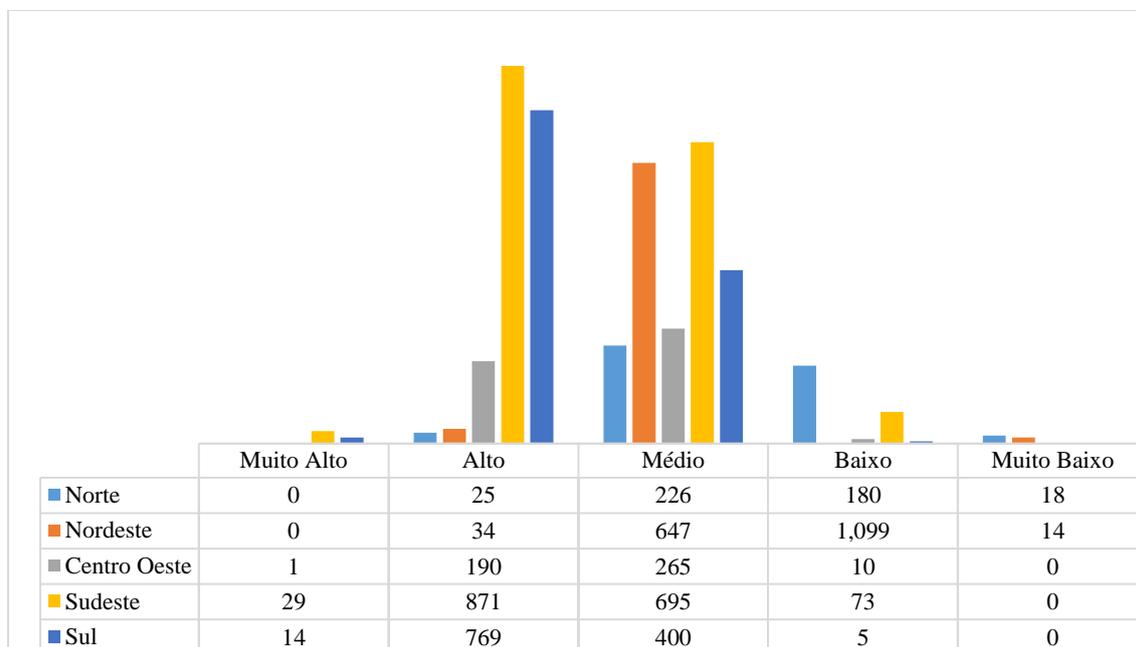
Em função do papel relevante que o contexto assume no comportamento e desenvolvimento humano, os ambientes ecológicos marcados por estressores como a pobreza em sua multidimensionalidade têm despertado o interesse de pesquisadores de várias áreas do conhecimento, que buscam entender os efeitos dela para além das

condições monetárias, considerando aspectos como a estrutura e as características das redes de apoio, as condições de trabalho, segurança, a sensação de bem-estar, a qualidade das moradias e os recursos e estratégias utilizados para lidar diariamente com essas demandas. Estudos (Cidade, Moura, & Ximenes, 2012; Wadsworth, 2012) mostram que a ausência ou mau funcionamento desses elementos pode, entre outros efeitos deletérios, provocar altos níveis de estresse e prejudicar a dinâmica familiar.

Alguns órgãos responsáveis pela aferição dos índices de pobreza e desenvolvimento econômicos do país e de suas regiões apontam a importância de estudos que, como este, têm como objetivo investigar as características de ambientes ecológicos marcados pela pobreza em sua multidimensionalidade. O índice de desenvolvimento humano (IDH) apresentado no Atlas 2013 publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é resultante de uma plataforma de consulta de 5.565 municípios brasileiros, com mais de 200 indicadores de população, educação, habitação, saúde, trabalho, renda e vulnerabilidade, com dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

A partir da consulta aos dados do Censo referentes ao desenvolvimento humano no Brasil, nas últimas décadas, é possível observar um crescimento positivo desses indicadores, com valores de 0,493, em 1991, para 0,612, em 2000, até atingir o valor atual de 0,727. Em termos percentuais, seu desempenho foi de 24,1%, entre 1991 e 2000, e de 18,8%, entre 2000 e 2010, correspondendo a um crescimento relativo total de 47,5% no período. Porém, os indicadores municipais apresentam dados discrepantes e revelam diferenças acentuadas entre as regiões do país, onde é possível observar que grande parte dos municípios brasileiros que possui IDHM elevado se encontra nas regiões Sul e Sudeste do país, enquanto as regiões Norte e Nordeste concentram a maioria dos que apresentam baixos índices de desenvolvimento humano.

A Figura 1 apresenta os percentuais de municípios em cada macrorregião brasileira quanto ao IDHM, em 2010.



*Figura 1.*

Percentual de municípios por macrorregião e classificação do IDHM para 2010 (elaborada com base no Atlas IDHM, 2013).

A partir da observação dos dados sobre o IDHM para as macrorregiões brasileiras, pode-se perceber que os municípios de Belém e Ananindeua, situados no Norte do país, apesar de se apresentarem em melhores condições em relação a alguns municípios da região, em particular a mesorregião metropolitana do estado do Pará, possuem vastas áreas nas quais há o predomínio de pessoas de baixa renda que vivem em condições de moradia precárias.

Em consonância com os achados presentes no Atlas 2013, os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, em 2010, mostram que, em Belém, capital do estado, do total de 1.188.026 de pessoas com 10 anos de idade ou mais inseridas no Censo, um quantitativo de 859.818 não frequentava a escola,

enquanto que apenas 328.209 assim o faziam. As declarações sobre os níveis de escolaridade mostraram que 455.026 pessoas possuíam ensino fundamental incompleto, 370.234 informaram ter ensino médio completo e superior incompleto e 123.915 haviam concluído o superior completo. A pesquisa sobre rendimentos abrangeu um total de 368.889 domicílios, dos quais 19.576 não possuíam rendimento, 9.803 informaram até ½ salários mínimos, 72.218 de 1 a 2 salários mínimos, 117.766 possuíam de 2 a 5 salários mínimos e 59.534 de 5 a 10.

Os resultados do censo demográfico sobre o município de Ananindeua-PA também revelam importantes aspectos que permitem caracterizar as condições socioeconômicas da população tomada para este estudo. Os dados sobre níveis de escolaridade mostram que de um total de 394.224 pessoas com 10 anos ou mais de idade, 283.909 pessoas que não frequentavam a escola e 11.315 pessoas frequentavam a escola. Os níveis de escolaridade se distribuíram entre 163.319 pessoas que possuíam ensino fundamental incompleto, 86.151 com ensino fundamental completo e médio incompleto, 122.303 com o ensino médio completo e superior incompleto e 20.459 pessoas com ensino superior completo. Os dados sobre rendimentos por residência apontam que, de um total de 125.853 domicílios; 5.492 não possuíam rendimentos, 4.004 informaram até ½ salário mínimo mensal; 29.495 possuíam de 1 a 2 salários mínimos; 45.933 de 2 a 5 salários mínimos e 16.720 pessoas informaram rendimentos de 5 a 10 salários mínimos mensais.

O levantamento do IBGE também apontou as condições de moradia da população de Belém e Ananindeua que declarou ter como rendimento mensal domiciliar até 1/4 de salário mínimo *per capita*, segundo a existência e as características de determinados aspectos do entorno das moradias, tais como: existência ou não de arborização, bueiro/boca de lobo, calçada, esgoto a céu aberto, identificação dos

logradouros, iluminação pública, lixo acumulado nos logradouros, pavimentação e rampa para cadeirantes. A Tabela 1 traz essas informações.

Tabela 1

*Domicílios particulares permanentes em áreas urbanas, por classes de rendimento nominal mensal domiciliar de até 1/4 de salário mínimo per capita quanto à existência e características do entorno*

Características do entorno	Belém Total de domicílios – 33.711		Ananindeua Total de domicílios – 13.329	
	Existe	Não existe	Existe	Não existe
Arborização	3.925	29.562	1.440	11.823
Bueiro/boca de lobo	11.725	21.762	3.303	9.960
Calçada	10.044	23.443	2.489	10.774
Esgoto a céu aberto	18.015	15.472	6.909	6.354
Identificação do logradouro	6.697	26.790	2.087	11.176
Iluminação pública	29.798	3.689	11.966	1.297
Lixo acumulado nos logradouros	4.741	28.746	1.333	11.930
Pavimentação	16.509	16.978	5.311	7.952
Rampa para cadeirante	310	33.177	26	13.237

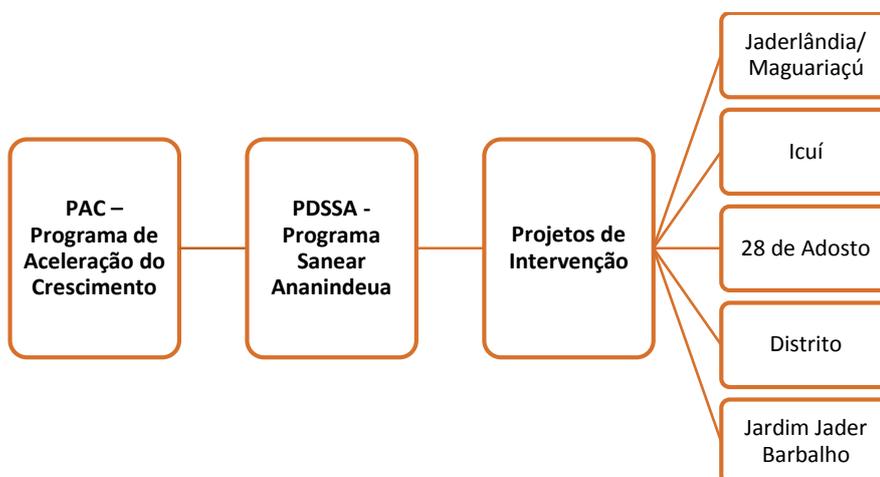
*Nota:* Tabela elaborada com base no Censo IGBE (2010).

A inexistência ou a precariedade de um conjunto de equipamentos e serviços públicos destinados à habitação gerou a demanda de criação de programas sociais e outras ações específicas de saneamento ambiental em diversas áreas dos municípios apresentados. A partir de 2008, com a implementação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), dentre outras ações que o programa prevê, na área da habitação foi proposto um direcionamento para o controle sanitário, a eliminação das condições ambientais de risco e a melhoria das condições de vida da população residente. O

município de Ananindeua-PA, marcado por áreas de ocupações irregulares (palafitas) ao longo e sobre os canais naturais de drenagem, além de outras utilizadas para lixões clandestinos e desprovidas de saneamento básico, passou a ser alvo de intervenções que previam obras de saneamento integrado e urbanização de assentamentos precários. Tais ações fazem parte do Programa de Desenvolvimento Social e Saneamento Ambiental – PDSSA ou Programa Sanear Ananindeua.

O Sanear Ananindeua é um Programa de Desenvolvimento Social e Saneamento Ambiental (PDSSA) que integra as ações de investimentos no espaço urbano e em habitação, todas previstas pelo PAC. Os estudos das áreas e da população envolvida no PDSSA iniciaram em 2006, ano em que o programa começou a ser executado pela Prefeitura Municipal de Ananindeua e pela empresa terceirizada CONTÉCNICA (Consultoria Técnica), a qual ainda executa o Trabalho Técnico Social (TTS). O principal objetivo do programa é a inclusão social de famílias atualmente residentes em assentamentos informais em condições de subnormalidade, assegurando o saneamento ambiental, o reordenamento das vias para melhoria da mobilidade urbana e a estruturação da ocupação do solo urbano (Programa Sanear Ananindeua, 2008).

O esquema abaixo demonstra a estrutura do Programa Sanear Ananindeua:



*Figura 2.* Estrutura básica dos organismos e áreas de intervenção do PDSSA (elaborada com base no Programa Sanear Ananindeua, 2008).

As intervenções do PDSSA contam com obras físicas e remanejamento de famílias de baixa renda que ocupam áreas desprovidas dos serviços públicos. A área do Jaderlândia, em Ananindeua-PA, foi a primeira que envolveu o remanejamento de famílias. Em 2012, elas foram remanejadas para o empreendimento denominado Conjunto Habitacional Jader barbalho, situado no mesmo perímetro de intervenção.

Nesse sentido, no presente estudo, a proposta de investigação das rotinas diárias envolveu moradores que experimentavam um processo de remanejamento e reassentamento habitacional evidenciado pela transição entre contextos habitacionais diferenciados, o que fez surgir demandas relacionadas ao processo de acomodação cujo alcance depende das qualidades do novo ambiente, das características pessoais e das demais condições contextuais. Logo, estes e outros elementos a serem abordados não podem ser considerados isoladamente, mas devem ser entendidos como operando todos (dinâmica de urbanização, contextos culturais de moradia, redes de sociabilidade entre moradores, elementos da rotina etc.) na construção de um complexo contexto que inclui os sujeitos desse processo e as relações por eles estabelecidas em suas rotinas diárias.

Entende-se que um estudo, como este, que se propôs investigar elementos constituintes do microssistema familiar de moradores em contexto de remanejamento e reassentamento habitacional não pode desconsiderar a importância de se ter um olhar atento sobre as rotinas e rituais estabelecidos nesse contexto específico. Ou seja, a forma como as pessoas utilizam o seu tempo nas atividades diárias e as relações mantidas nesse momento dizem muito das condições ecológicas em que se dá o seu desenvolvimento cognitivo e social.

Esse tipo de investigação possibilita perceber quais atividades, papéis e relações estão envolvidos na dinâmica do dia-a-dia. Possibilita também perceber características próprias daquele ambiente ecológico, presentes nos modos de organização e estruturação da vida diária e como essas ações revelam a ecologia daquele contexto.

Essas são as razões pelas quais muitos estudos sobre rotinas têm sido realizados, tomando como partida os mais variados contextos ecológicos (Anderson, 2012; Benevides, Cohen, Johnson & Schaaf, 2011; Rodger & Umaibalan, 2011; Spagnola & Fiese, 2007).

Uma vez que as mudanças residenciais não planejadas pressupõem perda de algumas relações estabelecidas com o antigo contexto e novas formas de interação com o atual, o estudo das rotinas com essas populações permite: 1) verificar que tipos de recursos uma pessoa poderá acessar para lidar com essas mudanças de contexto; 2) identificar quais os elementos dessa complexa ecologia que levam a pessoa a se manter estável mesmo diante de mudanças contextuais significativas; e 3) apontar quais elementos presentes nas moradias anterior e atual tornam a dinâmica diária de interação estável ou instável e como os índices de satisfação com esse novo ambiente de convivência se relacionam com as características das rotinas desses sujeitos.

## CAPÍTULO II

Da casa ao apartamento: rotinas diárias e adaptação de moradores na transição entre dois contextos habitacionais

### Resumo

Este estudo objetivou identificar a relação entre as variáveis das rotinas diárias nos períodos pré e pós-remanejamento habitacional e as variáveis de avaliação, positiva ou negativa, dos moradores sobre a nova residência no Conjunto Habitacional Jader Barbalho, em Ananindeua-PA. Os instrumentos utilizados foram o Questionário de Adaptação Habitacional (QAH) e o Inventário de Rotinas (IR). Os dados coletados foram relatados em forma de estatística descritiva e numa perspectiva correlacional. Os resultados indicaram que os participantes eram, em sua maioria, do sexo feminino (94.1%), com média de idade em 38,65 anos, baixa escolaridade e renda média de 1,5 salários por família. De maneira geral, os aspectos relacionados à estrutura da casa atual obtiveram maioria de avaliações positivas, enquanto que alguns serviços e equipamentos públicos presentes na vizinhança receberam maioria de avaliações negativas. A realização do Teste G não paramétrico permitiu verificar associação estatisticamente significativa entre a avaliação pós-remanejamento e variáveis referentes à casa atual: chefia familiar ( $p=0,001$ ), composição da renda ( $p=0,008$ ), privacidade na casa ( $p=0,044$ ), instalação hidráulica ( $p=0,048$ ), relações de vizinhança ( $p=0,001$ ), pretensão à mudança ( $p=0,006$ ), uso do tempo com o cônjuge ( $p=0,042$ ), com os filhos ( $p=0,033$ ) e no local de trabalho extrafamiliar ( $p=0,050$ ). A matriz de correlação apontou correlação forte entre as variáveis: idade e escolaridade dos participantes ( $p=0,000$ ;  $r=-,630$ ), idade e satisfação com a segurança no bairro ( $p=0,001$ ;  $r=-,532$ ), escolaridade e satisfação com o tamanho da casa ( $p=0,004$ ;  $r=0,447$ ) e satisfação com a segurança na casa e no bairro ( $p=0,019$ ;  $r=0,400$ ). Estudos futuros nessa direção deverão envolver amostras de mais de uma área de intervenção urbanística, o que oportunizará comparações entre contextos diversificados em termos sociais, econômicos e culturais, além de possibilitar novos achados para consolidar pesquisas sobre indivíduos que vivenciam mudanças ou transições residenciais inesperadas e suas implicações em termos do desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** Rotinas, remanejamento, adaptação habitacional.

**Abstract:**

This study aimed to identify the relationship between the variables of the daily routine in the pre- and post-housing relocation and the variables assessment, positive or negative, of the residents of the new residence in Housing Complex Jader Barbalho in Ananindeua-PA. The instruments used were the Housing Adaptation Questionnaire (HAQ) and the Inventory routines (IR). The collected data were reported in the form of descriptive statistics and a correlation perspective. Results indicated that participants were mostly female (94,1%), mean age 38,65 years, low education and middle-income salary of 1,5 per family. In general, the aspects related to the current home structure obtained most positive ratings, while some public services and equipment present in the vicinity receive most negative evaluations. The realization of the Test G nonparametric has shown statistically significant association between post-relocation assessment and variables related to current home: family leadership ( $p = 0,001$ ), income composition ( $p = 0,008$ ), privacy in the house ( $p = 0,044$ ), hydraulics ( $p = 0,048$ ), neighborly relations ( $p = 0,001$ ), claim to change ( $p = 0,006$ ), use of time with their spouse ( $p = 0,042$ ), with the children ( $p = 0,033$ ) and in extra-familiar workplace ( $p = 0,050$ ). The correlation matrix showed a strong correlation between the variables: age and education of participants ( $p = 0,000$ ;  $r = -,630$ ), age and satisfaction with security in the neighborhood ( $p = 0,001$ ;  $r = -,532$ ), education and satisfaction with the household size ( $p = 0,004$ ;  $r = 0,447$ ) and satisfaction with security at home and in the neighborhood ( $p = 0,019$ ;  $r = 0,400$ ). Future studies in this area should involve samples from more than one urban area of intervention, which will allow comparisons between different contexts in social, economic and cultural terms, and enable new findings to consolidate research about individuals who experience changes or unexpected residential transitions and their implications in terms of human development.

Key-words: Routines, Relocation, Housing Adaptation.

Atividades rotineiras são acontecimentos da vida diária, fenômenos da realidade empírica que estão limitados concretamente no tempo e no espaço, nos quais certos comportamentos ocorrem influenciados por um determinado contexto e de forma semelhante, produzindo um ambiente de previsibilidade e estabilidade (Carneiro & bindé, 1997; Fiese & Spagnola, 2007). Em sua maioria, os estudos (Fiese & Spagnola, 2007; Silva *et al.*, 2010) que se ocupam das definições e investigações sobre rotinas têm privilegiado sua investigação no âmbito familiar, onde elas são definidas como um conjunto de comportamentos observáveis e que se repetem ao longo do tempo, envolvendo o subsistema familiar. São caracterizadas como tarefas realizadas pelos membros da família que indicam os objetivos dos pais para si próprios e para seus filhos, ou seja, os objetivos individuais e coletivos do grupo familiar. Nesse sentido, as rotinas podem ser exemplificadas por comportamentos como realizar as refeições do dia, assistir televisão, fazer o dever de casa, executar tarefas domésticas, ir à igreja, dormir e repousar, realizar compras no mercado, dentre outras (Fiese *et al.*, 2002; Sheely, 2010).

Outro componente da vida diária em família são os rituais, definidos por Wolin e Bennett, 1984 como cerimônias criadas e mantidas pelas famílias que podem fornecer coerência aos relacionamentos, integrar os membros como um grupo e situá-los no tempo e no espaço. Todas as famílias e culturas criam, estabelecem, alteram e mantêm rituais ao longo do tempo, isto é, eles fazem parte da rotina de qualquer pessoa e são elementos fundamentais da vida em família (Herbert, 2012; Wildenger *et al.*, 2008). Eles podem ser organizados em três categorias: celebrações familiares, tradições familiares e interações familiares padronizadas. Alguns exemplos de rituais comumente citados são as celebrações de Natal e outras datas comemorativas como os aniversários, atividades de domingo e funerais (Wolin & Bennett, 1984).

A literatura apresenta alguns componentes inerentes às rotinas e aos rituais, tais como comunicação, compromisso e continuidade. Ambos os conceitos assumem direção e significado particular quando se considera uma dimensão ou outra. A Tabela 2 foi extraída a partir de um estudo de revisão da literatura que identificou os principais achados em pesquisas sobre rotinas e rituais familiares e outros tipos, num período de 50 anos, tendo sido realizado por Fiese *et al.*, (2002):

Tabela 2

*Rotinas e rituais quanto à comunicação, compromisso e continuidade*

<b>Componentes</b>	<b>Rotinas</b>	<b>Rituais</b>
Comunicação	Instrumental <i>"Isto é o que precisa ser feito."</i>	Simbólica <i>"Isso é o que somos."</i>
Compromisso	Momentâneo <i>"Pouco pensamento consciente dado após o ato."</i>	Afetivo <i>"Isso é o certo."</i>
Continuidade	Ao longo do tempo <i>"Comportamento repetido ao longo do tempo e observado por membros de fora do grupo."</i>	Ao longo das gerações <i>"Significado que se estende ao longo de gerações e é interpretado por membros dentro do grupo."</i>

*Nota:* Tabela retirada de Fiese *et al.*, (2002).

Segundo o sistema de categorias apresentado, as rotinas envolvem uma comunicação instrumental, ou seja, as ações são orientadas em torno das necessidades práticas, como por exemplo, um conjunto de ações que precisam ser realizadas para que todos se alimentem. Nas atividades rotineiras, o compromisso é momentâneo e não há muita reflexão sobre a ação realizada, que assume continuidade ao longo do tempo,

podendo tais práticas ser detectadas por observadores de fora do grupo. Já nos rituais, a comunicação assume uma dimensão simbólica, onde as práticas são realizadas a partir de seu significado para a unidade do grupo, e o compromisso na manutenção da atividade é afetivo. Em outras palavras, nos rituais o tempo dedicado favorece a interação do grupo e promove a sensação de pertencimento, cuja continuidade se dá através das gerações e só pode ser detectada por membros de dentro do grupo (Fiese *et al.*, 2002; Hollinger, 2013).

Apesar das rotinas e rituais apresentarem definições distintas, ambos os conceitos estão associados à ocorrência de interações diárias e têm sido objeto de estudos que visam compreender o que as famílias fazem e como suas práticas diárias podem ser interrompidas ou alteradas em condições de estresse familiar. Esses estudos que envolvem as categorias rotinas, rituais, uso do tempo, são, assim, relevantes, na medida em que a família pode ser compreendida como um sistema organizado onde o comportamento e as representações são codificados para promover desenvolvimento, saúde individual e bem-estar. Pode-se dizer que as rotinas e os rituais tecem as relações que configuram a complexidade da ecologia da família e se constituem como poderosos elementos desse microsistema, constituindo-se em um importante contexto para o desenvolvimento de seus membros. Desse modo, estudos (Bernheimer & Weisner, 2007; Bronfenbrenner, 2011; Fiese, 2007; Fiese & Spagnola, 2007) nessa direção permitem uma análise mais aprofundada das formas específicas pelas quais o uso do tempo afeta a regulação da família e influencia no comportamento e desenvolvimento de seus membros.

Os estudos de Bernheimer e Weisner, 2007; Fiese, 2007; Fiese e Spagnola (2007), dentre outros, mostram que, quando bem estruturadas, as rotinas criam uma realidade social estável e contínua que afirma e mantém a vida das famílias, sendo tal condição importante em termos desenvolvimentais. No entanto, vale ressaltar que nem

todas as alterações na dinâmica familiar vivenciadas pelas pessoas ocorrem de forma pacífica ou estão isentas de se tornarem estressores no curso de vida dos sujeitos, além do mais, cada família e cada indivíduo experimentará situações de estresse sempre de maneira única. Em parte porque diversas situações podem ser consideradas estressoras e a resposta das pessoas a essas condições adversas dependerá de suas características biopsicossociais (Boyce, Jensen, James & Hartnett, 1983; Bronfenbrenner, 2011; Swick & Williams, 2006).

Em resumo, diz-se que as rupturas nas rotinas podem influenciar a capacidade que cada família e cada indivíduo têm de manter rotinas estáveis e previsíveis em contextos de transições (De Caro & Worthman, 2011). Contudo, na literatura científica, os exemplos mais comuns desse tipo de investigação estão localizados na área da saúde. Nela, são vários os estudos que evidenciaram rupturas nas rotinas a partir da investigação com famílias que possuíam crianças com desenvolvimento atípico (Altiere & Von Kluge, 2009; Benevides *et al.*, 2011; Ingersoll, & Hambrick, 2011; Marques & Mar, 2011; Rodger & Umaibalan, 2011; Smith & Elder, 2010) ou que possuíam problemas de obesidade (Anderson & Whitaker, 2010; Anderson, 2012).

Ao investigar a literatura científica sobre o tema, também foram encontrados estudos que avaliaram os níveis de estresse parental de pais com crianças em idade escolar (DeCaro & Worthman, 2011), mudanças na rotina das famílias de crianças que transitaram para a escola primária (Wildenger *et al.*, 2008), alterações na vida diária com a chegada de um bebê (Boehs, Grisotti & Aquino, 2007; Pereira & Piccinini, 2007), alterações nas práticas e rituais e no sentimento de pertencimento de imigrantes que se expõem a culturas diferenciadas (Herbert, 2012) e rotinas diárias na transição familiar ocorrida por desastres naturais (Boehs & Fernandes, 2013). Outras investigações mais recentes sobre rotinas apontam para a presumida influência de variáveis relacionadas às condições econômicas, características do emprego dos pais e

estratégias de administração do tempo para a manutenção da regularidade das rotinas (Budesco & Taylor, 2013; Ferreti & Bub, 2014; Seo & Moon, 2012; Sheely, 2010).

A situação de vulnerabilidade social relacionada à mobilidade residencial constante, também é apontada em estudos sobre rotinas familiares como causadora de sérios impactos na dinâmica familiar, pela ausência de moradia específica, resultando em perda de privacidade, ausência de controle das rotinas diárias, perda de suporte social e/ou recursos econômicos e altos níveis de estresse pela mobilidade constante, dentre outros (Busacker & Kasehagen, 2012; Swick & Williams, 2006). Este tipo de abordagem é de fundamental importância quando se quer compreender aspectos do comportamento e do desenvolvimento humano nos contextos de rupturas de rotinas, seguidos da pesquisa sobre transições ambientais e ecológicas. Esses processos são marcados por propostas de adaptação às estruturas físicas e relacionais diferenciadas que estão presentes nas mudanças que alteraram a estrutura da casa de origem e do seu entorno, das ruas, das redes sociais e laços de vizinhança.

Entre as famílias que podem vir a vivenciar processo de ruptura em suas rotinas e rituais destacam-se aquelas situadas nos perímetros de intervenção de projetos governamentais que propõem urbanização e integração de áreas consideradas ambientalmente impróprias quando comparadas às áreas centrais. Nesse contexto, coloca-se a demanda pela construção de habitações para essa população e a consequente necessidade de adaptação dos moradores e das famílias envolvidas ao novo contexto de vida (Cardoso, Pereira & Negrão, 2013; Carneiro, Almeida & Barbosa, 2011; Cernêa 1996; Moura, 2010; Santana, Oliveira & Maués, 2013).

### **Remanejamento e reassentamento habitacional como contexto para o estudo das rotinas**

A discussão sobre a urbanização de assentamentos precários que conta com alargamentos de vias, obras de drenagem, saneamento, remanejamento de pessoas e reassentamentos para unidades habitacionais, tornou-se frequente na literatura, em

função das modificações que são esperadas nas características do espaço físico e social e na necessidade de aprimoramento dessas ações para melhor garantir o acesso à moradia de qualidade. Entre os estudos (Cardoso, Aragão & Araújo, 2013; Corrêa, 1993; Fernandes, 2008; Filho & Soares, 2011) que elegem essa discussão, alguns autores argumentam que, dentro do espaço urbano, percebem-se configurações tão distintas uma da outra que acabam por sugerir a existência de duas cidades. A primeira cidade, chamada cidade formal ou legal, é o espaço saneado, habitado de maneira ordenada e com um fluxo contínuo de serviços destinados a suprir suas demandas. A segunda, denominada cidade informal ou ilegal, é caracterizada pelo espaço ocupado e estruturado pelos próprios moradores, constituída a margem da cidade formal e erguida para funcionar como alternativa à impossibilidade de aquisição do espaço urbanizado, em função do custo que é agregado a ele. A cidade informal também funciona como o espaço possível mais próximo das oportunidades de trabalho e de acesso aos serviços públicos e privados.

Esse quadro descrito por Cardoso, Aragão e Araújo (2013), Corrêa (1993), Fernandes (2008), Filho e Soares (2011), reporta-se à realidade de uma parte significativa da população socioeconomicamente vulnerável da América Latina, que habita espaços urbanos fragmentados e articulados nas grandes cidades. Assim, esses espaços informais ou periféricos possuem características próprias da realidade objetiva e subjetiva na qual eles são construídos, sendo organizados a partir de repertórios simbólicos, representações e modelos de habitações inerentes aos sujeitos que neles atuam. Em função da escassez de recursos, em geral, esses espaços são descritos como áreas sem saneamento, transporte, equipamentos públicos comunitários, entre outros. Apresentam ainda problemas como poluição do meio ambiente, violência, favelas e loteamentos clandestinos.

Esses espaços informais ou periféricos apresentam, segundo Bonduki (2008), Correa (1993) e Rubin (2013) áreas marcadas pela precariedade das moradias e da estrutura de serviços públicos, sendo por isso denominados de assentamentos precários ou irregulares, a principal forma de abrigar a população de baixa renda nos países em desenvolvimento. No Paquistão, os assentamentos precários são chamadas de Katchi Abadis; em Cuba, são denominados Focos Insalubres; na Índia, são os *Bustees*; no Peru, *Barriadas*; no México, Colônias Populares; e, no Brasil, são reconhecidos como Favelas (Baltrusis, 2004).

A questão das favelas ou assentamentos precários foi tratada ao longo do tempo de diferentes formas pelos diversos países e governos nos quais a situação se apresentou, onde foram criadas políticas e programas de erradicação dos assentamentos e, posteriormente, políticas de urbanização e regularização. Essas ações de intervenção no espaço urbano, sobretudo nas áreas constituídas informalmente, ganharam mais visibilidade nos últimos anos, tendo como principais instrumentos para sua efetivação organismos como o Ministério das Cidades, criado em 2003; a Política Nacional de Desenvolvimento Urbano (PNDU) aprovada em 2004 e seus instrumentos: o Sistema Nacional de Habitação (SNH), o Desenvolvimento Institucional, o Sistema de Informação, Avaliação e Monitoramento da Habitação, e o Plano Nacional de Habitação. Destaca-se que o SNH inclui ainda a existência de dois subsistemas: o de Habitação de Mercado e o de Habitação de Interesse Social (SNHIS). Este último tem como principal objetivo garantir que os recursos públicos sejam destinados exclusivamente a subsidiar a população de mais baixa renda, onde se concentra a maior parte do *déficit* habitacional brasileiro (Borges, 2013; Holanda, 2011; Santana, Holanda & Moura 2012; Moreira & Leme, 2011).

Dessa forma, o Ministério das Cidades passou a gerir programas habitacionais com recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), do Orçamento

Geral da União (OGU), do Fundo de Arrendamento Residencial (FAR), vinculado ao FGTS e do Fundo de Desenvolvimento Social (FDS), contando com a Caixa Econômica Federal como principal agente operador desse sistema. Dentre os programas habitacionais, destaca-se o Programa de Urbanização, Regularização e Integração de Assentamentos Precários, o qual visa apoiar estados, Distrito Federal e municípios nas intervenções necessárias à regularização fundiária, segurança, salubridade e habitabilidade de população localizada em área inadequada à moradia ou em situações de risco, visando a sua permanência ou realocação, por intermédio da execução de ações integradas de habitação, saneamento ambiental e inclusão social (Ministério das Cidades, 2015; Shimbo, 2010).

De maneira geral, as ações que visam realocação ou remanejamento<sup>1</sup> de pessoas vão além da atuação dos projetos habitacionais, elas também podem ser acionadas em situações de catástrofes naturais, questões político-sociais, como transferências de grupos de refugiados de um país para o outro ou de ordem econômica na construção de obras de interesse público ou social que afetam os moradores das proximidades. Em suma, trata-se de programas e projetos de desenvolvimento que implicam em remanejamento e na criação de espaços de assentamento e habitação para a população afetada. Nos espaços de habitações irregulares, conforme mostram estudos realizados por Araújo e Costa (2013), Cernêa (1996), Denaldi (2009), Rocha (2009) e Rolnik (2012), as intervenções em assentamentos precários geralmente incidem em remanejamento e reassentamento de populações em áreas urbanas com o objetivo de: 1) melhorar as condições de moradia das pessoas que moram em localidades ambientalmente frágeis, por meio de urbanização, construção de equipamentos comunitários; 2) melhorar as habitações por meio da produção de novas moradias como

---

<sup>1</sup> A literatura sobre o tema apresenta termos como “remanejamento”, “reassentamento involuntário”, “transferência”, “desalojamento involuntário”, “remoção”, “relocação”, “desocupação”, dentre outros para definir a condição pela qual moradores passam a partir de intervenções ocasionadas em seus espaços de moradia. Para o presente trabalho, utiliza-se as nomenclaturas: remanejamento e reassentamento habitacional.

apartamentos e/ou lotes urbanizados, destinados aos moradores removidos dos assentamentos precários.

Do ponto de vista da concepção dos projetos das habitações, uma vez remanejada, a população passa a experimentar formas diferenciadas de convivência com o espaço doméstico, pois essas unidades habitacionais são concebidas e construídas de maneira padronizada, em sua maioria, com a tipologia própria de apartamento, o que contrasta com as características da moradia de origem dessa população, geralmente, casa de madeira, em assentamentos precários, marcados pela ausência de saneamento básico, dentre outros entraves próprios dessas habitações (Araújo & Costa, 2013; Cernêa, 1996; Denaldi, 2009; Rocha, 2009; Rolnik, 2012). Desse modo, populações remanejadas e reassentadas podem ser levadas a conviver em moradias que possuem tipologias muito distintas uma da outra, especialmente no que diz respeito à organização e o uso do espaço doméstico, sendo este um aspecto que pode ter influência sobre a forma como a família organiza e usa o tempo em suas rotinas e as relações nas atividades diárias.

Por sua vez, a forma como essas populações lidam com as variações características de espaços tanto física quanto relacionalmente diferentes pode sofrer influência de múltiplos fatores e, conseqüentemente, ter implicações na maneira como o processo de adaptação habitacional irá acontecer, se com maior ou menor nível de satisfação pelo morador (Faustino *et al.*, 2007; Felipe, 2010; Malard, 2006; Malard, Conti, Souza & Campomori, 2002).

Felipe (2010) afirma que, ao avaliar locais de vida cotidiana, como por exemplo, a casa, as pessoas tendem a fazer relações de caráter utilitário, dando prioridade a função e a serventia de certos objetos, elementos e lugares, como água e fogo, luz e sombra, movimento e vazio, interior e exterior. Logo, o interior da casa pode ser caracterizado como o espaço seguro, livre e privado em detrimento do exterior que

desperta, por exemplo, sensações de perda, obscuridade e perigo. Contudo, por vezes, esse ambiente externo coloca ao morador a possibilidade de expandir e incorporar espaços alheios como se fosse parte da sua casa. Essa é a razão pela qual alguns agentes envolvidos na concepção arquitetônica dos espaços de habitação defendem a busca pelo sentido próprio da arquitetura. Ou seja, trata-se de uma concepção de ambientes de moradia baseada nas características, inerentes ao homem, que são projetadas no espaço, entendendo que a arquitetura só encontra seu sentido ao fazer parte da experiência da pessoa no mundo. Isso pressupõe ainda a superação de justaposições de espaços físicos para integrar o conjunto de relações, atos e atividades cotidianos neles estabelecidos (Faustino *et al.*, 2007; Felipe, 2010; Malard, 2006; Malard, Conti, Souza & Campomori, 2002).

Como os espaços informais ou periféricos da cidade possuem características próprias e as habitações de destino da população situada nas áreas de intervenção apresentam uma proposta de habitação diferenciada, algumas ferramentas foram desenvolvidas para acompanhar esse processo de remanejamento e reassentamento, na tentativa de avaliar a efetividade dos planos e projetos e a adaptação dos moradores. Entre elas, a Avaliação Pós-ocupação (APO) destaca-se como um instrumento que permite ao morador expor suas considerações sobre a nova moradia, os serviços públicos e sociais a que tem acesso e as possibilidades no sentido de organizar e ampliar sua vida social e comunitária (Ministério das Cidades, 2015; Caixa Econômica Federal, 2013; Medvedovski, 2002).

Muitos aspectos relevantes foram detectados em estudos (Bonatto, 2010; Coswig, Anapolski & Medvedovski, 2010; Lima, 2011; Oliveira, 2012; Pereira, 2013; Rito, 2012; Silvestre, 2013; Theophilo, 2014; Vale, 2012) sobre avaliações pós-ocupação com populações remanejadas, onde as avaliações negativas estiveram relacionadas à segurança, aos problemas nas estruturas das unidades habitacionais, além

de itens relacionados ao conforto, barulho, falta de espaço interno, tamanho e posição de determinados cômodos, custo dos impostos e ineficiência ou inexistência de alguns equipamentos e serviços públicos. Entre os aspectos positivos, esses mesmos estudos destacaram o saneamento, a aparência das edificações e a legalização da propriedade. É importante destacar que, nos estudos revisados (Oliveira, 2012; Pereira, 2013), houve predomínio de avaliações positivas no que se refere ao período que sucedeu a experiência do remanejamento habitacional, sobretudo quando os moradores foram levados a comparar as moradias anterior e atual.

A condição de populações remanejadas e reassentadas coloca aos moradores e suas famílias uma situação relevante para estudo, constituindo como um problema de pesquisa importante suas práticas diárias antes e depois da mudança. Isso porque, com a mudança residencial, ocorre uma alteração na condição ecológica do ambiente imediato do morador, demandando um novo processo de acomodação – necessariamente, bidirecional – entre pessoa e ambiente, conforme previsto por Bronfenbrenner (1996; 2011). Em outras palavras, os aspectos físicos, pessoais, sociais e simbólicos desse processo de acomodação revelam formas particulares de agir e interagir desses sujeitos no novo contexto, de forma a buscar a consolidação das mudanças em curso.

Sendo assim, as práticas diárias, próprias de cada comunidade e de cada microssistema familiar, podem funcionar como indicadores da intensidade com que certas mudanças na composição desse tipo de ambiente ecológico afetam positiva ou negativamente a dinâmica diária dos sujeitos envolvidos, neste caso, moradores e suas famílias no contexto do remanejamento habitacional. Em função do exposto, o presente estudo delimitou as situações de remanejamento e reassentamento habitacional como contexto para estudo de rotinas familiares, o que, supõe-se, permitirá perceber as alterações sofridas na dinâmica diária dos moradores em função da mudança residencial

e sua possível associação com as características das moradias anterior e atual, e sua avaliação positiva ou negativa delas.

## **Método**

### *Delineamento e tipo de estudo:*

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, de caráter descritivo e correlacional.

### *Contexto:*



*Figura 3*

Conjunto Habitacional Jader Barbalho (Pesquisa de campo, 2014).

O estudo foi realizado no Conjunto Jader Barbalho, situado na área do Jaderlândia no bairro do Una, no Município de Ananindeua-PA. Segundo Araújo e Costa (2013) a área do Jaderlândia foi ocupada em 1983, onde boa parte da população residente ocupava locais impróprios para habitação e marcados pelo descaso por parte do poder público. De uma meta de 368 famílias, foram remanejadas 330 para o Conjunto Jader Barbalho, situado no mesmo perímetro onde estavam previstas as ações

de urbanização. A imagem a seguir ilustra as características predominantes dos ambientes de moradia anteriores ao remanejamento habitacional.



*Figura 4*

Passagem Helder Barbalho- Jaderlândia antes do remanejamento (retirado de Dias, 2012).

*Ambiente:*

A coleta de dados ocorreu nas casas/ unidades habitacionais para as quais os moradores foram remanejados, sendo em algumas situações, realizada nos corredores ou na porta das unidades do conjunto.

*Participantes:*

Entre as 330 unidades habitacionais visitadas, responderam ao Questionário de Adaptação Habitacional o quantitativo de 102 moradores, entre os quais foi selecionada uma amostra de 34 moradores para inclusão no presente trabalho. A escolha dos participantes obedeceu aos critérios: idade a partir de 18 anos, histórico de remanejamento e algum grau de responsabilidade sobre os demais membros da família. Quanto à delimitação da amostra, esta se deu por conveniência, onde foram inseridos os

moradores que aceitaram participar e foram considerados para a pesquisa os dados dos participantes que responderam aos dois instrumentos (IR e QAH).

*Instrumentos e materiais:*

Para coleta de dados foram utilizados o Inventário de Rotinas (IR) e o Questionário de Adaptação Habitacional (QAH). O primeiro instrumento (ANEXO A) tem por objetivo verificar a quantidade e a variedade de atividades cotidianas realizadas pela família com o maior nível de abrangência possível. O mesmo foi proposto inicialmente pelos pesquisadores norte-americanos Boyce, Jensen, James e Peacock (1983), e posteriormente, baseado nesse instrumento amplamente utilizado em pesquisas, Silva, Pontes, Santos, Maluschke, Mendes, Reis & Silva (2010) construíram o Questionário de Rotinas Familiares, que obedeceu à noção de que as rotinas são estruturadas de acordo com o contexto cultural e sua investigação deve objetivar colher informações sobre as atividades, os espaços e os contextos interacionais. Trata-se de um instrumento composto por duas planilhas, cada uma com os seguintes itens: atividade, local, companhia e observações (na posição horizontal) e horários da madrugada, manhã, tarde e noite (na posição vertical).

O Questionário de Adaptação Habitacional (ANEXO B), Originalmente denominado de Avaliação Pós Ocupação (APO), é um instrumento com abordagem multimétodo que possibilita a realização de uma avaliação rigorosa e sistematizada de edifícios e habitações coletivas após sua construção e ocupação. No âmbito internacional, os estudos de Van der Ryn, 1967; Markuz, 1972 e Manning, 1965 foram os primeiros a implementar esse tipo de avaliação. No Brasil, a Avaliação Pós-ocupação passou a ser utilizada por volta do final da década de 80, principalmente no ambiente acadêmico, conforme aponta a literatura (Ornstein & Ono, 2010) e, posteriormente,

incorporada aos projetos arquitetônicos, com o objetivo de contribuir no desenvolvimento de propostas projetuais (Elali, 2010).

Em função do alcance valioso deste tipo de pesquisa para a compreensão dos impactos gerados pelos remanejamentos forçados, a Universidade Federal do Pará, através das Faculdades de Arquitetura e Serviço Social, vem realizando pesquisas junto às populações que com histórico de remanejamento por meio deste questionário que, na versão utilizada neste estudo, sofreu algumas adaptações, sobretudo com a inclusão de um quadro que permite a comparação da situação das casas anterior e atual e passou a ser, preferencialmente, denominado de questionário de adaptação habitacional.

Em sua mais recente configuração, o Questionário de Adaptação Habitacional está dividido em quatro eixos: I- Sociodemográfico (três subitens); II- Antes e Depois: comparativo entre a casa atual e a anterior (oito itens); III- Situação atual (sete itens); IV- Avaliação e perspectivas (seis subitens). Trata-se de um instrumento que, das 72 assertivas que o compõem, 36 são questões fechadas que avaliam em uma escala *Likert* a percepção dos moradores em relação aos seus com níveis de satisfação, que variaram de ótimo e bom a regular, ruim, e não soube avaliar (n.s.a). Em termos da avaliação qualitativa da moradia as demais questões se dividem entre algumas que requerem respostas de sim ou não e outras semi direcionadas, onde o morador responde de forma mais abrangente à questão apresentada.

#### *Procedimento de coleta de dados:*

A coleta dos dados teve início com a visita às unidades habitacionais onde foram apresentados aos moradores os objetivos da pesquisa, assim como foi lido e assinado por eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo C). Feito isso, os instrumentos de coleta dos dados começaram a ser aplicados. Por tratar-se de um instrumento que permite qualificar os espaços e os serviços relacionados às moradias

anterior e atual, isto é, antes e depois do período de remanejamento da população, o Questionário de Adaptação Habitacional foi o primeiro a ser utilizado. O questionário foi aplicado uma única vez com cada morador que aceitou o convite para colaborar com a pesquisa, sendo este convidado a avaliar aspectos da moradia anterior (casa) e atual (apartamento). Posteriormente os participantes responderam questões referentes especificamente à sua rotina no período anterior e posterior à experiência do remanejamento habitacional. Os participantes forneceram dados sobre a sua rotina na semana (segunda a sexta-feira, por exemplo) e no fim de semana (sábado e/ou domingo), reportando-se às atividades diárias realizadas ora na moradia anterior, ora na atual. Esse procedimento foi utilizado para levantar dados sobre a companhia (pessoas), o local (espaços) e o tempo (minutos) com o objetivo de associá-los às atividades diárias reportadas.

*Procedimento de análise de dados:*

Os dados contidos no Questionário de Adaptação Habitacional foram organizados em tabelas no programa SPSS20, o que permitiu apresentar os principais resultados em estatística descritiva, destacando-se, através da realização do Teste G, do tipo não paramétrico, as frequências e os percentuais de características pessoais e contextuais referentes aos participantes e a forma como essas variáveis estão relacionadas ao seu nível de satisfação no período pós-remanejamento habitacional. Em seguida, foram definidas variáveis socioeconômicas e de avaliação positiva ou negativa sobre a nova moradia para verificar a existência de correlação entre as categorias mencionadas, o que permitiu organizar esses dados na Matriz de Correlação.

Para otimizar as análises sobre os índices de satisfação desses moradores, as questões cujas categorias de resposta eram do tipo “ótimo” e “bom” foram representadas pela categoria “avaliação positiva” e as definidas como “regular” e “ruim” consideradas

como “avaliação negativa”. Com isso, foi possível verificar os perfis dos moradores segundo sua avaliação em relação à nova moradia no pós-remanejamento e indicar a existência ou não de relações significativas entre variáveis pesquisadas, considerando-se que o *p-valor* com coeficiente a 1% ou 5% indica associação estatisticamente significativa entre variáveis.

Em relação aos dados coletados pelo Inventário de Rotinas, foram geradas categorias a partir das descrições do tempo gasto em cada uma das atividades, companhias e locais mencionados. Este procedimento foi feito com auxílio do programa Excel 2010, sendo calculados os percentuais que representam, por exemplo, a quantidade de tempo utilizada em cada atividade por contexto (casa anterior e casa atual), e o mesmo foi feito em relação às demais categorias (companhia e local).

A tabela 3 apresenta as definições necessárias em relação a categorias mencionadas pelos participantes:

Tabela 3

*Definições das categorias dos elementos mencionados nas rotinas do morador*

<b>Categoria</b>	<b>Definições</b>
<b>Cuidado (outros)</b>	Todas as tarefas relativas ao cuidado com outras pessoas (crianças, idosos, doentes etc) e que pressupõe contato pessoal e interações face-a-face. São exemplos: “cuidar de bebês”, “alimentar os filhos”, “fazer o filho dormir”.
<b>Cuidado Pessoal</b>	Todas as tarefas relativas à higiene e ao ato de se vestir, pentear, arrumar para eventos, etc.
<b>Estudo</b>	Momento dedicado às tarefas escolares sejam elas realizadas dentro da escola ou

---

	na residência.
<b>Lazer</b>	Atividades praticadas no período de tempo livre e que envolvem o exercício de algum divertimento, entretenimento ou distração. São comportamentos dessa categoria: “conversar”, “assistir televisão”, “jogar futebol”, “visitar parentes” etc.
<b>Prática Religiosa</b>	Todas as atividades de caráter religioso, desde “orar sozinho” a “participar de um culto”.
<b>Tarefa doméstica</b>	Atividades relacionadas ao cuidado e manutenção do espaço doméstico. São exemplos dessa atividade: “varrer casa”, “lavar louça”, “ir à feira” etc.
<b>Trabalho Extra-familiar</b>	Atividade remunerada ou que vise a obtenção de lucro, localizada fora do ambiente doméstico.
<b>Trabalho Intra-familiar</b>	Atividade remunerada ou que vise a obtenção de lucro, localizada no ambiente doméstico. São exemplos: confecções de artesanatos para venda, taverna/bar na casa etc.

---

As categorias apresentadas na tabela 3 foram organizadas com base no estudo de Silva, Pontes, Santos, Maluschke, Mendes e Silva, (2010), com algumas adaptações em função de peculiaridades referentes ao contexto do presente estudo, tais como o local de trabalho, que, para o presente estudo, foi dividido em “intrafamiliar” para melhor qualificar as atividades com objetivo de obtenção de renda que ocorrem no âmbito

residencial e “extrafamiliar”, para qualificar as atividades remuneradas que ocorrem em outros espaços fora da residência.

Após organização e apresentação dos percentuais gerais que indicam o uso do tempo relativo às atividades, companhias e locais citados, apenas as categorias que obtiveram os maiores percentuais foram selecionadas. Este procedimento permitiu indicar as seguintes categorias quando considerado o uso do tempo nos dois contextos pesquisados – a moradia anterior e a moradia atual: “aumentou”, “diminuiu”, “não alterou” ou “sem frequência”. Na sequência, as referidas categorias de usos do tempo foram relacionados ao nível de satisfação do morador no pós-remanejamento habitacional, a partir do Teste G. Este teste, considerado não paramétrico, teve como finalidade apresentar um perfil dos participantes deste estudo em relação ao uso que fazem do tempo por atividade, companhia e local segundo sua avaliação mais positiva ou mais negativa acerca dos efeitos da mudança residencial em suas rotinas diárias.

## **Resultados**

### *Características dos participantes:*

Os dados indicaram uma amostra constituída, em maioria, por participantes do gênero feminino (94,1%), com predomínio das faixas etárias de 20 a 29 anos (29,4%), 30 a 39 anos (26,5%) e 40 a 49 anos (26,5%) e média de idade de 38,65 anos. Em geral, os participantes se dividiram entre os que possuíam escolaridade equivalente ao nível fundamental incompleto (50%) e ensino médio incompleto (23,5%).

A Tabela 4 apresenta as frequências e a associação apurada entre variáveis pessoais (morador) e contextuais (moradia anterior e atual) em relação à avaliação pós-remanejamento, ou seja, a consideração de aspectos positivos e negativos que representam a casa atual e que a diferenciam ou a assemelham à casa anterior.

Tabela 4

*Frequência e associação das variáveis pessoais e contextuais de acordo com a avaliação pós-remanejamento (N=34)*

Variável	Avaliação Positiva (n=32)	Avaliação Negativa (n=2)	p -valor
<b>Características dos participantes</b>			
<b>Gênero</b>			
Masculino	2 (100%)	0 (0%)	0,716
Feminino	30 (93,8%)	2 (6,2%)	
<b>Idade</b>			
Até 18 anos	0 (0%)	1 (100%)	0,117
20 a 29 anos	10 (100%)	0 (0%)	
30 a 39 anos	8 (88,9%)	1 (11,1%)	
40 a 49 anos	9 (100%)	0 (0%)	
50 anos ou mais	5 (100%)	0 (0%)	
<b>Escolaridade</b>			
Analfabeto	1 (100%)	0 (0%)	0,879
E.F.I	16 (94,1%)	1 (5,9)	
E.F.C	2 (100%)	0 (0%)	
E.M.I	7 (87,5%)	1 (12,5%)	
E.M.C	6(100%)	0 (0%)	
<b>Casa Anterior</b>			
<b>Nº de moradores</b>			
1 a 3	6 (85,7%)	1 (14,3%)	0,704
4 a 6	18 (94,7%)	1 (5,3%)	
7 a 9	7 (100%)	0 (0%)	
10 pessoas ou mais	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Composição familiar</b>			
Pais e filhos	16 (94,1%)	1 (5,9%)	0,979
Mãe e filhos	3 (100%)	0 (0%)	
Família e agregados	11 (91,7%)	1 (8,3%)	
Outros	1 (100%)	0 (0%)	
Não respondeu	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Chefia familiar</b>			
Pai	21 (95,5%)	1 ( 4,5%)	0,230
Mãe	9 (100%)	0 (0%)	
Avó	1 (100%)	0 (0%)	
Outros	1 (50%)	1 (50%)	
<b>Renda (salários mínimos)</b>			
Até 1	15 (100%)	0 (0%)	0,442
1 a 3	13 (86,7%)	2 (13,3%)	
3 a 5	3 (100%)	0 (0%)	
n.s.a	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Componentes da renda</b>			
Trabalho formal	8 (88,9%)	1 (11,1%)	0,259
Trabalho informal	7 (100%)	0 (0%)	
Benefício social	5 (100%)	0 (0%)	
Formal e informal	1 (50%)	1 (50%)	
Formal e benefício	2 (100%)	0 (0%)	
Informal e benefício	7 (100%)	0 (0%)	
Formal, informal e benefício	1 (100%)	0 (0%)	
Outros	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Situação da casa</b>			

Casa própria	29 (93,5%)	2 (6,5%)	0,977
Casa alugada	1 (100%)	0 (0%)	
Casa cedida	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Tipo de construção</b>			
Madeira	25 (96,2%)	1 (3,8%)	0,214
Alvenaria	4 (100%)	0 (0%)	
Palafita	3 (75%)	1 (25%)	
<b>Nº cômodos</b>			
1 cômodo	4 (100%)	0 (0%)	0,552
2 cômodos	6 (85,7%)	1 (14,3%)	
3 cômodos	10 (90,9%)	1 (9,1%)	
Mais de 3 cômodos	12 (100%)	0 (0%)	
<b>Casa atual</b>			
<b>Nº moradores</b>			
1 a 3	8 (88,9%)	1 (11,1%)	0,742
4 a 6	20 (95,2%)	1 (4,8%)	
7 a 9	4 (100%)	0 (0%)	
<b>Composição familiar</b>			
Pai/ mãe e filhos	15 (93,8%)	1 (6,2%)	0,986
Pai/mãe	1 (100%)	0 (0%)	
Mãe/ filhos	4 (100%)	0 (0%)	
Família e agregados	10 (90,9%)	1 (9,1%)	
Outros	1 (100%)	0 (0%)	
Não respondeu	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Chefia familiar</b>			
Pai	22 (95,7%)	1 (4,3%)	0,001**
Mãe	10 (100%)	0 (0%)	
Outros	0 (0%)	1 (100%)	
<b>Renda (salários mínimos)</b>			
Até 1	13 (100%)	0 (0%)	0,475
1 a 3	18 (90%)	2 (10%)	
De 3 a 5	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Componentes da renda</b>			
Trabalho formal	11 (91,7%)	1 (8,3%)	0,008**
Trabalho informal	6 (100%)	0 (0%)	
Benefício social	4 (100%)	0 (0%)	
Formal e informal	0 (0%)	1 (100%)	
Formal e benefício	2 (100%)	0 (0%)	
Informal e benefício	8 (100%)	0 (0%)	
n.s.a	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Situação da casa</b>			
Casa própria	28 (93,3%)	2 (6,7%)	0,868
Casa alugada	2 (100%)	0 (0%)	
Outros	2 (100%)	0 (0%)	
<b>Tipo de construção</b>			
Alvenaria	32 (94,1)	2 (5,9%)	0,214
<b>Nº cômodos</b>			
Mais de 3	32 (94,1)	2 (5,9%)	0,552

\*\* $p < 0,01$  \* $p < 0,05$

A Tabela 4 apresenta resultados do Teste G que foi utilizado para verificar se haveria ou não dependência entre as variáveis de caracterização dos participantes e sua avaliação sobre a moradia no pós-remanejamento. Segundo os resultados obtidos, foi possível identificar associação estatisticamente significativa entre chefia familiar na moradia atual e a avaliação após o remanejamento (Teste G= 16,72;  $p= 0,001$ ; Sig.=

1%), indicando que a condição de estar mais ou menos satisfeito irá depender de quem exerce a chefia na casa atual, se o homem ou a mulher. A variável composição da renda atual também apresentou associação significativa com o desfecho estudado (Teste G= 17,44; p= 0,008; Sig.= 1%), demonstrando as fontes de recursos financeiros atuais como influentes na avaliação após a mudança residencial.

*Orçamento doméstico nas moradias anterior e atual:*

A Tabela 5 apresenta os dados sobre o orçamento doméstico nos dois contextos investigados (moradia anterior e atual) quanto ao pagamento da taxa de serviços como Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU), energia elétrica e água.

Tabela 5.

*Frequência e distribuição dos participantes segundo o pagamento da taxa de IPTU, energia elétrica e água na moradia anterior e na atual (N=34)*

Variável	Moradia Anterior	Moradia Atual
<b>IPTU</b>		
Paga	0 (0%)	30 (88,2%)
Não paga/isento	34 (100%)	4 (11,8%)
<b>Energia elétrica</b>		
Paga	19 (55,9%)	33 (97,1%)
Não paga/isento	15 (44,1%)	1 (2,9%)
<b>Água</b>		
Paga	5 (14,7%)	33 (97,1%)
Não paga/isento	29 (85,3%)	1 (2,9%)

Os dados sobre o pagamento das taxas de serviços sugerem que, após o remanejamento, houve um aumento considerável nos gastos familiares em relação às taxas dos serviços de energia elétrica e água. Destaca-se que o pagamento do IPTU, que

não se mostrava presente nos orçamentos domésticos na casa anterior, após a mudança residencial, passou a fazer parte dos gastos familiares de quase todos os participantes.

A pesquisa também revelou que, em relação aos produtos e serviços mais mencionados no orçamento familiar da casa anterior, a alimentação foi citada em 76,5% das respostas, seguida de energia elétrica e gás, ambos com 55,9%, e compra de medicamentos com 44,1%. Outros itens citados com menor frequência foram: água e vestuário (ambos com 20,6%) e plano de saúde com 14,7%. Na moradia atual, os custos com água e energia elétrica passaram a representar 94%. Os gastos com alimentação mostraram pequena redução (73,5%), assim como despesas com gás, que caiu para 52,9% e o vestuário para 17,6%. Os custos com medicamentos se mantiveram estáveis, com mesmos percentuais (44,1%), enquanto os investimentos em planos de saúde apresentaram crescimento na moradia atual (20,6%).

A Tabela 6 apresenta os escores de avaliação positiva ou negativa sobre a moradia atual em relação à satisfação pós-remanejamento.

Tabela 6.

*Frequência e associação das variáveis de satisfação sobre a moradia atual de acordo com a avaliação pós-remanejamento*

<b>Variável</b>	<b>Avaliação Positiva (n=32)</b>	<b>Avaliação Negativa (n=2)</b>	<b>p –valor</b>
<b>Aparência da casa</b>			
Positiva	26 (96,3%)	1 (3,7%)	0,289
Negativa	6 (85,7%)	1 (14,3%)	
<b>Tamanho da cozinha</b>			
Positiva	3 (100%)	0 (0%)	0,650
Negativa	29 (93,5%)	2 (6,5%)	
<b>Tamanho do banheiro</b>			
Positiva	12 (100%)	0 (0%)	0,282
Negativa	20 (90,9%)	2 (9,1%)	
<b>Tamanho dos quartos</b>			

Positiva	20 (95,2%)	1 (4,8%)	0,724
Negativa	12 (92,3%)	1 (7,7%)	
<b>Iluminação natural</b>			
Positiva	25 (96,2%)	1 (3,8%)	0,363
Negativa	7 (87,5%)	1 (12,5%)	
<b>Conforto térmico</b>			
Positiva	13(100%)	0 (0%)	0,251
Negativa	19 (90,5%)	2 (9,5%)	
<b>Privacidade na casa</b>			
Positiva	21 (100%)	0 (0%)	0,044*
Negativa	9 (81,8%)	2 (18,2%)	
n.s.a	2 (100%)	0 (0%)	
<b>Instalação hidráulica</b>			
Positiva	22 (100%)	0 (0%)	0,048*
Negativa	10 (83,3%)	2 (16,7%)	
<b>Segurança na casa</b>			
Positiva	11 (91,7%)	1 (8,3%)	0,654
Negativa	21(95,5%)	1 (4,5%)	
<b>Privacidade entre casas</b>			
Sim	12 (100%)	0 (0%)	0,868
Não	19 (90,5%)	2 (9,5%)	
n.s.a	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Ruído Urbano</b>			
Positiva	6 (100%)	0 (0%)	0,500
Negativa	26 (92,9%)	2 (7,1%)	
<b>Relações de vizinhança</b>			
Positiva	25 (100%)	0 (0%)	0,015*
Negativa	7 (77,8%)	2 (22,2%)	
<b>Coleta de lixo</b>			
Positiva	25 (96,2%)	1 (3,8%)	0,362
Negativa	7 (87,5%)	1 (12,5%)	
<b>Serviços públicos de saúde</b>			
Positiva	2 (100%)	0 (0%)	0,706
Negativa	28 (93,3%)	2 (6,7%)	
n.s.a	2 (100%)	0 (0%)	
<b>Serviços de segurança</b>			
Positiva	1 (100%)	0 (0%)	0,800
Negativa	31 (93,9%)	2 (6,1%)	
<b>Espaços de recreação/ áreas de lazer</b>			
Positiva	1 (100%)	0 (0%)	0,786
Negativa	27 (93,1%)	2 (6,9%)	

n.s.a	4 (100%)	0 (0%)	
<b>Telefones públicos, paradas de ônibus, bancos, lixeiras</b>			
Positiva	3 (100%)	0 (0%)	0,639
Negativa	27(93,1%)	2 (6,9%)	
n.s.a	2 (100%)	0 (0%)	n.s.a
<b>Supermercados e mercadinhos</b>			
Positiva	21 (95,5%)	1 (4,5%)	0,606
Negativa	10 (90,9%)	1 (9,1%)	
n.s.a	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Pretensão à mudança residencial</b>			
Sim	3 (60%)	2 (40%)	0,006**
Não	25 (100%)	0 (0%)	
Talvez	3 (100%)	0 (0%)	
Não sei	1 (100%)	0 (0%)	

\*\* $p < 0,01$  \* $p < 0,05$

A Tabela 6 expõe os dados apurados a partir da avaliação feita pelos participantes de um conjunto de características da moradia atual e do seu entorno, indicando o quanto consideram-nas positivas ou negativas. Os resultados sugerem a existência de associação estatisticamente significativa entre o desfecho investigado (avaliação positiva ou negativa) e as seguintes variáveis: privacidade na casa (Teste G= 4,07;  $p=0,044$ ; Sig.=5%), instalação hidráulica (Teste G= 3,89;  $p= 0,048$ ; Sig.= 5%), relações de vizinhança (Teste G= 5,90;  $p= 0,015$ ; Sig.= 5%) e pretensão à mudança residencial (Teste G= 12,35;  $p= 0,006$ ; Sig.= 1%). Isto significa dizer que a satisfação dos moradores no pós-remanejamento dependeu dessas variáveis e das condições descritas como representantes da moradia atual.

A Tabela 7 apresenta os índices de avaliação sobre o item segurança na casa atual em relação às modificações realizadas na residência.

Tabela 7.

*Frequência e associação da variável segurança na casa atual de acordo com as modificações realizadas na residência.*

Variável	Modificações na casa atual					p –valor
	Nenhuma (n=10)	Reforma (n=2)	Acabamento (n=15)	Ampliação (n=1)	Várias (n=6)	
<b>Segurança na casa</b>						
Positiva	4 (33,3%)	2 (16,7%)	2 (16,7%)	0 (0%)	4 (33,3%)	0,039*
Negativa	6 (27,3%)	0 (0%)	13 (59,1%)	1 (4,5%)	2 (9,1%)	

\*\* $p < 0,01$  \* $p < 0,05$

Os dados contidos na Tabela 7 apontaram para a presença de associação estatisticamente significativa entre as variáveis segurança na moradia atual e modificações realizadas nesse espaço (Teste G= 10,06;  $p= 0,039$ ; Sig.= 5%). Os resultados indicaram que parte importante das modificações realizadas na moradia atual esteve associada ao sentimento de segurança interna na residência do ponto de vista dos moradores participantes da pesquisa.

Na Tabela 8 é possível verificar os resultados referentes à matriz de correlação para variáveis pessoais e de satisfação dos moradores no pós-remanejamento.

Tabela 8.

*Matriz de correlação sobre as variáveis socioeconômicas e de satisfação com a moradia atual*

Variáveis	Teste Sig.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1 Idade	<i>r</i>	-								
	p-valor									
2 Escolaridade	<i>r</i>	-,630**	-							
	p-valor	,000								
3 Renda (salários mínimos)	<i>r</i>	,161	,059	-						
	p-valor	,363	,738							
4 Satisfação-aparência da casa	<i>r</i>	-,191	,338	,064	-					
	p-valor	,279	,051	,720						

5 Satisfação tamanho da casa	<i>r</i>	-,270	,447**	-,071	,480**	-				
	p-valor	,123	,008	,689	,004					
6 Satisfação segurança na casa	<i>r</i>	-,116	,116	-,027	,224	,167	-			
	p-valor	,513	,513	,879	,203	,346				
7 Satisfação segurança no bairro	<i>r</i>	-,532**	,156	,020	,245	,149	,400*	-		
	p-valor	,001	,378	,911	,162	,400	,019			
8 Satisfação privacidade na casa	<i>r</i>	-,283	,326	,116	,540**	,552**	,240	,336	-	
	p-valor	,105	,060	,515	,001	,001	,172	,052		
9 Satisfação pós-remanejamento	<i>r</i>	-,182	-,006	,165	,182	,236	-,077	,120	,329	-
	p-valor	,302	,974	,352	,303	,180	,665	,498	,057	
<b>** . correlação é significativa ao nível de 1%</b>										
<b>* . correlação é significativa ao nível de 5%</b>										

A partir da matriz que expõe a relação entre as variáveis socioeconômicas dos moradores e sua satisfação com determinadas características da moradia atual, entre outros resultados, foi possível verificar a existência de correlação negativa entre as variáveis idade e escolaridade dos participantes ( $r = -0,630$ ;  $p=0,000$ ; sig.= 1%), Isto indica que quanto maior a idade do morador, menor a escolaridade dele. A variável idade do morador também apresentou correlação negativa com a satisfação quanto à segurança no bairro ( $r=-0,532$ ;  $p= 0,001$ ; sig.= 1%). Ou seja, quanto maior a idade do morador, menor a sua satisfação com o quesito segurança no bairro.

Por sua vez, a satisfação com a segurança na casa apresentou correlação positiva com a satisfação sobre a segurança no bairro ( $r=0,400$ ;  $p= 0,019$ ; sig.= 5%). Neste sentido, quanto mais satisfeitos com a condição de segurança na casa, mais satisfeitos os participantes demonstravam estar com a segurança no bairro. Também foi possível verificar a correlação positiva entre as variáveis escolaridade e satisfação com o tamanho da casa ( $r=0,447$ ;  $p=0,008$ ; sig.= 1%), o que significa dizer que quanto maior o nível de escolaridade dos participantes, maior a satisfação com o tamanho da casa. Quanto à variável satisfação com a aparência da casa, constatou-se a presença de

correlação positiva com a satisfação do morador em relação ao tamanho da casa ( $r=0,480$ ;  $p=0,004$ ;  $\text{sig.}=1\%$ ). Em outras palavras: os participantes satisfeitos com a aparência da moradia atual tendiam a estar satisfeitos também com o tamanho dela.

*Dados das rotinas dos participantes:*

A pesquisa revelou interessantes resultados no que se refere ao uso do tempo por atividades, locais e companhias presentes na descrição da rotina conforme relatado pelos participantes.

A seguir a Tabela 9 apresenta os resultados apurados quanto ao uso do tempo na moradia anterior e atual quanto à categoria atividades realizadas rotineiramente pelo morador em um dia do meio e do final de semana.

Tabela 9.

*Frequência de uso do tempo referente às atividades de rotina nas moradias anterior e atual*

Categorias	Casa anterior		Casa atual	
	Semana	FDS	Semana	FDS
<b>Atividades</b>				
Alimentação	8%	9%	8%	8%
Cuidado (outros)	2%	2%	4%	2%
Cuidado Pessoal	2%	2%	2%	2%
Deslocamento	4%	3%	5%	2%
Dormir/descansar	42%	44%	39%	43%
Estudo	2%	1%	1%	-
Lazer	15%	18%	20%	20%
Prática Religiosa	1%	5%	2%	5%
Tarefa doméstica	12%	10%	14%	12%
Trabalho Extra-familiar	9%	4%	4%	3%
Trabalho Intra-familiar	3%	3%	2%	2%

Os dados indicam que o uso do tempo foi maior para as atividades relacionadas a dormir/descansar, lazer e tarefas domésticas. Entre as atividades que mostraram maior percentual de aumento após a mudança estão o lazer durante a semana que apresentou crescimento de 15% na casa anterior para 20% na atual, seguidos das tarefas domésticas, que durante os dias da semana, subiram de 12% para 14% e aos finais de semana de 10% para 12%. E, por fim, as atividades de cuidado (outros) variaram positivamente de 2% na casa anterior para 4% na casa atual, durante os dias da semana.

As atividades que mostraram os maiores percentuais de redução após a mudança foram dormir/descansar durante os dias da semana de 42% na casa anterior para 39% na casa atual e as atividades de trabalho extrafamiliar também nos dias da semana de 9% na casa anterior para 4% na casa atual. A atividade que não apresentou nenhuma alteração entre uma residência e outra foi o cuidado pessoal com percentual de 2% para semana e fim de semana antes e depois da mudança.

Na Tabela 10 é possível verificar os percentuais gerais de uso do tempo antes e depois da mudança residencial quanto à categoria companhia:

Tabela 10.

*Frequência de uso do tempo em relação à companhia nas atividades de rotina nas residências anterior e atual*

Categorias	Casa anterior		Casa atual	
	Semana	FDS	Semana	FDS
<b>Companhias</b>				
Colegas de classe	1%	-	1%	-
Colegas de Trabalho	7%	3%	4%	2%
Colegas de Vizinhança	2%	2%	2%	3%
Cônjuge	21%	22%	22%	23%
Cônjuge e filhos (as)	9%	16%	8%	16%
Família extensa	2%	3%	2%	4%
Filhos (as)	18%	13%	21%	18%
Mãe e/ou pai	1%	1%	-	-
Netos (as)	-	-	1%	1%
Sozinho (a)	40%	37%	37%	33%

Os dados sobre o tempo gasto na moradia atual e na anterior indicam que os participantes da pesquisa passavam mais tempo sozinhos, porém os percentuais de tempo gasto com o cônjuge, com os filhos e na companhia de ambos (cônjuge com filhos) também se mostraram significativos na amostra. A companhia com maior percentual de aumento após a mudança foi a dos filhos, que passou de 18% para 21% durante a semana, e 13% para 18% aos fins de semana. Os maiores percentuais de redução após a mudança apontaram que o tempo sozinho passou de 40% para 37% durante a semana e de 37% para 33% aos finais de semana, seguidos da companhia dos

colegas de trabalho, que apresentou redução de 7% para 4% durante a semana e de 3% para 2% aos finais de semana.

Não sofreu alterações após a mudança residencial a companhia dos colegas de classe, que manteve mesma frequência de 1% durante a semana e sem frequências aos finais de semana, na moradia anterior e na atual. Por fim, destaca-se o surgimento da figura dos netos como categoria de companhia mencionada entre os participantes, que não obteve menções na casa anterior e apresentou frequência de 1% na casa atual.

Na Tabela 11 é possível observar a descrição geral do uso do tempo em relação aos locais ocupados nas moradias anterior e atual:

Tabela 11.

*Frequência de uso do tempo referente ao local das atividades de rotina nas moradias anterior e atual*

Categorias	Casa anterior		Casa atual	
	Semana	FDS	Semana	FDS
<b>Locais</b>				
Área de serviço	1%	1%	1%	1%
Residência (morador)	5%	3%	5%	3%
Residência (outros)	1%	3%	1%	3%
Banheiro	2%	2%	2%	2%
Cozinha	12%	10%	14%	12%
Escola/cursos	2%	0%	3%	0%
Espaços de lazer	0%	3%	0%	2%
Feira/mercado	2%	1%	2%	1%
Igreja	1%	5%	1%	5%
Local de trabalho	11%	6%	4%	4%
Pátio/quintal	0%	1%	0%	1%
Quarto	43%	45%	41%	45%
Rua	3%	3%	4%	2%
Sala	15%	15%	17%	16%
Taverna	3%	2%	1%	1%

Os dados contidos na tabela 11 sugerem que os participantes gastavam mais tempo em atividades realizadas no quarto, na sala, na cozinha, e por último nos locais de trabalho extrafamiliar. Observa-se que algumas categorias referentes ao local das atividades realizadas no do dia-a-dia não apresentaram alterações após a mudança, tais

como área de serviço, residência (morador), residência (outros), banheiro, feira/mercado e pátio/quintal. O uso da cozinha passou de 12% para 14% nos dias da semana e de 10% para 12% aos finais de semana e da sala, com crescimento de 15% para 17% durante a semana e de 15% para 16% aos finais de semana. Apresentaram maior percentual de redução após a mudança a categoria local de trabalho extrafamiliar, com variação de 11% para 4% durante a semana e de 6% para 4% durante os finais de semana, seguido do espaços destinado à vendas ou local de trabalho intrafamiliar, com redução de 3% para 1% nos dias da semana e de 2% para 1% aos finais de semana.

A Tabela 12 apresenta as frequências e associações das variáveis de usos do tempo em relação à satisfação geral dos participantes após a mudança residencial:

Tabela 12.

*Frequência e associação das principais variáveis de uso do tempo de acordo com a satisfação pós-remanejamento*

Variável	Avaliação Positiva (n=32)	Avaliação Negativa (n=2)	p –valor
<b>Atividades</b>			
<b>Cuidado (outros)</b>			
Sem frequência	11 (91,7%)	1 (8,3%)	0,581
Aumentou	12 (100%)	0 (0%)	
Diminuiu	6 (85,7%)	1 (14,3%)	
Não alterou	3 (100%)	0 (0%)	
<b>Dormir/descansar</b>			
Aumentou	10 (90,9%)	1 (9,1%)	0,697
Diminuiu	14 (93,3%)	1 (6,7%)	
Não alterou	8 (100%)	0 (0%)	
<b>Lazer</b>			
Sem frequência	2 (100%)	0 (0%)	0,829
Aumentou	17 (94,4%)	1 (5,6%)	
Diminuiu	5 (100%)	0 (0%)	
Não alterou	8 (88,9%)	1 (11,1%)	
<b>Tarefas domésticas</b>			
Sem frequência	1 (100%)	0 (0%)	0,547
Aumentou	15 (88,2%)	2 (11,8%)	
Diminuiu	10 (100%)	0 (0%)	
Não alterou	6 (100%)	0 (0%)	
<b>Trabalho extrafamiliar</b>			
Sem frequência	24 (96%)	1 (4%)	0,530
Aumentou	4 (80%)	1 (20%)	
Diminuiu	3 (100%)	0 (0%)	
Não alterou	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Trabalho intrafamiliar</b>			

Sem frequência	24 (92,3%)	2 (7,7%)	0,884
Aumentou	3 (100%)	0 (0%)	
Diminuiu	3 (100%)	0 (0%)	
Não alterou	2 (100%)	0 (0%)	
<b>Companhias</b>			
<b>Colegas de trabalho</b>			
Sem frequência	26 (96,3%)	1 (3,7%)	0,207
Aumentou	2 (66,7%)	1 (33,3%)	
Diminuiu	2 (100%)	0 (0%)	
Não alterou	2 (100%)	0 (0%)	
<b>Cônjuge</b>			
Sem frequência	12 (100%)	0 (0%)	0,042*
Aumentou	5 (71,4%)	2 (28,6%)	
Diminuiu	8 (100%)	0 (0%)	
Não alterou	7 (100%)	0 (0%)	
<b>Cônjuge e filhos</b>			
Sem frequência	12 (92,3%)	1 (7,7%)	0,411
Aumentou	11 (100%)	0 (0%)	
Diminuiu	4 (80%)	1 (20%)	
Não alterou	5 (100%)	0 (0%)	
<b>Família extensa</b>			
Sem frequência	22 (95,7%)	1 (4,3%)	0,632
Aumentou	7 (87,5%)	1 (12,5%)	
Não alterou	3 (100%)	0 (0%)	
<b>Filho (s)</b>			
Sem frequência	1 (50%)	1 (50%)	0,033*
Aumentou	15 (100%)	0 (0%)	
Diminuiu	7 (100%)	0 (0%)	
Não alterou	9 (90%)	1 (10%)	
<b>Sozinho</b>			
Aumentou	8 (100%)	0 (0%)	0,303
Diminuiu	14 (87,5%)	2 (12,5%)	
Não alterou	10 (100%)	0 (0%)	
<b>Locais</b>			
<b>Casa toda (morador)</b>			
Sem frequência	2 (100%)	0 (0%)	0,857
Aumentou	11 (91,7%)	1 (8,3%)	
Diminuiu	12 (92,3%)	1 (7,7%)	
Não alterou	7 (100%)	0 (0%)	
<b>Cozinha</b>			
Aumentou	13 (100%)	0 (0%)	0,500
Diminuiu	8 (88,9%)	1 (11,1%)	
Não alterou	11 (91,7%)	1 (8,3%)	
<b>Local de trabalho extrafamiliar</b>			
Sem frequência	22 (95,7%)	1 (4,3%)	0,050*
Aumentou	1 (50%)	1 (50%)	
Diminuiu	8 (100%)	0 (0%)	
Não alterou	1 (100%)	0 (0%)	
<b>Quarto</b>			
Aumentou	9 (100%)	0 (0%)	0,681
Diminuiu	12 (92,3%)	1 (7,7%)	
Não alterou	11 (91,7%)	1 (8,3%)	
<b>Rua</b>			
Sem frequência	16 (94,1%)	1 (5,9%)	0,327
Aumentou	6 (100%)	0 (0%)	
Diminuiu	3 (75%)	1 (25%)	
Não alterou	7 (100%)	0 (0%)	
<b>Sala</b>			
Sem frequência	1 (100%)	0 (0%)	0,596
Aumentou	17 (94,4%)	1 (5,6%)	
Diminuiu	5 (83,3%)	1 (16,7%)	
Não alterou	9 (100%)	0 (0%)	

**\*\*** $p < 0,01$  **\*** $p < 0,05$

Conforme os dados expostos na Tabela 12 observa-se que houve associação estatisticamente significativa entre a avaliação pós-remanejamento e as variáveis: companhia do cônjuge (Teste  $G= 8,19$ ;  $p=0,042$ ; Sig.=5%), companhia dos filhos (Teste  $G= 8,71$ ;  $p= 0,033$ ; Sig.=5%) e local de trabalho extra-familiar (Teste  $G= 7,69$ ;  $p= 0,050$ ; Sig.= 5%). Estes resultados sugerem que o uso do tempo na companhia do cônjuge e dos filhos está associado à satisfação do morador no pós-remanejamento. Da mesma forma, verificou-se que o trabalho extrafamiliar se mostrou determinante para a avaliação dos moradores, o que significa dizer que o uso do tempo no trabalho extrafamiliar parece ter influenciado a avaliação do morador acerca do período pós-remanejamento.

## **Discussão**

Os achados apresentados contextualizam a realidade vivenciada por pessoas com faixas de renda familiar mensal de até três salários mínimos, com baixa escolaridade e provenientes de áreas consideradas impróprias para habitação com predomínio de casas de madeira ou palafita, poucos cômodos e sem saneamento básico. Aspectos observados na literatura descrevem estas condições presentes na maioria dos contextos de assentamentos informais da América Latina (Baltrusis, 2004; Bonduki, 2008; Correa, 1993; Rubin, 2013). Tais condições socioeconômicas e de habitação também são destacadas na literatura como características esperadas na população alvo de intervenções que visam urbanização do espaço e remanejamento para unidades habitacionais com melhores condições de moradia (Borges, 2013; Holanda, 2011; Moreira & Leme, 2011; Santana, Holanda & Moura 2012).

Nos resultados sobre o orçamento familiar nos dois contextos, foi possível verificar um aumento considerável dos custos, principalmente em relação às taxas de IPTU, energia elétrica e água, o que pode explicar o reajuste do orçamento familiar detectado na redução dos gastos com alimentação, gás e vestuário. Estes dados corroboram com os achados da literatura sobre o alto custo agregado à vida em habitações formais, em oposição ao custo reduzido ou inexistente desses serviços em assentamentos irregulares em função das formas clandestinas de acesso (Cardoso, 2012; Corrêa, 1993; Fernandes, 2008; Filho & Soares, 2011; Moura, 2013).

A definição quanto aos índices de satisfação permitiu verificar maior quantidade de avaliações positivas para aspectos referentes à moradia atual e de avaliações negativas para aspectos relacionados ao seu ambiente exterior, tais como os equipamentos coletivos de lazer, mobiliários urbanos e, principalmente os serviços públicos de saúde, segurança e educação. Tais resultados corroboram com os dados de pesquisas presentes na literatura com populações remanejadas em que houve prevalência de satisfação com as casas/unidades habitacionais em detrimento dos equipamentos e serviços públicos presentes no entorno das moradias (Bonatto, 2010; Coswig, Anapolski & Medvedovski, 2010; Lima, 2011; Pereira, 2013; Rito, 2012; Silvestre, 2013; Theophilo, 2014; Vale, 2012).

A pesquisa também revelou que estar mais ou menos satisfeito com o remanejamento dependeu de aspectos da condição da família na casa atual, como chefia familiar, componentes da renda, respeito à privacidade, instalação hidráulica e relações de vizinhança. Assim como as alterações realizadas na casa foram influenciadas pela baixa satisfação com a segurança oferecida pela residência, é possível afirmar que a maior parte desses aspectos influentes na avaliação positiva da residência atual foi tomada a partir da praticidade e funcionalidade do espaço de moradia. Ou seja, o quanto a nova moradia era capaz de assegurar o exercício e a manutenção de atividades

diárias funcionais à sobrevivência do grupo e o quanto ela se mostrou eficaz para resguardar a privacidade e a segurança familiar (Faustino *et al.*, 2007; Felipe, 2010; Malard, 2006; Malard, Conti, Souza & Capomori, 2002).

A avaliação pós-remanejamento sofreu influência ainda do tempo passado nas rotinas diárias na companhia do cônjuge, dos filhos e no local de trabalho. Os resultados também apontaram que algumas atividades rotineiras diminuíram, outras aumentaram ou se mantiveram estáveis. O que indica que a dinâmica familiar foi impactada pela mudança residencial em aspectos que dizem respeito ao maior uso de locais como sala, quarto e cozinha, e menor uso da rua em função dos níveis supostamente elevados de violência no conjunto habitacional, o que levou, em alguns casos, ao uso do espaço interno da moradia para realização de atividades de lazer. É importante destacar que, comparativamente, na moradia atual aumentou a porção de tempo dedicada à realização de tarefas domésticas, atividades de cuidado consigo e com o outro (geralmente, os filhos e netos), o que pode ter levado à redução do tempo sozinho.

Essas mudanças nas rotinas corroboram com os dados presentes na literatura sobre a influência que a dinâmica da vida diária pode sofrer em função de alterações nos contextos interacionais (Aquino, Boehs & Grisott, 2007; Benevides, Cohen, Johnson & Schaaf, 2011; De Caro & Worthman, 2011; Wildenger *et al.*, 2008; Herbert, 2012). Tais alterações nas rotinas também podem ser entendidas a partir de estudos que investigaram a resposta do grupo familiar para o ajuste e adaptação a novos contextos ecológicos, onde seus membros estabelecem rotinas e rituais que visam assegurar a sobrevivência e coesão do grupo neles (Bernheimer & Weisner, 2007; Fiese, 2007; Fiese & Spagnola, 2007; Silva *et al.*, 2010).

Contudo, nem todas as mudanças observadas estiveram relacionadas exclusivamente ao remanejamento e reassentamento habitacional, podendo estar ligadas, sobretudo, a alterações na composição familiar, como a chegada de novos

membros (filhos e netos), por exemplo, corroborando com os achados da literatura sobre a influência desses eventos na dinâmica familiar (Boehs, Grisotti & Aquino, 2007; DeCaro & Worthman, 2011; Wildenger *et al.*, 2008; Pereira & Piccinini, 2007). Nesse sentido, acredita-se que estudos futuros podem ser feitos para verificar o quanto essas variáveis estariam associadas à mudança residencial. Em suma, tanto as rotinas podem ser alteradas em função da mudança, quanto as famílias podem reestruturar suas atividades diárias em função da necessidade de adaptação ao novo contexto de moradia.

### **Considerações finais**

Este estudo objetivou identificar a relação entre os elementos das rotinas pré e pós-remanejamento e os níveis de satisfação com a nova unidade habitacional, além de apresentar os perfis dos participantes segundo seus níveis de satisfação e alterações relativas ao uso do tempo nas rotinas diárias, segundo a satisfação dos moradores no pós-remanejamento.

Os testes estatísticos permitiram verificar a existência de associações significativas com a avaliação no pós-remanejamento entre variáveis ligadas aos aspectos físicos da nova moradia, às interações estabelecidas entre membros do grupo familiar e às alterações e permanências em relação ao uso do tempo, tais como, chefia familiar, componentes da renda, privacidade, instalação hidráulica, relações de vizinhança, tempo gasto na companhia do cônjuge, dos filhos e no local de trabalho. Tais resultados permitiram atender aos objetivos deste estudo no sentido de identificar quais as variáveis que poderiam estar associadas ao desfecho esperado – satisfação dos moradores que residiam em casas de madeira do tipo palafita e passaram a viver em apartamentos de alvenaria em prédios residenciais.

A realização do presente estudo enfrentou dificuldades relacionadas à distribuição das frequências de respostas dos participantes, segundo as categorias

definidas para cada variável estudada. Além do Teste G, outros testes estatísticos, desta vez, paramétricos, poderiam especificar a direção das associações estatisticamente significativas. Por exemplo, foi possível verificar existência de associação entre as variáveis: gênero do morador e satisfação no período pós-remanejamento, mas não foi possível indicar qual gênero mais relacionado ao desfecho estudado e que tipo de chefia contribuiu para uma avaliação positiva da mudança residencial experimentada, se masculino ou feminino. Isso se deu, principalmente porque a variável relacionada à satisfação negativa obteve frequências muito baixas na maioria dos casos, porém, presume-se que tais dificuldades foram geradas, principalmente em função de um dado que foi revelado pelo presente estudo: 90% dos moradores entrevistados se mostraram satisfeitos com a nova unidade habitacional.

Neste sentido, considera-se que estudos futuros nessa direção poderão abranger um número maior de participantes e áreas de remanejamento habitacional, o que poderá, além de corrigir dificuldades relacionadas às impossibilidades de usos de recursos estatísticos em função das frequências de respostas desproporcionais, oportunizar caracterizações e comparações entre áreas e contextos variados em que essas intervenções ocorrem.

Espera-se que os achados do presente trabalho possam contribuir com a produção de uma literatura atualizada e consistente sobre as populações alvo de remanejamentos e reassentamentos habitacionais e, sobretudo, inspirar novos estudos de rotinas de pessoas e famílias que vivem em contextos marcados por múltiplas alterações em sua base social, econômica e cultural. É importante reforçar a realização de investigações nesses contextos específicos, em que rupturas entre a pessoa e o ambiente ecológico assumem potencial para interferir na dinâmica, ajuste, adaptação e comportamento de indivíduos e suas famílias.

## CAPÍTULO III

### **Percepções de moradores sobre rotinas e rituais antes e depois do remanejamento habitacional: um estudo qualitativo.**

#### **Resumo**

Este estudo objetivou analisar a percepção do morador sobre sua rotina antes e depois do processo de remanejamento e reassentamento habitacional, com destaque para o seu uso do tempo e do novo espaço nas atividades diárias. Os dados foram extraídos por meio de um questionário sobre adaptação habitacional e um inventário de rotinas diárias, além de entrevista individual semiestruturada com os moradores participantes da pesquisa (N=34). Entes eles, 32 eram do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idade média de 38,65 anos e renda em torno de 1,5 salários mínimos por família. As atividades rotineiras mais mencionadas nos dias da semana, tanto na casa anterior como na casa atual, foram dormir/descansar (casa anterior 42% e atual 39%), lazer (casa anterior 15% e atual 20%), e tarefas domésticas (casa anterior 12% e atual 14%). Em geral os participantes informaram passar mais tempo na companhia dos cônjuges (casa anterior 21% e atual 22%) e/ou dos filhos (casa anterior 18% e atual 21%) ou sozinhos (casa anterior 40% e atual 37%). Em relação aos espaços mais utilizados no dia-a-dia, tanto na nova quanto na antiga moradia, foram mencionados o quarto (casa anterior 43% e atual 41%), a sala (casa anterior 15% e atual 17%) e a cozinha (casa anterior 12% e atual 14%). Os dados indicaram que 85% dos participantes identificaram mudanças em suas rotinas na nova moradia período do pós-remanejamento habitacional, 9% não informaram alterações depois do remanejamento e 6% perceberam mudanças e permanências após o remanejamento. Os relatos foram organizados e apresentados a partir de seis grandes categorias: características do espaço e organização das atividades, relações e composição da família, renda e orçamento doméstico, rede de relações e convívio social, sem alterações na rotina e mudanças e permanências nas rotinas. Na categoria características do espaço e organização das atividades ainda foi possível observar as falas dos participantes divididas em cinco subcategorias: importância do quarto; privacidade, possibilidades do espaço externo, localização da moradia e diferenças nos usos do tempo em casa. De maneira geral, os resultados mostram que a maioria dos moradores informa ter percebido alguma alteração em suas rotinas diárias após o remanejamento, sendo algumas delas relacionadas à mudança no espaço físico da moradia atual e outras relativas a aspectos pessoais. Acredita-se que investigações sobre

os impactos das mudanças residenciais na dinâmica familiar podem contribuir para o estudo do comportamento e do desenvolvimento humano na medida em que revelam, a partir das percepções dos sujeitos, as diferentes ecologias às quais esse morador e os membros do grupo familiar estão inseridos, apontando a possibilidade de alterações nos processos interacionais que são estabelecidos com cada um desses ambientes de moradia e a influência dos demais níveis contextuais na determinação desses processos de acomodação entre pessoa e ambiente.

**Palavras-chave:** Rotinas, Percepção, Remanejamento

### **Abstract**

This study aimed to analyze the perception of residents about their routine before and after the relocation and resettlement housing process, highlighting its use of time and new space in daily activities. Data were extracted by means of a questionnaire on housing adjustment and an inventory of daily routines, and individual semi-structured interviews with participants residents of the survey (N = 34). Between them, 32 were female and two male, with mean age of 38,65 years and income around 1.5 minimum wages per family. The most mentioned routine activities on weekdays, both in the previous house as the current home, went to sleep / rest (former home 42% and the current 39%), leisure (former home 15% and the current 20%) and household chores (previous home 12% and the current 14%). In general, participants reported spending more time in the company of spouses (previously 21% and current home 22%) and / or children (above 18% and current home 21%) or alone (previous home 40% and the current 37%). In relation to the spaces most used in day-to-day, both in the new and in the old house, were mentioned the room (previous home 43% and the current 41%), the room (former home 15% and the current 17%) and kitchen (former home 12% and the current 14%). The data indicated that 85% of participants identified changes in their routines in the new housing period of the housing after relocation, 9% did not report changes after the relocation and 6% perceived changes and continuities after relocation. The reports were organized and presented from six major categories: characteristics of space and organization of activities, relationships and family composition, income and household budget, network of relationships and social life, without changes in routine and changes among the routines. The characteristics of the space category and

organization of activities were still observed by the participants divided into five subcategories: importance of the room; privacy, possibilities of external space, housing location and differences in time use at home. Overall, the results show that most residents report having noticed some change in their daily routines after the relocation, some of which related to the change in the physical space of the current housing and other related to personal aspects. It is believed that research on the impacts of residential changes in family dynamics may contribute to the study of behavior and human development to the extent that show, from the perceptions of individuals, the different ecologies to whom the resident and the members of the family group are inserted, pointing to the possibility of changes in interaction processes that are established with each of these housing environments and the influence of other contextual levels in determining these accommodation process between person and environment.

**Key-words:** Routines, Perception, Relocation.

O interesse pelo estudo das rotinas, dos hábitos, práticas de grupos familiares e comunitários pode ser encontrado em diversas áreas do conhecimento, dentre as quais destacam-se diferentes definições e abordagens. Em áreas como antropologia e sociologia, por exemplo, estudos se ocupam de observações cuidadosas da vida cotidiana de pessoas e grupos em suas comunidades. Esse tipo de investigação recebe o nome de estudo etnográfico e pode apresentar algumas semelhanças com os estudos de rotinas, como o aqui apresentado, à medida que o trabalho do etnógrafo consiste em se ocupar da vida cotidiana dos sujeitos em questão, porém nessas investigações há ênfase nas relações sociais comuns entre grupos distintos e nos aspectos culturais que determinam os modos de vida (Angrosino, 2009; Magnani, 2002, 2009; Rocha & Eckert, 2008).

Nas áreas que se ocupam do estudo sobre o comportamento e o desenvolvimento humano, o termo rotina nem sempre é utilizado, existindo muitas investigações no campo da saúde que empregam termos como atividades da vida diária (AVD) ou simplesmente atividades diárias. Outras produções – especialmente como campo da psicologia em geral e da psicologia do desenvolvimento em particular – não definem o termo ou o tratam de forma isolada, ao invés disso, as abordagens se dão em torno de temas como rotinas familiares ou rotinas e rituais familiares, considerando as atividades habituais que ocorrem nesse contexto específico (De Caro & Worthman, 2011; Fiese & Spagnola, 2007; Murphy *et al.*, 2009; Roche & Ghazarian, 2012; Silva *et al.*, 2010).

A literatura define atividades rotineiras como elementos instrumentais, práticas da vida diária, onde o objetivo é fazer aquilo que precisa ser feito. Exemplos de atividades rotineiras podem ser observados durante o preparo de alimentos para as refeições, o cuidado com a limpeza e organização da casa, o ir ao trabalho etc. Já os rituais são mais simbólicos, sendo realizados em função de datas ou momentos

importantes que garantem a coesão do grupo, como por exemplo, celebrações de natal, aniversários, funerais, entre outros (Fiese *et al.*, 2002, Hollinger, 2013).

As rotinas e rituais ajudam o grupo familiar a se orientar no tempo e no espaço, a definir suas tarefas e seus momentos significativos, a assegurar a estabilidade necessária para a coesão do grupo, desempenhando, desse modo, um papel significativo na saúde e bem-estar das famílias, o que torna o grau de estrutura e previsibilidade das rotinas diárias um dos principais elementos da estabilidade familiar. Por esta razão muitos estudos sobre rotinas ou atividades da vida diária são conduzidos a fim de verificar quais seriam os efeitos das situações estressoras no ajuste e adaptação das pessoas e suas famílias aos eventos impactantes (Bernheimer & Weisner, 2007; Bronfenbrenner, 2011; Fiese, 2007; Fiese & Spagnola, 2007).

Entre as investigações sobre rotinas que utilizam o termo atividades da vida diária, existem muitos estudos no contexto do envelhecimento. Tais investigações buscam entender os desafios enfrentados por idosos na realização de tarefas rotineiras como: cuidados pessoais, alimentação, caminhadas, entre outras (Del Duca, Silva & Hallal, 2009; Figliolino, *et al.*, 2009; Lino *et al.*, 2008).

Outros estudos sobre rotinas que buscam compreender as atividades realizadas pelo grupo familiar têm enfatizado os desafios diários encontrados por familiares de crianças com transtornos desenvolvimentais (Anderson, 2012; Fise *et al.*, 2007; Rodger & Umaibalan, 2011; Schaaf *et al.*, 2011). Esses estudos focados nas rotinas da família também apontam questões relacionadas aos efeitos da privação financeira na dinâmica familiar e nas possibilidades de uso do tempo (Budescu & Taylor, 2013; Bruschini, 2009; Sarriera *et al.*, 2010).

Além das questões apontadas, as pesquisas sobre a vida diária no âmbito familiar, ressaltam ainda os impactos que as rotinas diárias podem sofrer a partir de alterações nas composições familiares e de transições ecológicas esperadas ou

inesperadas de papéis, ambientes ou ambos. Nesse sentido, a adaptação bem sucedida às rotinas pode significar preparação adequada da família e seus membros para lidar com situações de estresse e mudanças (Bakker, Karsten & Mulder, 2015; Boehs, Grisotti & Aquino, 2007; Boehs & Fernandes, 2013; Busacker & Kasehagen, 2012; Herbert, 2012; Wildenger *et al.*, 2008).

Estudos mostram que as investigações sobre o impacto de certos eventos (Evans, Eckenrode & Marcynyszyn, 2010; Weisner, 2010) nos modos de vida de indivíduos, família e populações inteiras são importantes na medida em que tais transições e mudanças podem afetar a dinâmica e o bem-estar familiar. Dessa maneira, transições e mudanças residenciais, por exemplo, ao incidirem sobre a adaptação do morador, afeta dimensões importantes do seu desenvolvimento ao interromper as redes de sociabilidade em ambientes nos quais os laços sociais e afetivos se achavam estabelecidos, além de interromper a dinâmica diária de uso do espaço, gerando a necessidade de reestruturação da mesma de acordo com o novo contexto de moradia.

O impacto gerado nas rotinas a partir de transições definidas como a mobilidade residencial pode ser observado em estudos de adaptação habitacional, onde é possível constatar elementos da vida diária destacados por moradores que avaliam aspectos da sua condição social após a experiência do remanejamento habitacional. Dentre os pontos apresentados pela literatura disponível, a satisfação com a nova moradia se mostrou condicionada à proximidade de praças e pontos de encontro onde fosse possível realizar as mesmas práticas de lazer com a vizinhança da moradia anterior. Entretanto, no que diz respeito à insatisfação, estudos apontam a sensação de insegurança relatada pelos moradores em razão do isolamento que seria característico dos conjuntos habitacionais. Esse tipo de investigação mostra que o uso do tempo, sobretudo nas ruas do entorno da moradia, além das características físicas de algumas casas atuais, são fatores que tendem a dificultar ou impossibilitar a realização de

algumas tarefas domésticas (Bonatto, 2010; Chiarelli, 2006; Oliveira, 2011; Pereira, 2013).

Tais elementos destacados pelos moradores na literatura investigada (Bonatto, 2010; Chiarelli, 2006; Oliveira, 2011; Pereira, 2013) sugerem a influência desses processos de remanejamento em determinados aspectos das rotinas diárias. Mas também evidenciam percepções por vezes diferenciadas acerca da mesma condição, onde os moradores avaliam tal condição de forma mais ou menos positiva de acordo com a forma como cada um vivencia essas mudanças. Esse é um contexto no qual a investigação das percepções pode oportunizar maior compreensão das formas particulares com que cada pessoa lida com o impacto da mudança residencial em suas rotinas diárias.

### **A importância da percepção em estudos sobre as interações entre pessoa e contexto: contribuições da bioecologia do desenvolvimento, da arquitetura e da psicologia ambiental**

O estudo da interação entre pessoa e ambiente em uma perspectiva bioecológica torna possível compreender que haveria uma relação de mutualidade entre os comportamentos e os contextos correspondentes, onde os processos psicológicos se tornam propriedades de sistemas constituídos por pessoas, ambientes, processos e interações através do tempo que incluem padrões de estabilidade e mudança. E a atenção a essas inter-relações é o que torna a abordagem bioecológica do desenvolvimento relevante nesse tipo de pesquisa, uma vez que ela compreende a ecologia do desenvolvimento humano como a interação bidirecional ou recíproca entre o ser ativo em desenvolvimento e as propriedades mutáveis do ambiente imediato, bem como a relação deste com os demais níveis contextuais e a maneira pela qual o

desenvolvimento e o comportamento são impactados por essas interconexões (Bronfenbrenner, 2011; Carneiro & Bindé, 1997; Koller, 2004).

Essas interconexões, também entendidas como processos proximais ou padrões duradouros de interação no contexto imediato, tendem a se tornar progressivamente mais complexas entre pessoa com suas características biopsicossociais e o ambiente em seus componentes humanos e simbólicos. O que significa dizer que a forma, o poder, o conteúdo e a direção desses processos proximais que determinam o desenvolvimento sofrerão variações não apenas no que se refere ao contexto onde estão acontecendo, mas também das características pessoais, que compreendem um repertório individual de aspectos biológicos, cognitivos, emocionais e comportamentais (Bronfenbrenner, 2011).

Outro componente da pessoa com força determinante sobre as formas de interação entre indivíduo e os diferentes contextos é a percepção. No universo da percepção, o espaço não é físico, e sim psicológico, superando o chamado mundo objetivo, para residir na mente humana ou em seu campo fenomenológico. Dessa forma, tanto o contexto poderá moldar a percepção humana, quanto a própria percepção determinará essa interação. Ambientes pobres/debilitados do ponto de vista desenvolvimental podem não ser percebidos como tal, assim como, por exemplo, um novo contexto de moradia com condições mais favoráveis de desenvolvimento pode ser tomado pela percepção humana a partir de outros aspectos, como a perda das antigas redes de relação, o distanciamento de espaços significativos, dentre outros (Bronfenbrenner 2011; Evangelista, 2010; Evans, 2010; Evans, Eckenrode & Marcynyszyn, 2010; Holzer, 1997; Weisner, 2010).

Na perspectiva aqui adotada, a percepção poderá revelar que as características cientificamente relevantes de qualquer contexto desenvolvimental abrangem não somente suas condições objetivas, como também a maneira pela qual essas condições são experienciadas em escala subjetiva pelas pessoas que vivem nesse ambiente. O que

fundamenta as propostas de estudos de percepção em situações de remanejamento habitacional, com a finalidade de compreender a forma como apreendem os impactos dessas transições inesperadas na dinâmica de vida diária dessa população.

(Bronfenbrenner, 2011).

O estudo do universo da percepção permite o acesso à realidade tal como ela é alcançada pelos sentidos e pela experiência de vida. Embora a percepção aponte para uma realidade inerente ao indivíduo, ela também é suscetível a uma subjetividade construída histórica e coletivamente, logo, o fenômeno que poderia revelar à essência das coisas, também leva os sujeitos a descrever essas mesmas coisas a partir de categorias pré-concebidas que se firmam como hábitos do pensamento. Apreender o mundo do qual não é possível se ausentar, para além de ser um dos grandes desafios relacionados ao universo da percepção, se configura em uma das principais razões para se estudar e compreender diferentes modos de vida, uma vez que revela a construção de pensamento própria de um dado contexto social (Bronfenbrenner, 2011; Holzer, 1997; Lencastre, 2012; Marin & Lima, 2009; Veríssimo, 2013).

Segundo o modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2011), as percepções se constroem a partir da subjetivação do ambiente, ou seja, como esse ambiente ou contexto é assimilado pela pessoa em seu campo fenomenológico. Nesta abordagem, o percebido pode ser ainda mais importante do que o real e os objetos, as atividades, as outras pessoas e os grupos externos são importantes fontes da motivação que orientam a conduta e a percepção, pois o contexto que influencia a percepção assume definições para além das estruturas físicas. Por se tratar de uma teoria que busca entender o comportamento e o desenvolvimento em uma perspectiva sistêmica, o modelo bioecológico propõe considerar, além do ambiente imediato que contém a pessoa (microsistema), também a relação entre os ambientes (mesossistema), os eventos e condições ambientais fora do ambiente imediato (exossistema) e as estruturas

determinantes da forma e conteúdo dos níveis contextuais anteriores (macrossistema). As interconexões entre todas essas estruturas constituem, então, o que se define como ambiente ecológico.

No sentido aqui empregado, o comportamento das pessoas tenderá a ser coerente com o padrão instituído na cultura (ideológica, política, entre outras) da qual faz parte, com os limites e as possibilidades do contexto físico, com as redes de apoio disponíveis e com a percepção construída sobre o ambiente. Seguindo essa linha de investigação, estudos da psicologia ambiental, entre outras áreas, também buscaram historicamente compreender a ligação entre ambiente, comportamento e desenvolvimento humano. Tal busca permitiu a construção de uma noção de ambiente que guarda semelhança com a noção difundida pela Bioecologia do Desenvolvimento, uma vez que nela este termo é definido como o entorno subjetivamente significativo de um indivíduo ou grupo e, portanto, algo que possui efeito real ou potencial sobre uma ou mais pessoas (Felippe, 2010; Oliveira & Corona, 2011; Veríssimo, 2013; Moser, 2005).

A psicologia ambiental é uma vertente dos estudos do comportamento humano que se debruça sobre a relação entre pessoa e ambiente, por compreender que a partir do contexto social, cultural e econômico os ambientes serão produzidos, apropriados, modificados e internalizados. Em outras palavras, este ambiente, a partir de suas características e a forma como são percebidas, irá determinar os comportamentos e as formas de interação. As produções dessa área ressaltam a importância dos mecanismos de apropriação do espaço na criação e captação de significados e símbolos, onde essas interações levam à incorporação e formação de uma identidade com aquele espaço e moldam as representações sobre ele, havendo diferenças comportamentais em territórios distintos. (Kobarg, Kuhnen & Vieira, 2008; Kruse, 2005; Melazzo, 2005; Moser, 2003; Oliveira & Corona, 2011).

Em produções na área da arquitetura, a construção dos processos de percepção é compreendida como efetivada a partir da experiência cotidiana, sendo esta a que define o sujeito como um conjunto de estados subjetivos, que atuam como produto e produtores desse universo percebido. Aqui a percepção espacial está, portanto, relacionada às diferentes atitudes e comportamentos que são tomados sobre o entorno ao longo da vida. E a casa, entendida como espaço por excelência da vida cotidiana, aparece como referência da identidade individual e familiar, sendo o *lócus* privilegiado para relações significativas e o ponto de partida das percepções que remetem ao meio interior e exterior (Felippe, 2010; Malard, 2006).

É baseada na relevância dessa relação construída no cotidiano, também presente na literatura situada na área da arquitetura, que muitos estudos chamam atenção para a importância de conhecer as necessidades dos usuários ou moradores e viabilizar sua participação na concepção dos projetos arquitetônicos das moradias, buscando, através da funcionalidade dos espaços, atender necessidades de adaptação e apropriação sempre levando em consideração as representações e os modos de vida do usuário final (Faustino *et al.*, 2007; Felippe, 2010; Malard, 2006; Malard *et al.*, 2002).

Como exemplo de estudos que se lançaram ao desafio de investigar as alterações nos modos de vida a partir das falas dos moradores após a experiência do remanejamento habitacional, Moura (2010) realizou um estudo com a comunidade de uma favela do município de Belo Horizonte - MG. Em sua pesquisa, a autora constatou a satisfação dos moradores com a possibilidade de participar das obras de construção de unidades habitacionais onde passariam a viver quando concluídas e também melhorar as condições de moradia, sobretudo em comparação à casa anterior, que por vezes era retratada como muito precária e sem saneamento. Vários aspectos foram destacados nas falas dos participantes como ganhos advindos com o remanejamento habitacional e a partir da urbanização e abertura de vias públicas, o que teve impacto sobre a vida diária

na medida em que tornou possível pedir uma pizza para a família, receber parentes e amigos em qualquer dia e de descer do taxi na porta de casa, contrastando com as ruas e vielas inacessíveis que caracterizavam as antigas ocupações irregulares. Contudo, também foram mencionados aspectos negativos da mudança residencial, onde os moradores ressaltam sofrimento pela perda da antiga casa e das amizades constituídas no interior da favela, as falhas de funcionamento e articulação dos serviços públicos ofertados no entorno da nova moradia, além da falta de um espaço que pudesse servir aos hábitos anteriores, tais como fazer churrasco com os amigos, ouvir som alto ou ter um animal de estimação.

Em suma, verifica-se que o interesse pelo estudo da interação entre pessoa e seu espaço de moradia não se encerra em uma área do conhecimento (Bronfenbrenner, 2011; Felipe, 2010; Holzer, 1997; Lencastre, 2012; Malard, 2006; Marin & Lima, 2009; Moser, 2003; Veríssimo, 2013) e sua investigação e definição está relatada em diversos estudos (Bronfenbrenner, 2011; Faustino *et al.*, 2007; Felipe, 2010; Kobarg, Kuhnen & Vieira, 2008; Kruse, 2005; Malard *et al.*, 2002; Melazzo, 2005; Moura, 2010; Oliveira & Corona, 2011). Entende-se, pois, que a noção de ambiente, espaço ou contexto assume abrangência e definições próprias em cada campo de estudo, sendo importante distinguir e relacionar as contribuições destas para a pesquisa sobre o comportamento e o desenvolvimento humano a partir do modelo bioecológico proposto por Bronfenbrenner (2011). Afinal, parece ser lugar comum para a bioecologia do desenvolvimento (Bronfenbrenner; Koller, 2004), a psicologia ambiental (Kobarg, Kuhnen & Vieira, 2008; Kruse, 2005; Melazzo, 2005; Moser, 2003; Oliveira & Corona, 2011) e a arquitetura (Faustino, Silva, Almeida & Junior, 2007; Felipe, 2010; Malard, 2006), entre outras áreas do conhecimento com interesse nesse tipo de investigação, a noção de que as percepções são construídas a partir de uma interação recíproca entre o morador e seu ambiente de moradia e que essas representações são produto de processos

de apropriação conduzidos ao longo do tempo e influenciados pelas pessoas, objetos e símbolos inerentes aos diferentes contextos.

Em função do exposto, pode-se inferir que o remanejamento e o reassentamento habitacional são intervenções previstas no âmbito de políticas e ações geridas no macrossistema e se caracterizam como importantes forças que podem incidir sobre a dinâmica do microssistema familiar, por se apresentarem como situações marcadas por imprevisibilidades e rupturas que criam a demanda pelo estabelecimento de novos vínculos com contextos diferenciados de moradia. Neste sentido, o presente estudo assumiu a proposta de investigar possíveis alterações nas rotinas diárias de remanejados a partir de uma perspectiva bioecológica sobre a importância da experiência e da percepção (Bronfenbrenner, 1996; 2011) para a compreensão da dimensão em que transições inesperadas, tais como remanejamentos e reassentamentos habitacionais, podem impactar a dinâmica da vida diária de pessoas e suas famílias.

## **Método**

### *Delineamento e tipo de estudo:*

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa dos dados.

### *Contexto da pesquisa:*

A pesquisa foi realizada no o Conjunto Habitacional Jader Barbalho, local onde foram reassentados os moradores que residiam em assentamentos irregulares na comunidade do Jaderlândia, em Ananindeua-PA. Essas intervenções de remanejamento ocorreram como parte das ações do Programa de Desenvolvimento Social e Saneamento Ambiental – PDSSA implantado na região.

*Participantes:*

Foram entrevistados 34 participantes, sendo 32 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, com idade média de 38,65 anos. A escolha dos participantes se deu por conveniência, onde foram incluídos no estudo qualitativo todos os moradores que haviam respondido aos dois instrumentos de coleta.

*Ambiente:*

A pesquisa foi realizada na residência atual dos moradores, ou seja, no conjunto habitacional. De maneira geral as aplicações ocorreram nas salas das residências e, em algumas situações, nos corredores do conjunto.

*Instrumentos e materiais:*

Para coleta de dados foram utilizados o Inventário de Rotinas (IR) e o Questionário de Adaptação Habitacional (QAH). O IR (ANEXO A) foi idealizado por Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) e inspirou a organização por Maluschke, Mendes, Pontes, Santos, Silva & Silva (2010) de um instrumento para verificar as atividades diárias realizadas pela família, objetivando coletar dados sobre as atividades, os espaços e os contextos interacionais do ponto de vista de um ou mais de seus membros. A versão utilizada neste estudo é um instrumento com duas laudas contendo duas tabelas, onde constam na vertical informações sobre a dimensão contextual e relacional (atividade, local, companhia) e na horizontal a informação sobre a dimensão temporal (madrugada, manhã, tarde e noite).

O Questionário de Adaptação Habitacional (QAH) (ANEXO B), originalmente denominado de avaliação pós-ocupação, é um instrumento padronizado que permite avaliar de maneira sistematizada habitações e edifícios coletivos após a ocupação dos mesmos. Esse instrumento teve suas primeiras versões utilizadas por Van der Ryn,

1967; Markuz, 1972 e Manning, 1965 e, no Brasil tiveram suas primeiras versões utilizadas em pesquisas no meio acadêmico, sendo, posteriormente, incorporado aos projetos arquitetônicos, onde se buscou de contribuir com o desenvolvimento de propostas projetuais (Elali, 2010).

A versão utilizada deste instrumento é caracterizada pela divisão em quatro eixos: I- Sociodemográfico (três subitens); II- Antes e Depois: comparativo entre a casa atual e a anterior (oito itens); III- situação atual (sete itens) e IV- avaliação e perspectivas (seis subitens). Em suma, é um instrumento que, entre as 72 assertivas, 36 se constituem de questões fechadas que avaliam em uma escala *Likert* a percepção dos moradores em: ótimo, bom, regular, ruim e não soube avaliar (n.s.a). Na avaliação qualitativa da moradia as demais questões se dividem entre algumas que requerem respostas de sim ou não e outras semi direcionadas, onde o morador responde de forma mais abrangente. Por fim, utilizou-se um questionário semiestruturado com questões abertas: “Na sua percepção, houve alterações em sua rotina diária entre a casa anterior e a casa atual? Quais?”. Esse instrumento foi elaborado pela pesquisadora sob orientação dos coordenadores da pesquisa envolvidos na execução da mesma, que tiveram como intuito oferecer ao morador a liberdade para explicitar suas percepções acerca das possíveis alterações vivenciadas em suas rotinas antes e depois do remanejamento habitacional.

#### *Procedimentos de coleta:*

Após assinatura do termo de consentimento, aplicação do questionário de adaptação habitacional para a caracterização dos participantes e do Inventário de Rotinas para descrição dos usos do tempo, os participantes foram levados a discorrer mais livremente sobre suas percepções a respeito do dia-a-dia dos moradores nos dois ambientes de moradia – a casa de origem e a nova moradia. Eles foram convidados a

responder o que, quando, onde e com quem realizam as atividades do dia-a-dia e qual a sua percepção sobre possíveis mudanças nesses padrões em função do remanejamento e reassentamento na nova moradia. Para a coleta desses dados, utilizou-se a técnica de aplicação de questionário por meio de entrevista individual, semi direcionada, onde foi perguntado ao morador: “Na sua percepção, houve alterações em sua rotina diária entre a casa anterior e a casa atual? Quais?”. Na oportunidade, o pesquisador tomou nota das respostas contidas no instrumento de pesquisa utilizado para posterior organização, categorização, análise e apresentação dos resultados derivados da análise desse conteúdo.

#### *Procedimentos de análise:*

A partir do registro das falas realizou-se a análise de conteúdo do material coletado, segundo Bardin (2004), o que possibilitou a organização desses dados em seis grandes categorias-temáticas, conforme é possível verificar na Tabela 1.

Tabela 1.

#### *Definições das categorias, segundo as percepções dos participantes*

<b>Categoria ou subcategoria</b>	<b>Definição</b>
<b>1. Características do espaço e organização das atividades</b>	Inclui as falas nas quais se fez referência às características do espaço como determinantes na organização das atividades rotineiras.
1.1. Importância do quarto	Reúne as falas que relacionaram alterações na rotina à relevância do quarto. Ex.: “ <i>Antes era só um cômodo, dormia todo mundo junto...</i> ”.
1.2 .Privacidade	Engloba as falas onde a privacidade foi determinante na mudança da dinâmica familiar. Ex.: “ <i>Antes não tinha nem privacidade...</i> ”.
1.3. Possibilidades do espaço externo	Referente às falas que avaliam as mudanças nas rotinas a partir de limites ou possibilidades dos espaços internos e externos às moradias.

	Ex.: “(...) <i>agora dá pra passear...</i> ”.
1.4. Localização da moradia	Agrupa as falas nas quais a localização da moradia foi determinante para a mudança na dinâmica familiar. Ex.: “(...) <i>agora ta mais longe...</i> ”.
1.5. Diferenças no uso do tempo em casa	Organiza as falas em que as mudanças nas rotinas foram ocasionadas pelas alterações nos usos do tempo em casa. Ex.: “ <i>Não passo mais tanto tempo limpando e arredando móveis da casa...</i> ”.
2. Relações e composição da família	Engloba as falas o morador afirma que as mudanças na rotina aconteceram em função das características de algumas relações em família e de alterações na composição familiar. Ex.: “ <i>Agora tenho bebe pequeno...</i> ”.
3. Renda e orçamento doméstico	Conjunto de falas nas quais as mudanças nas rotinas foram ocasionadas por aspectos envolvidos na renda e no orçamento familiar. Ex.: “ <i>Eu não tive mais como manter meu comercio...</i> ”.
4. Rede de relações e convívio social	Diz respeito às falas nas quais as mudanças nas rotinas foram percebidas a partir de elementos das relações e do convívio social. Ex.: “ <i>A relação com os vizinhos é boa...</i> ”.
5. Sem alterações na rotina	Agrupa falas nas quais o morador declara não perceber alterações em suas rotinas após a mudança. Ex.: “(...) <i>eu faço tudo igual antes...</i> ”.
6. Mudanças e permanências nas rotinas	Reúne todas as falas nas quais o morador destaca alterações nas rotinas em alguns aspectos e em outros não. Ex.: “ <i>Rotina igual(...)Só que não tem luz em casa, não estou vendo televisão...</i> ”.

---

Após definição das categorias, as percepções foram apresentadas em tabelas, onde foram organizadas a partir do sistema de categorias e subcategorias exemplificadas por trechos das falas dos moradores participantes deste estudo. Em relação aos dados presentes no IR, os mesmos foram codificados e inseridos no programa Excel 2010, onde foram calculados os percentuais de usos do tempo em cada uma das categorias de acordo com o contexto (casa anterior e casa atual). Ao passo que as informações coletadas com o (QAH) foram tabuladas com uso do programa SPSS20, o que permitiu que os dados de caracterização dos participantes e as condições das moradias anterior e atual fossem apresentados em tabelas, onde constam as principais variáveis, suas categorias e as frequências correspondentes.

## Resultados

### *Características dos participantes:*

A pesquisa revelou que entre os 34 participantes do estudo predominaram moradores do sexo feminino (94,1%) em relação ao sexo masculino (5,9%), com média de idade de 38,65 anos e com nível de escolaridade que variou do fundamental incompleto (50%) ao médio incompleto (23,5%). A renda dos moradores situou-se entre as faixas que incluem zero até um salário mínimo (38,2%) e de um a três salários mínimos por família (58,8%), sendo derivada de trabalho formal (35,3%) ou trabalho informal acrescido de benefícios sociais (23,5%). A maioria das famílias era constituída por pai, mãe e filhos (50%), assim como famílias extensas com agregados (35,3%). Os moradores viviam casas que acolhiam em média quatro pessoas.

A Tabela 2 apresenta o comparativo sobre as características das moradias atual e anterior:

Tabela 2.

### *Comparativo das características das moradias anterior e atual*

<b>Variável</b>	<b>Moradia Anterior</b>	<b>Moradia Atual</b>
<b>Tempo de moradia (meses)</b>		
23 a 26 meses	-	26 (76,6%)
99 a 127 meses	8 (23,5%)	-
128 meses ou mais	14 (41,2%)	-
<b>Situação da casa</b>		
Casa própria	31(91,2%)	30 (88,2%)
<b>Tipo de construção</b>		
Alvenaria	4 (11,8%)	34 (100%)
Madeira	26 (76,5%)	-
<b>Número de cômodos</b>		
3 cômodos	11(32,4%)	-
4 cômodos	12 (35,3%)	10 (29,4%)
5 Cômodos	-	24 (70,6%)

Observou-se que a maior parte dos moradores (41,2%) passou cerca de 128 meses ou mais na casa anterior, o que indica um tempo de moradia de até 10 anos. Em geral o morador apresenta a casa anterior como um imóvel próprio (91,2%), na maioria dos casos construída em madeira (76,5%), tendo em média 3,35 cômodos. Quanto à casa atual, o tempo de moradia foi menor, no intervalo de 23 a 26 meses, com média de 23,85 meses, o que equivale a aproximadamente dois anos. A maior parte das residências também foi declarada como própria (88,2%), todas construídas em material de alvenaria (100%), onde alguns participantes afirmam ter cinco cômodos (70,6%) enquanto outros informam que a residência possui quatro cômodos (29,4%).

A seguir são apresentados os achados sobre os usos dos espaços das moradias antes e depois do remanejamento. A Tabela 3 apresenta os dados sobre avaliação feita pelos moradores quanto aos espaços mais utilizados nas moradias anterior e atual:

Tabela 3.

*Avaliação dos moradores sobre os espaços mais utilizados nas moradias atual e anterior*

Variável		Moradia Anterior (N=34)	Moradia Atual (N=34)
Ambiente mais	Sala	13(38,2%)	14(41,2%)
	Cozinha	13(38,2%)	14(41,2%)
Utilizado	Quarto	3(8,8%)	5(14,7%)
	Área de serviço	1(2,9%)	2(5,9%)
	Tudo	3(8,8%)	-

Em geral, os dados da Tabela 3 indicam que houve um aumento no uso dos espaços no período do pós-remanejamento. A sala (41,2%), a cozinha (41,2%), o quarto (14,7%) e a área de serviço (5,9%) apresentaram os maiores percentuais de uso na casa atual.

Tabela 4 apresenta a avaliação feita pelos moradores sobre o uso e adequação das ruas da nova moradia para a realização de atividades:

Tabela 4.

*Avaliação dos moradores sobre o uso e adequação das ruas da nova moradia*

Variável	Frequência (N=34)
<b>Uso das ruas</b>	
<b>Sim</b>	
Lazer	8 (23,5%)
Trabalho	3 (8,8%)
Caminhadas	3 (8,8%)
<b>Não</b>	
Violência	10 (29,4%)
Falta de tempo	5 (14,7%)
Não gosta de sair	4 (11,8%)
Problemas de saneamento	1 (2,9%)
<b>Adequação das ruas</b>	
<b>Sim</b>	
Espaço saneado	5 (14,7%)
Tamanho adequado	5 (14,7%)
Espaço para convivência social	4 (11,8%)
Segurança	1 (2,9%)
Não justificou a avaliação	3 (8,8%)
<b>Não</b>	
Violência	7 (20,6%)
Tamanho Inadequado	4 (11,8%)
Não justificou a avaliação	5 (14,7%)

Na Tabela 4 os dados indicam que o uso da rua esteve mais relacionado às práticas de lazer (23,5%), e entre os que não usavam as ruas do entorno da nova moradia, a violência foi apontada como um dos principais motivos (29,4%). A violência também apareceu como razão para a não adequação das ruas para realização de atividades (20,6%). Entre as pessoas que acreditam que o espaço externo à casa é adequado, o saneamento apareceu em 14,7%, a adequação do tamanho em 14,7% e a adequação para atividades de convivência social, como reuniões com familiares e amigos em 11,8%.

A Tabela 5 apresenta as avaliações gerais sobre a residência atual em relação à anterior, as perspectivas futuras quanto à permanência na nova moradia e as sugestões dos moradores sobre melhorias para o local de moradia e seu entorno:

Tabela 5.  
*Avaliação da situação atual em relação à anterior e sugestões de melhorias*

Variável	Frequência (N=34)
<b>Residência atual em relação à anterior</b>	
Positiva	32 (94,1%)
Negativa	2 (5,9%)
<b>Pretensão de mudar</b>	
Não	25 (73,5%)
Sim	5 (14,7%)
<b>Sugestões de melhorias</b>	
Serviços de saúde	33 (97,1%)
Serviços educacionais	30 (88,2%)
Áreas de lazer	31 (91,2%)
Serviços de segurança	34 (100%)
Serviços de transporte	34 (100%)
Acessibilidade das ruas e calçadas	25 (73,5%)

Na Tabela 5, os dados indicam que houve predomínio de participantes que se declararam satisfeitos com a casa atual em relação à anterior (94,1%). A maioria dos moradores também declarou que não pretende se mudar da residência (73,5%) e, entre as sugestões de melhorias para o conjunto e entornos, as mais frequentes estão entre os serviços de segurança (100%), transporte (100%), saúde (97,1%), áreas de lazer (91,2%), serviços educacionais (88,2%), acessibilidade das ruas e calçadas (73,5%).

A seguir apresentam-se os principais achados sobre as rotinas dos participantes, quanto ao uso do tempo em atividades, companhias e locais, bem como os dados referentes às percepções dos moradores sobre as mudanças e permanências em suas práticas diárias nas casas anterior e atual.

#### *As rotinas diárias dos moradores:*

As investigações sobre rotinas diárias dos moradores nos dois contextos investigados (moradia anterior e atual) permitiram apresentar os percentuais referentes ao tempo gasto pelos moradores segundo as atividades realizadas, as companhias presentes na realização das mesmas e os locais onde esses eventos ocorreram.

A Tabela 6 apresenta os dados que evidenciam as frequências de usos do tempo na moradia anterior e atual quanto às categorias atividades, em um dia da semana e outro do fim de semana.

Tabela 6.

*Frequência de uso do tempo referente às atividades de rotina nas moradias anterior e atual*

Categorias	Casa anterior		Casa atual	
	Semana	FDS	Semana	FDS
<b>Atividades</b>				
Alimentação	8%	9%	8%	8%
Cuidado (outros)	2%	2%	4%	2%
Cuidado Pessoal	2%	2%	2%	2%
Deslocamento	4%	3%	5%	2%
Dormir/descansar	42%	44%	39%	43%
Estudo	2%	1%	1%	-
Lazer	15%	18%	20%	20%
Prática Religiosa	1%	5%	2%	5%
Tarefa doméstica	12%	10%	14%	12%
Trabalho Extra-familiar	9%	4%	4%	3%
Trabalho Intra-familiar	3%	3%	2%	2%

Os perfis dos moradores quanto ao uso do tempo em atividades rotineiras em um dia de semana e no final dela apontaram para dormir/descansar, lazer e tarefas domésticas como as mais frequentes nas duas moradias – a anterior e a atual. Os percentuais que variaram positivamente após a mudança residencial estiveram relacionados ao lazer, às tarefas domésticas e ao cuidado (outros). Mostraram redução as atividades de dormir/descansar e trabalho extrafamiliar. A categoria de atividade de cuidado pessoal não apresentou alteração em relação ao uso do tempo após a mudança de residência pelos moradores.

Na Tabela 7 é possível verificar as frequências relativas ao uso do tempo no que se refere às companhias no período que anterior e posterior ao remanejamento habitacional.

Tabela 7.

*Frequência de uso do tempo em relação à companhia nas atividades de rotina nas residências anterior e atual*

Categorias	Casa anterior		Casa atual	
	Semana	FDS	Semana	FDS
<b>Companhias</b>				
Colegas de classe	1%	-	1%	-
Colegas de Trabalho	7%	3%	4%	2%
Colegas de Vizinhaça	2%	2%	2%	3%
Cônjuge	21%	22%	22%	23%
Cônjuge e filhos (as)	9%	16%	8%	16%
Família extensa	2%	3%	2%	4%
Filhos (as)	18%	13%	21%	18%
Mãe e/ou pai	1%	1%	-	-
Netos (as)	-	-	1%	1%
Sozinho (a)	40%	37%	37%	33%

Quanto ao tempo gasto com as companhias, as mais mencionadas na casa anterior e na casa atual, foram: sozinho, cônjuge, filhos e cônjuge com filhos.

Observou-se maior uso do tempo principalmente na companhia dos filhos após a mudança e redução daquele passado sozinho ou no convívio com colegas de trabalho. A categoria de companhia que não sofreu alterações após a mudança esteve relacionada aos colegas dos ambientes de estudos (colegas de classe).

A Tabela 8 apresenta os percentuais de uso do tempo em locais antes e depois do remanejamento:

Tabela 8.

*Frequência de uso do tempo referente ao local das atividades de rotina nas moradias anterior e atual*

Categorias	Moradia anterior		Moradia atual	
	Semana	FDS	Semana	FDS
<b>Locais</b>				
Área de serviço	1%	1%	1%	1%
Residência (morador)	5%	3%	5%	3%
Residência (outros)	1%	3%	1%	3%
Banheiro	2%	2%	2%	2%

Cozinha	12%	10%	14%	12%
Escola/cursos	2%	0%	3%	0%
Espaços de lazer	0%	3%	0%	2%
Feira/mercado	2%	1%	2%	1%
Igreja	1%	5%	1%	5%
Local de trabalho (TEF)	11%	6%	4%	4%
Pátio/quintal	0%	1%	0%	1%
Quarto	43%	45%	41%	45%
Rua	3%	3%	4%	2%
Sala	15%	15%	17%	16%
Taverna (TIF)	3%	2%	1%	1%

O tempo gasto nos locais mostrou que as pessoas passavam mais tempo no quarto, na sala, na cozinha e nos locais de trabalho extrafamiliar, tanto na moradia anterior quanto na atual, onde os espaços da cozinha e da sala passaram a ser mais utilizados após a mudança. Os locais de trabalho intra e extrafamiliar apresentaram os maiores índices de redução, enquanto que aqueles apontados como área de serviço, residência - morador (quando as atividades são realizadas em toda a residência, tais como varrer ou organizar móveis), residência - outros (atividades realizadas na residência de terceiros, tais como almoço, conversas etc.), além do banheiro, feira/mercado e pátio/quintal não apresentaram nenhuma alteração após a mudança.

*As percepções sobre as rotinas diárias antes e depois do remanejamento:*

A seguir, é possível observar os resultados referentes às percepções sobre mudanças nas rotinas após o remanejamento. As falas foram organizadas a partir das categorias: “1- características do espaço e organização das atividades”, “2- relações e composição da família”; “3- renda e orçamento doméstico”; “4- rede de relações e convívio social”; “5- sem alterações na rotina” e “6- mudanças e permanências nas rotinas”. Destaca-se também que, para melhor descrição das falas presentes na categoria de número um, a mesma foi subdividida em: “a) importância do quarto”, “b) privacidade”, “c) possibilidades do espaço externo”, “d) localização da moradia” e “e) diferenças nos usos do tempo em casa”.

Tabela 9.

*Percepções dos participantes quanto às rotinas diárias antes e depois do remanejamento, de acordo com as categorias definidas*

---

### Alterações percebidas nas rotinas diárias

#### 1- Características do espaço e organização das atividades

---

##### a) Importância do quarto

P4: “La na antiga casa a gente nem tinha quarto, dormia na sala, eu e meu marido...”.  
 P8: “Agora tá só eu e meus filhos, dá pra fazer refeições juntos, dá pra ver TV com conforto na sala. A gente dorme bem num espaço melhor”.  
 P11: “Cada um tem seu canto pra dormir, a gente dorme até melhor”.

P16: “A gente sempre dormiu todo mundo junto, eu meu marido e meu filho. Agora, ele dorme no outro quarto e a gente dorme com o bebê”.  
 P18: “Antes era só um cômodo, dormia todo mundo junto. Agora eu até durmo melhor, porque tem mais espaço”.  
 P33: “Antes eu dormia com as duas. Agora, com o quarto, elas já tão mais velhas e ficam num quarto. Aí eu durmo só com o bebê”.

---

##### b) Privacidade

P8: “A outra casa nem era tão pequena, mas não tinha privacidade porque tinha muita gente, na hora de comer, cada um ficava num canto da casa...”.  
 P11: “Agora a gente tem privacidade, cada um tem seu canto pra dormir”.  
 P18: “Antes não tinha nem privacidade com meu marido”.

---

##### c) Possibilidades do Espaço externo

P1: “Lá, a gente gostava de ficar na frente da casa, mas agora dá pra passear de tarde porque as ruas são melhores, os meninos brincam mais”.  
 P10: “Tem um bom quintal para estender as roupas e colocar meus cachorros.”.  
 P32: “Eu não tenho mais que vigiar meus filhos na rua, porque eles brincam aqui, nesse pátio mesmo. É até melhor por causa de carro aí fora, que não tem lombada. É perigoso pra criança...”.

---

---

#### d) Localização da moradia

P13: “Era perto da feira e de um barzinho que a gente ia de noite. Agora, tá mais longe. A gente não sai muito, só pra resolver alguma coisa de dia mesmo, porque é muito perigoso também ficar saindo”.

P21: “Agora é perto da escola dela, da feira, não é muito longe do posto de saúde. Eu resolvo melhor minhas coisas agora”.

---

#### e) Diferenças nos usos do tempo em casa

P2: “Eu tô aqui, porque divido a casa com uma amiga e ela é muito problemática (...) prefiro ficar em outros lugares do que em casa”.

P5: “Agora eu tenho meu marido e a gente ainda mora com meus pais, mas eu tenho mais tarefas, mais obrigações, mais coisa pra fazer”.

P10: “Aqui é tão claro. À noite a gente dorme mais tarde”.

P11: “Agora eu faço mais coisas em casa, porque lá eram só dois cômodos, eu tinha menos trabalho de arrumar”.

P14: “Entrei em depressão aqui... Não conheço ninguém... Não é seguro e não tenho vontade de arrumar nem reformar. A casa está do jeito que recebi”.

P20: “Não passo mais tanto tempo limpando e arredando móveis da casa, porque aqui não alaga mais. A casa fica arrumada e eu tenho tempo pra ver televisão, descansar”.

P28: “Antes também eu trabalhava, agora eu passo meu tempo cuidando da casa, fazendo crochê. Às vezes, eu leio livros de religião que eu gosto”.

---

## 2- Relações e composição da família

P2: “Também não tinha criança pra cuidar antes, agora eu tenho uma menina que eu adotei e ela dá muito trabalho...”.

P3: “Eu também não tinha neto pra cuidar, pra levar e buscar na escola, agora tudo isso tem”.

P4: “Eu não tinha minha filha... Agora só cuido da minha filha e da casa”.

P7: “Agora eu tô esperando outra menina, então vai ter mais trabalho pra mim”.

P9: “Eu fico muito mais cansada agora, porque eu sempre quero vir aqui em casa na hora do almoço, ver se eles comeram, se tão bem, se tem dever da escola pra fazer”.

P17: “Agora tenho bebê pequeno, não dá pra sair muito e eu só faço o essencial na casa. Eu fico mais em casa, cuidando dela e dos outros”.

P26: “Ficou mais tranquilo, gosto do lugar, gosto do barulho da casa, de ver todos juntos conversando”.

P31: “Agora meu filho mais velho ajuda a reparar o irmão... Eu comecei a fazer bilhetinhos e deixar na geladeira pra ele saber o que fazer. Ele faz direitinho”.

### 3- Renda e orçamento doméstico

P4: “Trabalhava na rua de vendedora externa, era muito puxado”.

P6: “Comecei a trabalhar com artesanato, além da taverna pra ajudar nas contas”.

P9: “Eu não trabalhava, passava mais tempo cuidando da casa e dos meninos. Aí eles já tão adolescente eu comecei a trabalhar porque é muito gasto aqui, só meu marido trabalhando não dava”.

P24: “Eu não tive mais como manter meu comércio, porque agora a gente mora em cima”.

P30: “Lá todo tempo tinha gasto com reforma ou acabamento na casa, a gente nem podia gastar com outras coisas por causa disso. Agora a gente tem menos gasto, menos preocupação”.

### 4- Redes de relações e convívio social

P4: “A gente passeia nos fins de semana e visitamos minha mãe”.

P6: “A relação com os vizinhos é boa; a gente se organizou bem na casa nova”.

P7: “Minhas vizinhas não moram mais do lado como antes, mas veio todo mundo pro conjunto. Então, eu vou lá, às vezes elas vêm aqui e a gente almoça, conversa”.

P14: “Me divertia mais, sempre, fazia almoço com vários amigos na varanda. Ia no barzinho da praça com a família e amigos”.

P19: “Lá eu tinha meus amigos perto e nem trouxe ainda meus cachorros, não sei se vai dar”.  
 P24: “Eu não moro mais com minha filha e meus netos, mas ela tá morando no apartamento de baixo. Então, eu sempre desço pra ficar conversando com ela”.  
 P30: “Aqui também a relação com os vizinhos é boa. Então, a gente fica conversando na rua aqui na frente”.

---

### 5- Sem alterações na rotina

P22: “A gente tentou manter as mesmas coisas que fazíamos antes. Até a igreja a gente não mudou, porque agora tá até mais longe, mas a gente já era acostumado. Por aqui tá igual, eu vivo pra cuidar dessa casa”.  
 P29: “A maior parte das coisas que eu faço é no meu trabalho e eu ainda trabalho na mesma coisa de antes. Faço bicos por aí. Eu faço tudo igual antes, chego, vejo TV com eles, aí eu vou dormir com minha esposa... É isso mesmo...tá igual”.

---

### 6- Mudanças e permanências nas rotinas

P12: “La já tinha que andar pra levar meus filhos pra escola, agora então é 1:30 de caminhada. Eles vão reclamando o caminho todinho, mas não tem outro jeito. Fora isso tá tudo assim igual, porque a gente ainda vai no mesmo barzinho pra ver o pessoal eu e meu marido, depois chega e descansa”.  
 P15: “Rotina igual: passo bastante tempo sozinho e sempre recebo a visita do meu filho com a mulher dele. Só que não tem luz em casa, não estou vendo televisão ou escutando rádio como antes”.  
 P34: “Faço as mesmas coisas de antes, mas agora meu tempo em casa é mais confortável, porque tem mais espaço”.

---

Os dados coletados mostraram que entre os 34 participantes, 29 perceberam alterações em suas rotinas após o remanejamento, três não identificaram qualquer movimento nesse sentido, e dois relataram tanto permanências quanto mudanças em sua

vida diária. Entre os moradores que apontaram alterações em suas rotinas, as categorias "importância do quarto", "diferenças nos usos do tempo em casa", "relações e composição da família" e "rede de relações e convívio" reuniram os aspectos mais considerados pelos moradores.

Observa-se também que a maior parte das alterações percebidas nas rotinas foi relacionada à mudança residencial, que foram organizadas em torno das seguintes categorias: "importância do quarto, "privacidade" e "possibilidades do espaço externo", tendo todas elas um sentido positivo. As demais categorias "localização da moradia", "diferenças nos usos do tempo em casa", "renda e orçamento doméstico" e "rede de relações e convívio social", reuniram aspectos positivos e negativos nas alterações observadas pelos moradores na dinâmica da sua vida diária.

Destaca-se ainda que nem todas as alterações nas rotinas diárias foram percebidas como relacionadas à mudança do espaço físico ou especificamente ao remanejamento, na medida em que uma série de outros eventos e situações reunidas na categoria "relações e composição da família" foi mencionada pela maioria dos participantes. Alguns moradores, por exemplo, concluíram que sua rotina diária foi alterada em razão da chegada de um bebê na família (filho ou neto).

## **Discussão**

A importância dos quartos e a privacidade foram apontadas por participantes que relataram a presença de muitos moradores e pouco espaço na antiga residência, onde a existência de espaços delimitados na nova moradia possibilitou práticas que antes não eram possíveis ou eram realizadas de forma precária, tais como fazer as refeições na cozinha, dormir no quarto com o marido, dormir melhor e com mais privacidade. Do mesmo modo a subcategoria possibilidades do espaço externo evidenciou a percepção dos moradores sobre o quanto as condições atuais de saneamento da rua e a existência

de uma área livre nas dependências da casa possibilitaram novas práticas de lazer infantil, tarefas domésticas e criação de animais de estimação.

Tais dados corroboram com achados da literatura sobre o quanto aspectos de saneamento e urbanização da nova moradia podem atuar sobre as rotinas, oportunizando novos usos desses espaços (Moura, 2010). Desse modo, a partir do contexto social, cultural e econômico os contextos serão produzidos, apropriados, modificados e internalizados, ao passo que, este mesmo ambiente, com base em suas características, irá determinar os comportamentos e as formas de interação (Bronfenbrenner, 2011; Kobarg, Kuhnen & Vieira, 2008; Kruse, 2005; Melazzo, 2005; Moser, 2003; Oliveira & Corona, 2011).

Na subcategoria localização da moradia as opiniões se dividiram entre moradores que afirmaram que se sentiram mais próximos de escolas, feiras e postos de saúde após o remanejamento e outros moradores que relataram ter se afastado de espaços importantes para a execução de determinadas atividades diárias, tais como a feira, o barzinho etc. Nesse sentido, a perda de laços com lugares significativos pode levar ao desaparecimento de algumas práticas rotineiras (Bonatto, 2010; Chiarelli, 2006; Oliveira, 2011; Pereira, 2013).

Em diferenças nos usos do tempo em casa, as percepções indicaram o surgimento de determinadas atividades diárias e o desaparecimento de outras, como maior uso do tempo em tarefas domésticas em função da saída do emprego, casamento e aumento do número de cômodos na casa atual. O horário de descanso também se mostrou alterado pelas características no novo ambiente (mais iluminado que o anterior). Desse modo, tais alterações referentes ao uso do tempo também foram percebidas como influenciadas ora por problemas de relacionamento entre moradores da casa, ora pelas condições de saneamento da casa atual. Verificou-se a destinação de uma maior porção de tempo para atividades de descanso, uma vez que a necessidade de

limpeza e organização da casa em função dos alagamentos que ocorriam na residência anterior, cessaram.

No entanto, as atividades de organização e melhorias da residência atual foram relacionadas às dificuldades de interação com a vizinhança e a perda da sensação de segurança, o que pode ter prejudicado a adaptação à nova moradia. Tais resultados também são evidenciados na literatura sobre adaptação, onde os novos locais de moradia podem produzir a sensação de insegurança, influenciando na adaptação do morador. Estes achados corroboram também com a noção de que tanto o contexto em seus objetos, pessoas e símbolos quanto a força, os recursos e as demandas pessoais foram determinantes para a percepção sobre a nova moradia e o surgimento, aumento ou redução de alguns hábitos e comportamentos rotineiros, mostrando as diferenças na percepção de cada morador (Bronfenbrenner, 2011; Holzer, 1997; Lencastre, 2012; Marin & Lima, 2009; Veríssimo, 2013).

A categoria relações e composição da família ilustra as percepções sobre alterações na rotina geradas por mudanças na composição familiar e por novas relações estabelecidas entre moradores da casa. Basicamente, esses participantes afirmaram ter suas rotinas alteradas em função da chegada de um novo membro (nascimento de filhos ou netos) e do quanto esse evento demandou mais tempo da família e maior atenção com as atividades de cuidado. Outras alterações percebidas nas rotinas estiveram ligadas à possibilidade de dividir tarefas com um filho mais velho, de reunir a família na casa nova e à necessidade de supervisionar as atividades de alimentação e estudo dos filhos. É possível perceber que tanto as alterações na composição familiar quanto as transições pelas quais os membros do grupo familiar passaram foram fatores que incidiram sobre a dinâmica da vida diária da família (Bakker, Karsten & Mulder, 2015; Boehs, Grisotti & Aquino, 2007; Boehs & Fernandes, 2013; Busacker & Kasehagen, 2012; Herbert, 2012; Wildenger *et al.*, 2008).

As percepções de rotinas alteradas em função das características da categoria renda e orçamento doméstico evidenciaram que as condições físicas da nova moradia cessaram os constantes custos com reformas que ocorriam na casa anterior. Porém, as características da nova moradia foram apontadas como geradoras da impossibilidade de manter atividade comercial nas dependências da casa por estarem residindo no andar de cima, e da necessidade de começar atividades geradoras de renda para cobrir os custos da nova moradia. Essas alterações nas rotinas em função dos novos custos no orçamento doméstico corroboram com os achados da literatura sobre a influência das condições financeiras na dinâmica diária familiar (Budescu & Taylor, 2013; Bruschini, 2009; Sarriera *et al.*, 2010).

Algumas rotinas foram percebidas como alteradas em função das redes de relações e convívio social, onde os familiares após o remanejamento deixaram de morar na mesma casa além dos familiares, os antigos vizinhos ficaram fisicamente mais distantes após o remanejamento. Por outro lado, a moradia anterior também foi apontada como espaço onde essas relações eram mais presentes e possibilitava encontros e comemorações entre familiares e amigos, além da convivência com animais de estimação. Aqui é possível perceber os participantes destacando principalmente elementos de rituais de sociabilidade em ambos os ambientes de moradia, cujo significado e simbologia são apresentados na literatura como fundamentais para o sentimento de pertencimento, a coesão do grupo e a adaptação em situações de rupturas nas rotinas (Fiese *et al.*, 2002, Hollinger, 2013).

Quanto aos participantes que não perceberam alterações em suas rotinas, as falas evidenciaram a manutenção das mesmas atividades em função da permanência no local de trabalho anterior, e também mostraram que o grupo familiar procurou frequentar os mesmos locais da comunidade apesar do aumento da distância até lá após a mudança. Na preocupação em manter as mesmas relações estabelecidas na moradia anterior, os

participantes asseguraram a manutenção e a estabilidade da dinâmica da vida diária ao impedir que laços de convívio fossem desfeitos em função da distância física. Nos achados da literatura, essas redes e laços de sociabilidade são apresentados como elementos fundamentais que criam o sentimento de pertencimento e dão coesão e estabilidade à vida diária no ambiente de moradia (Bonatto, 2010; Chiarelli, 2006; Evans, Eckenrode & Marcynyszyn, 2010; Weisner, 2010; Oliveira, 2011; Pereira, 2013).

### **Considerações finais**

Este estudo objetivou analisar a percepção dos moradores sobre sua rotina antes e depois do remanejamento e a relação entre alterações na rotina e a mudança residencial. Neste sentido, acredita-se que o trabalho apresentou as principais características dos participantes, das condições de moradia e do uso do tempo nas rotinas diárias. Evidenciaram-se as percepções dos moradores sobre suas rotinas nas moradias anterior e atual, além de apresentar as mudanças na dinâmica familiar que foram percebidas como relacionadas à mudança do ambiente de moradia.

De maneira geral, as percepções indicaram que a maioria dos moradores sofreu alguma alteração em suas rotinas diárias após o remanejamento, sendo algumas relacionadas à mudança de espaço físico e outras a aspectos pessoais e relacionais. Nas falas foi possível verificar que essas alterações nas rotinas contaram com ganhos e possibilidades do novo ambiente de moradia e perdas, sobretudo de laços estabelecidos com objetos, pessoas e símbolos das antigas moradias. O que aponta a relevância desse tipo de investigação para instituições responsáveis pela execução de projetos de intervenção urbana, teóricos, pesquisadores e profissionais da sociologia, antropologia, serviço social, arquitetura e psicologia e demais áreas envolvidas nos estudos sobre as interações pessoa-ambiente.

As pesquisas na área da habitação de maneira geral têm fornecido muitos achados sobre impactos sociais gerados por essas intervenções no espaço urbano, que acabam por incidir sobre a população local. Trata-se de pesquisas que evidenciam aspectos negativos, sobretudo dos efeitos da ação dos empreendimentos que visam construção de habitações coletivas, implicando em remanejamento involuntário dessa população, o que se torna relevante na medida em que podem instigar discussões sobre a melhoria de aspectos desses novos contextos de moradia. No entanto, investigações sobre percepção podem evidenciar o modo como os sujeitos experienciam situações de remanejamento habitacional, o que oportunizaria contribuir com a produção do conhecimento sobre o tema partindo da perspectiva do morador, evidenciando aspectos positivos e negativos segundo suas percepções e representações.

Considera-se também, em função da amplitude do tema, a necessidade de utilização de instrumentos interdisciplinares que busquem evidenciar todos os aspectos envolvidos em processos de adaptação dos modos de vida a diferentes contextos interacionais e de moradia. Futuras pesquisas sobre rotinas com populações remanejadas podem utilizar metodologias que se aproximem ainda mais da abordagem interdisciplinar que o tema requer.

## CAPÍTULO IV

### CONSIDERAÇÕES DA DISSERTAÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar possíveis relações entre as rotinas diárias e os níveis de satisfação após o remanejamento. Para tanto, foi dividido em dois estudos, com a finalidade de abordar o problema de pesquisa evidenciando diferentes aspectos envolvidos nesse processo. O primeiro estudo, com abordagem quantitativa e de caráter descritivo e correlacional, apontou para um elevado número de famílias em condição de vulnerabilidade social, cuja maioria de respondentes era do sexo feminino, com baixa escolaridade e oriunda de residências anteriores (geralmente, feitas de madeira, com poucos cômodos e em terrenos alagáveis, caracterizadas como moradias em áreas de ocupações irregulares ou assentamentos precários).

O primeiro estudo evidenciou também a prevalência de avaliações positivas sobre o pós-remanejamento, bem como a associação estatisticamente significativa entre avaliação pós-remanejamento e as variáveis referentes à casa atual: chefia familiar, composição da renda, privacidade na casa, instalação hidráulica, relações de vizinhança, pretensão à mudança, uso do tempo com o cônjuge, com os filhos e no local de trabalho extrafamiliar. Desta maneira, conseguiu atender aos objetivos propostos na medida em que apontou os níveis de satisfação e sua relação com elementos das rotinas diárias, condições socioeconômicas e características das moradias.

No segundo estudo os dados foram abordados de maneira qualitativa, descritiva e exploratória, buscando atender o objetivo de analisar a percepção do morador sobre sua rotina antes e depois do remanejamento e a relação entre determinadas alterações percebidas na rotina pela mudança residencial. Neste estudo, foi possível constatar que a maioria dos moradores relatou alguma alteração em suas rotinas diárias após o processo

de remanejamento habitacional, sendo estas relacionadas mais à mudança de espaço físico e outras remetem a aspectos pessoais e relacionais. Entende-se que os achados do segundo estudo conseguiram, por meio da análise de conteúdo das respostas dos participantes atender às questões levantadas, evidenciar as percepções dos moradores sobre suas vidas diárias nas moradias anterior e atual, além de apresentar as mudanças na dinâmica familiar que foram percebidas como relacionadas à mudança ocasionada pelo remanejamento.

Deste modo, os dois estudos, a partir de formas específicas de abordagem dos dados, conseguiram atender ao objetivo geral da dissertação, apontando aspectos das rotinas dos moradores que parecem ter sido impactados pela mudança por eles vivida do contexto de moradia, indicando o seu ponto de vista sobre como essas condições estão relacionadas e o modo como os sujeitos desse processo experienciaram essas transformações.

Acredita-se que ambos os estudos atuaram de forma complementar e permitiram constatar que a exposição a um ambiente de moradia com uma composição ecológica diferenciada exerceu alguma influência nas percepções dos moradores e suscitou mudanças em alguns dos seus comportamentos rotineiros, o que refletiu no processo de adaptação do morador a esse novo espaço residencial.

Considera-se que alguns desafios se colocaram à realização deste trabalho, na medida em que exigiu dos pesquisadores responsáveis a inserção em áreas, que mesmo tendo passado por um processo recente de urbanização e várias transformações estruturais, sua população é considerada socialmente vulnerável, sobretudo do ponto de vista da segurança. Fato este que levou à necessidade de intercalar as visitas nas áreas para preservar a segurança da equipe e que de certa forma impediu maiores aproximações com os sujeitos da pesquisa. Essas famílias também são constantemente abordadas em suas residências pela equipe que atua na execução desses projetos de

remanejamento, o que teria levado a uma indisposição de algumas famílias em aceitar participar da pesquisa. A recusa de algumas famílias, somada ao número de unidades habitacionais que estavam fechadas, se configurou em outra dificuldade do estudo, que acabou por limitar as técnicas de seleção dos participantes, gerando a necessidade de usar critérios de conveniência.

Destaca-se ainda que, na articulação de pesquisas de feição interdisciplinar, surge o desafio de organizar metodologias e propor instrumentos que atendam a diversas áreas de interesse, além da necessidade de atribuir aos discursos certa unidade para afinar objetivos e ações. Tal desafio esteve presente também nas possibilidades de produção teórica do presente trabalho, cujas áreas envolvidas e produções sobre o tema assumem grande diversidade, mostrando, ora as inúmeras possibilidades de construções, ora as dificuldades de parâmetros na formulação do trabalho em função da reduzida literatura, que aborda este tema de maneira interdisciplinar.

Em função do exposto, acredita-se que pesquisas que se lançam ao desafio da interdisciplinaridade apontam na direção de uma perspectiva sistêmica de abordagem dos processos interacionais entre pessoa e ambiente ecológico, ampliando as possibilidades de investigação, e entendendo que investigar a relação e influencia dos sistemas e subsistemas envolvidos nesse processo não é tarefa de uma única área do conhecimento, nem o conhecimento poderá ser tomado como produto de construções unidirecionais. Neste sentido, os elementos presentes neste tipo de investigação devem ser entendidos como operando todos a partir de uma influência mútua (dinâmica de urbanização, contextos culturais de moradia, redes de sociabilidade entre moradores, elementos da rotina etc.) na construção de um complexo contexto que só poderá ser desvendado em sua plenitude partindo de uma aproximação das diferentes áreas do conhecimento.

Esses achados sobre rotinas em situações de mudanças residenciais contribuem com os estudos sobre desenvolvimento humano em uma perspectiva bioecológica uma vez que tomam os blocos construtores do microssistema familiar: as atividades, os papéis e as relações naquilo que podem influenciar e ser influenciados pelas características contrastantes desses diferentes ambientes de moradia. Contribuem ainda à medida que apresentam elementos do macrossistema, presentes nas políticas de intervenção no espaço urbano, a partir do quanto essas macroestruturas potencialmente determinam a forma e conteúdo dos demais contextos ecológicos, incidindo sobre os ambientes primários e determinando modos de vida e de comportamentos. E, em última instância, pesquisas nesta direção podem instigar o envolvimento e atenção dos organismos responsáveis por essas ações a fim de melhorar a oferta de equipamentos e serviços públicos que garantam melhores condições de moradia, o que caracterizaria esse tipo de investigação como experimentos transformadores, que visam gerar importantes mudanças em nível de macrossistemas, com a proposta de alcançar todos os outros contextos onde a vida acontece.

## REFERÊNCIAS

- Altieri, M. J., & Von Kluge, S. (2009). Family functioning and coping behaviors in parents of children with autism. *Journal of child and Family Studies*, 18(1), 83-92.
- Anderson, P. M. (2012). Parental employment, family routines and childhood obesity. *Economics and Human Biology*, 10 (4), p. 340–351. Acedido Junho 10, 2014 em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22622096>.
- Anderson, S.E., & Whitaker, R.C. (2010). Household routines and obesity in US preschool-aged children. *Pediatrics*, 125, 420-428. Acedido Março 7, 2014, em <http://pediatrics.aappublications.org/content/125/3/420>.

- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante: Coleção Pesquisa Qualitativa*. Bookman. Acedido Maio 20, 2015 em [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=slUfqvzo3Q8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=Angrosino,+2009%3B+&ots=QPpaStYTs7&sig=Xu3uVe2A\\_jp0uV kDfCHBrwwYUfE#v=onepage&q=Angrosino%2C%202009%3B&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=slUfqvzo3Q8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=Angrosino,+2009%3B+&ots=QPpaStYTs7&sig=Xu3uVe2A_jp0uV kDfCHBrwwYUfE#v=onepage&q=Angrosino%2C%202009%3B&f=false).
- Araújo, L.B., & Costa, E.D. (2013). *Remanejamento Urbano e Habitação No Município De Ananindeua-Pará: O pós-ocupação das famílias residentes no Conjunto Jader Barbalho*. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Atlas de Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. (2015). Acedido Março 20, 2015, em <http://www.pnud.org.br/Tags.aspx?tag=IDHM>.
- Bakker, W., Karsten, L., & Mulder, C. H. (2015). Family routines and rituals following separation: continuity and change. *Families, Relationships and Societies*. Acedido Maio 20, 2015 em <http://dx.doi.org/10.1332/204674314X13891971182856>.
- Baltrusis, N. (2004). O crescimento da informalidade nas cidades do pós-fordismo e a mudança do paradigma das políticas de habitação social. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, (16), 50-66.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta, (3), 226.
- Benevides, T., Outten, G., Johnson, S., Cohen, S., & Schaaf, R. (2011). The everyday routines of families of children with autism: Examining the impact of sensory processing difficulties on the family. *SAGE Publications and The National Autistic Society*, 15(3) 373–389, Acedido junho 15, 2014, em <http://aut.sagepub.com/content/early/2011/03/18/1362361310386505>.

- Bernheimer, L. P., & Weisner, T. S. (2007). "Let me just tell you what I do all day...": The family story at the center of intervention research and practice. *Infants & Young Children, 20*(3), 192-201.
- Boehs, A. E., Grisotti, M., & de Aquino, M. D. W. (2007). Rotinas das famílias com crianças lactentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 15*(5), 902-908.
- Boehs, A.E., & Fernandes, G.C.M. (2013). Mudanças Das Rotinas Familiares Na Transição Inesperada Por Desastre Natural. *Esc Anna Nery, 17*, 160 – 167, Acedido Junho 15, 2014, em <http://www.scielo.br/pdf/ean/v17n1/22.pdf>.
- Bonato, F. S. (2010). *Proposta de um modelo para avaliação de Empreendimentos Habitacionais de Interesse Social a partir da percepção de clientes finais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.
- Bonduki, N. (2008). Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula. *Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo, 1*, 70-104.
- Borges, V. F. (2013). Reflexões sobre a política pública de habitação: do banco nacional de habitação ao Programa habitacional Minha casa, Minha vida. *Boletim Gaúcho de Geografia, 40*(2).
- Boyce, W.T., Hartnett, S.A., James, S.A., & Jensen, E.W. (1983). The family routines inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine, 17*, 201-211. Acedido Janeiro 2, 2014, em <http://www.psychwiki.com/dms/other/labgroup/Measufsdfsdbger345resWeek1/Elizabeth/Jensen1983.pdf>.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento: Experimentos naturais e*
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. (A. Carvalho-Barreto, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

- Bruschini, M. C. A., & Ricoldi, A. M. (2009). Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. *Cadernos de pesquisa*, 39(136), 93-123.
- Budescu, M., & Taylor, R. D. (2013). Order in the home: Family routines moderate the impact of financial hardship. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 34, 63-72.
- Busacker, A., & Kasehagen, L. (2012). Association of residential mobility with child health: An analysis of the 2007 National Survey of Children's Health. *Maternal and child health journal*, 16(1), 78-87.
- Caixa Econômica Federal. Caderno de Orientação Técnico Social. (2013). Acedido maio 20, 2015 em [portal.cnm.org.br/sites/6700/6745/caderno\\_de\\_orientacao.pdf](http://portal.cnm.org.br/sites/6700/6745/caderno_de_orientacao.pdf).
- Cardoso, A. C. D., Pereira, G. D. J. C., & Negrão, M. R. G. (2013). Urbanização e estratégias de desenvolvimento no Pará: da ocupação ribeirinha aos assentamentos precários. *Novos Cadernos NAEA*, 16(2), 255-279.
- Cardoso, A. L., Aragão, T. A., & Araújo, F. (2013). Habitação de interesse social: política ou mercado? Reflexos sobre a construção do espaço metropolitano. *Encontros Nacionais da ANPUR*, 14. Acedido Maio 20, 2015 em [http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/download/adauto\\_desig\\_urb\\_polha\\_b.pdf](http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/download/adauto_desig_urb_polha_b.pdf).
- Carneiro, C., & Bindé, P. J. (1997). A psicologia ecológica e o estudo dos acontecimentos da vida diária. *Estudos de Psicologia*, 2(2), 363-376.
- Carneiro, R., Brasil, F. D. P. D., Almeida, M. E., & Barbosa, T. P. (2012). Políticas de Habitação Social e Instituições Participativas a partir de municípios da RMBH. *Administração Pública e Gestão Social*, 3(4), 399-420.
- Cernea, M.M. (1996). El Reasentamiento Involuntario: la investigación social, la política y la planificación. *Revista de Sociologia Aplicada*, 13(21).

- Chiarelli, L. M. Á. (2006). *Qualidade arquitetônica em espaços abertos em conjuntos habitacionais de interesse social. Estudo de caso em empreendimento PAR, Pelotas/RS*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Cidade, E.C., Moura, J.F., & Ximenes, V.M. (2012). Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-americano. *Psicologia Argumento*, 30(68), 87-98.
- Correa, R. L. (1993). O espaço urbano: notas teórico-metodológicas. *Geosul*, 8(15), 13-18. Acedido Fevereiro 10, 2015 de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12815/11998>.
- Coswig, M. T., Anapolski, A., & Medvedovski, N. S. (2010). Percepção de segurança dos usuários em conjunto habitacional de interesse social—o caso do residencial Porto, Pelotas, RS. *Gestão & Tecnologia de Projetos*, 5(2), 18-34.
- De Caro, J.A., & Worthman, C.M. (2011). Changing family routines at kindergarten entry predict biomarkers of parental stress. *International Journal of Behavioural Development*, 35(5), 441-448.
- Del Duca, G. F., Silva, M. C. D., & Hallal, P. C. (2009). Incapacidade funcional para atividades básicas e instrumentais da vida diária em idosos. *Rev Saúde Pública*, 43(5), 796-805.
- Denaldi, R. (2009). Assentamentos Precários: identificação, caracterização e tipos de intervenção. *Midades, Ministério das Cidades. Curso à distância: planos locais de habitação de interesse social. Brasília: Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação*, 107-131.
- Eckert, C., & da Rocha, A. L. C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras*, 9(21).

- Evangelista, P. (2010). Interpretação Crítica da teoria de Campo Lewiniana a partir da Fenomenologia. *Fenoe grupos*, 1-10. Acedido Maio 10, 2015 em [http://www.fenoe grupos.com/JPMArticle3/pdfs/evangelista\\_teor ia\\_de\\_campo.pdf](http://www.fenoe grupos.com/JPMArticle3/pdfs/evangelista_teor ia_de_campo.pdf).
- Evans, G. W. (2004). The environment of childhood poverty. *American Psychologist*, 59, 77-92. Acedido Novembro 15, 2013, em <http://doi.apa.org/journals/amp/59/2/77.pdf>
- Evans, G.W., Eckenrode, J., & Marcynyszyn, L.A. (2010). Chaos and the macrosetting: The role of poverty and socioeconomic status. In G. W. Evans, & T. D. Wachs (Eds.), *Chaos and its influence on children's development: An ecological perspective*. Washington: *American Psychological Association*. p. 225-128.
- Faustino, F. G., Silva, G. C., Almeida, I. E. A., & Júnior, J. B. N. (2008). Design de Interiores em Habitações Populares: estudo de caso em habitações do Conjunto Mangabeira VII. *Tecnologia & Desenvolvimento Sustentável*, 3, 133-147.
- Felippe, M. L. (2010). Casa: uma poética da terceira pele. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 299-308.
- Fernandes, E. Cidade legal X ilegal. In: Valença, M. M. (2008). *Cidade (i) legal*. Mauad Editora Ltda. 21-42.
- Ferreti, L.K., & Bub, K.L. (2014). The influence of family routines on the resilience of low-income preschoolers. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 35(3), 168-180.
- Fiese, B. H. (2007). Routines and rituals: Opportunities for participation in family health. *OTJR: Occupation, Participation and Health*, 27(suppl.), 41S-49S.
- Fiese, B. H., Winter, M. A., Sliwinski, M., & Anbar, R. D. (2007). Nighttime waking in children with asthma: an exploratory study of daily fluctuations in family climate. *Journal of Family Psychology*, 21(1), 95.

- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology*, 16, 381–390.
- Fiese, B., & Spagnola, M. (2007). Family Routines and Rituals: a context for development in the lives of young children. *Infants & Young Children*, 20, 284–299.
- Figliolino, J. A. M., Morais, T. B., Berbel, A. M., & Dal Corso, S. (2009). Análise da influência do exercício físico em idosos com relação a equilíbrio, marcha e atividade de vida diária. *Rev Bras Geriatr Gerontol*, 12(2), 227-38.
- Filho, J. M., & Soares, B. R. (2011). Os conflitos e as contradições na aquisição da moradia social nos enclaves de pobreza urbana no Brasil: uma análise sobre a cidade de Araguaína-TO. *Revista Geográfica de América Central*, 2(47E).
- Herbert, S.C.T. (2012). Imigração, rituais e identidade: estudo exploratório com descendentes de imigrantes cabo-verdianos. *Universidade Católica Portuguesa*. Acedido Junho 10, 2014, em <http://hdl.handle.net>.
- Holanda, A. C. G. (2011). *A nova política de habitação de interesse social no Pará (2007-2010): avanços e limites*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém, PA, Brasil.
- Hollinger, C. N. (2013). Unique Perspectives and Struggles of Parents Rearing Children with Phenylketonuria with Unaffected Siblings. Acedido Maio 20, 2015 em <http://scholarcommons.sc.edu.etc/1257>.
- Holzer, W. (1997). Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Revista Território*, 2(3), 77-85.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo demográfico 2010*, Rio de Janeiro: IBGE.

- Ingersoll, B., & Hambrick, D. Z. (2011). The relationship between the broader autism phenotype, child severity, and stress and depression in parents of children with autism spectrum disorders. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 5(1), 337-344.
- Kobarg, A. P. R., Kuhnen, A., & Vieira, M. L. (2008). Importância de caracterizar contextos de pesquisa: diálogos com a Psicologia Ambiental. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 18(1), 87-92.
- Koller, S. H. (2004). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil*. Casa do Psicólogo.
- Kruse, L. (2005). Compreendendo o Ambiente em Psicologia Ambiental. *Psicologia*
- Lencastre, M. P. A. (2012). Comportamento, Cognição e Linguagem: Contribuição da Fenomenologia Biológica para o Estudo das Relações Corpo-Mente. *Revista Sensos*. 2, 105-123.
- Lima, M. M. (2011). *Análise de Inadequações Projetuais do Setor Serviço Sob a Ótica da Geração de Valor para o Usuário em Habitações de Interesse Social*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.
- Lino, V. T. S., Pereira, S. R. M., Camacho, L. A. B., Ribeiro Filho, S. T., & Buksman, S. (2008). Adaptação transcultural da Escala de Independência em atividades da vida diária (Escala de Katz). *Cad. Saúde Pública*, 24(1), 103-112.
- Magnani, J. G. C. (2002). De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana.
- Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129-156.
- Malard, M. L. (2006). *As aparências em arquitetura*. Editora UFMG. Acedido em 10 de Janeiro , 2015, em <https://scholar.google.com.br>.
- Malard, M. L., Conti, A., Souza, R. D., & Campomori, M. J. L. (2002). Avaliação pós-ocupação, participação de usuários e melhoria de qualidade de projetos

- habitacionais: uma abordagem fenomenológica. *Coletânea Habitare. ANTAC, 1*, 243-267.
- Marin, A. A., & Lima, A. P. (2009). Individuation, perception, environment: Merleau-Ponty and Gilbert Simondon. *Educação em Revista, 25*(3), 265-281.
- Marques M.H., & Mar, D. (2011). Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal dos pais. *Rev Psiq Clín., 38*(2), 66-70.
- Matheny, A. P. Jr.; Wachs, T. D.; Ludwig, J. L.; & Phillips, K. (1995). Bringing order out of chaos: Psychometric characteristics of the confusion, hubbub, and order scale. *Journal of Applied Developmental Psychology, 16*, 429-444.
- Medvedovski, N. S. (2002). Diretrizes especiais para regularização urbanística, técnica e fundiária de conjuntos habitacionais populares. *Inserção Urbana e Avaliação Pós-Ocupação (APO) da Habitação de Interesse Social, São Paulo, SP-FAUUSP*, 130-159.
- Melazo, G. C. (2009). Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. *Olhares & Trilhas. 6*, 45-51.
- Ministério das Cidades. Acedido Fevereiro 20, 2015 em <http://www.cidades.gov.br>.
- Moreira, C. F., & Leme, A. A. (2011). Direito à moradia: políticas públicas nos governos FHC e Lula. *Horizonte Científico, 5*(1).
- Moser, G. (2003). Examinando a congruência pessoa-ambiente: o principal desafio para a Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia, 8*(2), 331-333.
- Moser, G. (2005). Psicologia Ambiental e estudos pessoas-ambiente: que tipo de colaboração multidisciplinar. *Psicologia USP, 16*(1/2), 131-140.
- Moura, P. F. (2010). Da favela ao residencial: reassentamentos populares e modos de vida. *Coletânea de Trabalhos Vencedores do Prêmio Silvia Lane Abep.*(3) 67.

- Murphy, D. A., Marelich, W. D., Herbeck, D. M., & Payne, D. L. (2009). Family routines and parental monitoring as protective factors among early and middle adolescents affected by maternal HIV/AIDS. *Child Development*, 80(6), 1676-1691.
- Oliveira, K. A., & Corona, H. M. P. (2011). A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. *Revista Científica ANAP Brasil*, 1(1).
- Oliveira, P. P. (2012). *Efeitos do número de unidades no desempenho da habitação de interesse social: o caso de moradias isoladas e concentradas no município de Santiago-RS*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Ornstein, S. W. (2005). Arquitetura, Urbanismo e Psicologia Ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. *Revista da USP*, 16(12), 155-165.
- Pereira, A. F. (2013). *Habitação saudável nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento na comunidade DSUP, Complexo de Manguinhos, RJ*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Brasil.
- Pereira, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de psicologia (Campinas)*. Vol. 24, n. 3 (jul./set. 2007), p. 385-395.
- Rito, I. N. D. A. (2012). *Avaliação pós-ocupação e qualidade do lugar: experiência no Conjunto de Habitação Popular Jardim São José II–Zona Leste–São José dos Campos-SP*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos, SP, Brasil.
- Rocha, H. D. (2009). Carta aos atingidos: as negociações na bacia do rio Uruguai. I *Seminário Nacional Sociologia & Política, UFPR*.

- Roche, K. M., & Ghazarian, S. R. (2012). The value of family routines for the academic success of vulnerable adolescents. *Journal of Family Issues*, 33(7), 874-897.
- Rodger, S., & Umaibalan, V. (2011). The routines and rituals of families of typically developing children compared with families of children with autism spectrum disorder: An exploratory study. *The British Journal of Occupational Therapy*, 74(1), 20-26.
- Rolnik, R., & Nakano, K. (2009). As armadilhas do pacote habitacional. *Le monde diplomatique Brasil*, 5(3), 09.
- Rubin, G. (2013). O Problema Habitacional na América Latina: Exemplos do Brasil e Chile. *Geo UERJ*, 1(24), 125-144.
- Santana, J. V., de Oliveira, A. B., & Maués, R. S (2013). Habitação e Remoção de Famílias: reflexões sobre a política urbana na cidade de Belém-Pará. In: VI Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2013, São Luís - MA. O desenvolvimento da crise capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a humilhação. Acedido Fevereiro 10, 2015 em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013>.
- Santana, J. V., Holanda, A. C. G., & Moura, A. S. F. (Orgs.). (2012). A Questão da Habitação em Municípios Periurbanos na Amazônia. *EdUfpa.*, 1, 400.
- Sarriera, J. C., Tatim, D. C., Coelho, R. P. S., & Büsker, J. (2007). Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20(3), 361-367.
- Schaaf, R. C., Toth-Cohen, S., Johnson, S. L., Outten, G., & Benevides, T. W. (2011). The everyday routines of families of children with autism: Examining the impact of sensory processing difficulties on the family. *Autism*, 1362361310386505.
- Seo, S., & Moon, H. (2012). Do Korean Young Children's Daily Routines and Their Mothers' Parenting Stress Differ According to Socioeconomic Status?. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 40(3), 481-499.

- Sheely, A. (2010). Work characteristics and family routines in low-wage families. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 37(3), 59-77.
- Shimbo, L. Z. (2010). *Habitação Social, Habitação de Mercado: a confluência entre Estado, empresas construtoras e capital financeiro*. Tese de Doutorado. Universidade de São Carlos. São Carlos, SP, Brasil.
- Silva, S., Pontes, F., Santos, T., Maluschke, J., Mendes, L., Reis, D., & Silva, S. (2010). Rotinas Familiares de Ribeirinhos Amazônicos: Uma Possibilidade de Investigação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 341-350.
- Silvestre, M. G. (2013). *Influência dos sistemas construtivos nas modificações promovidas pelo usuário em unidades de HIS: estudos de caso na região do Vale do Paraíba/SP*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. SP, Brasil.
- Smith, L., & Elder, J. (2010). Siblings and family environments of persons with Autism Spectrum Disorders: A review of literature. *Journal of Child and Adolescent Psychiatry Nursing*, 23, 189-195. Acedido Junho 6, 2014, em <http://dx.doi.org/10.1111/j.1744-6171>.
- Swick, K.j., & Williams, R.D. (2006). *Early Childhood Education Journal*, 33 (5).
- Theophilo, A. Z. (2014). *Requisitos de acessibilidade em habitação de interesse social: um estudo de caso no residencial Vista Bela em Londrina Paraná*. Dissertação de Mestrado. Universidade Repositório/ UEL. Londrina, PR, Brasil. [www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24642.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24642.pdf).
- Vale, K. C. D. (2012). *Avaliação Pós-Ocupação do Conjunto Residencial Gervásio Maia-PB*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil.
- Vasconcelos M. J. E. (2002). *Pensamento sistêmico: Novo Paradigma da ciência*. São Paulo Papirus.

- Verissimo, D. S. (2013). A dimensão pulsional do sensível: elaborações acerca da percepção em Renaud Barbaras. *Psicologia USP*, 489-507.
- Wadsworth, M. E. (2012). Working with low-income families: Lessons learned from basic and applied research on coping with poverty-related stress. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 42, 17-25.
- Weisner, T. S.(2010). Well-being, chaos, and culture: Sustaining a meaningful daily routine. In G. Evans & T. D. Wachs (Eds.), *Chaos and its influence on children's development. Washington DC: American Psychological Association*, p. 211–224.
- Wildenger, L. K., McIntyre, L. L., Fiese, B. H., & Eckert, T. L. (2008). Children's daily routines during kindergarten transition. *Early Childhood Education Journal*, 36(1), 69-74.
- Wolin, S.J., & Bennett, L.A. (1984). Family Rituals. *Family Process*, 23, 401-420.
- Acedido junho 5, 2014, em <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3406900161.html>.

**ANEXOS**

**ANEXO A**  
**INVENTÁRIO DE ROTINA FAMILIAR (IRF)**

Família \_\_\_\_\_ - ISD \_\_\_\_\_

Data - \_\_\_\_\_ Aplicadores \_\_\_\_\_

	HORA	ATIVIDADE															LOCAL	OBSERVAÇÕES		
		DA	H	A	D	E	DC	B	TV	R	TD	AP	CO	L	FC	ER			OUTRO	
<b>MADRUGADA</b>	00h-01h																			
	01h-02h																			
	02h-03h																			
	03h-04h																			
	04h-05h																			
	05h-06h																			
<b>MANHÃ</b>	06h-07h																			
	07h-08h																			
	08h-09h																			
	09h-10h																			
	10h-11h																			
	11h-12h																			

**LEGENDAS**

ATIVIDADES	COMPANHIA
<b>DA</b> - dormir, descansar ou acordar	<b>TV</b> – Televisão
<b>B</b> - Lazer	<b>AP</b> - atividades programadas
<b>T</b> - Trabalho	<b>AV</b> - avó/avô
<b>ER</b> - evento religioso	<b>A</b> - alimentação
<b>P</b> - pai	<b>R</b> - rádio/DVD
<b>H</b> - higiene pessoal	<b>CO</b> - Conversar
<b>Atividades que a pessoa realiza normalmente, mas que não foram citadas:</b>	

Família \_\_\_\_\_ - ISD \_\_\_\_\_

Data - \_\_\_\_\_ Aplicadores \_\_\_\_\_

	HORA	ATIVIDADE															LOCAL	OBSERVAÇÕES	
		DA	H	A	D	E	DC	B	TV	R	TD	AP	CO	L	FC	ER			OUTRO
<b>TARDE</b>	12h-13h																		
	13h-14h																		
	14h-15h																		
	15h-16h																		
	16h-17h																		
	17h-18h																		
<b>NOITE</b>	18h-19h																		
	19h-20h																		
	20h-21h																		
	21h-22h																		
	22h-23h																		
	23h-24h																		

**LEGENDAS**

ATIVIDADES	COMPANHIA
<b>DA</b> - dormir, descansar ou acordar	<b>TV</b> – Televisão
<b>B</b> - Lazer	<b>AP</b> - atividades programadas
<b>T</b> - Trabalho	<b>AV</b> - avó/avô
<b>ER</b> - evento religioso	<b>A</b> - alimentação
<b>P</b> - pai	<b>R</b> - rádio/DVD
<b>H</b> - higiene pessoal	<b>CO</b> - Conversar

**Atividades que a pessoa realiza normalmente, mas que não foram citadas:**

**ANEXO B**  
**AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO (APO) / QUESTIONÁRIO DE ADAPTAÇÃO**  
**HABITACIONAL.**

Pesquisador: \_\_\_\_\_

**1. IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA:** \_\_\_\_\_

**2. SOCIODEMOGRÁFICO**

<b>2.1 Características do entrevistado:</b>	
a) Sexo: (1) Feminino      (2) Masculino	
b) Idade: _____ anos.	
c) Escolaridade:	
(1) Analfabeto      (2) E.F.I.      (3) E.F.C.      (4) E.M.I.      (5) E.M.C.	
(6) Superior Completo      (7) Superior Incompleto      (8) Pós-graduação	

<b>3. ANTES E DEPOIS DO REMANEJAMENTO: Comparativo entre a Casa Atual e Anterior</b>			
<b>ITENS</b>		<b>CASA ATUAL</b>	<b>CASA ANTERIOR</b>
<b>3.1 Tempo de Moradia</b>	Há quanto tempo mora na casa?	(    ) meses	(    ) meses
<b>3.2 Composição Familiar</b>	a) Quantas pessoas moram na casa?	(    ) pessoas	(    ) pessoas
	b) Qual a composição familiar?	(1) pai/mãe      (2) pai/mãe e filhos  (3) pai/filhos      (4) mãe/filhos	(1) pai/mãe      (2) pai/mãe e filhos  (3) pai/filhos      (4) mãe/filhos

		(5) família e agregados (6) mãe e/ou pai, filhos e avós (7) outros	(5) família e agregados (6) mãe e/ou pai, filhos e avós (7) outros
	c) Qual a quantidade de crianças por faixa etária?	(1) ( ) até 6 (2) ( ) 7 a 13	(1) ( ) até 6 (2) ( ) 7 a 13
	d) Quantas pessoas compõem a(s) família(s) agregada(s)?	( ) pessoas	( ) pessoas
	e) Quem é o chefe da família?	(1) pai (2) mãe (3) avô (4) avó (5) irmão/irmã (6) outros	(1) pai (2) mãe (3) avô (4) avó (5) irmão/irmã (6) outros
<b>3.3 Renda Familiar</b>	a) Quantas pessoas possuem renda?	( ) pessoas	( ) pessoas
	b) Qual a fonte da renda familiar?	1	1
		2	2
		3	3
		4	4
c) Qual a renda familiar em salários mínimos?	(1) até 1 (2) 1-3 (3) 3-5 (4) 5-7 (5) 7-10	(1) até 1 (2) 1-3 (3) 3-5 (4) 5-7 (5) 7-10	
<b>3.4 Orçamento Familiar</b>	a) Quais são os produtos e serviços inclusos no orçamento familiar?	1	1
		2	2
		3	3
		4	4
<b>Legenda:</b> PRODUTOS – alimentação, gás, medicamento, vestuário, etc. SERVIÇOS – água, educação, energia, lixo, plano de saúde, etc.			
<b>3.5 Tipologia da Casa</b>	a) Qual a situação da casa?	(1) Casa própria (2) Casa alugada (3) Casa cedida (4) Quarto alugado (5) Agregado (6) Outros	(1) Casa própria (2) Casa alugada (3) Casa cedida (4) Quarto alugado (5) Agregado (6) Outros
	b) Qual o tipo de construção da casa?	(1) Madeira (2) Alvenaria (3) Taipa (4) Palafita (5) Mista	(1) Madeira (2) Alvenaria (3) Taipa (4) Palafita (5) Mista

		(6) Outros	(6) Outros
	c) Qual o número de cômodos?	( ) cômodos	( ) cômodos
<b>3.6 Preferência e Uso da Casa</b>	a) O que você mais gosta em sua casa?		
	b) O que você não gosta em sua casa?		
	c) Qual o ambiente mais utilizado?		
	d) Você realiza/realizava alguma atividade comercial em sua casa?	(1) Sim: Qual?	(1) Sim: Qual?
		(2) Não	(2) Não
e) Como você considera a aparência da sua casa?	(1) Ótimo (2) Bom (3) Regular (4) Ruim (5) n.s.a	(1) Ótimo (2) Bom (3) Regular (4) Ruim (5) n.s.a	
<b>3.7 Transporte</b>	a) Que tipo de transporte você usa para chegar ao trabalho?	(1) Ônibus (2) Veículo próprio (3) Van (4) Bicicleta (5) Moto (6) Outros	(1) Ônibus (2) Veículo próprio (3) Van (4) Bicicleta (5) Moto (6) Outros
	b) Como você classifica a sua mobilidade urbana?	(1) Ótimo (2) Bom (3) Regular (4) Ruim (5) n.s.a	(1) Ótimo (2) Bom (3) Regular (4) Ruim (5) n.s.a
<b>3.8 Impostos e Tarifas</b>	a) Quanto ao pagamento da taxa do IPTU?	(1) Isento (2) Não Paga (3) Paga/ Valor anual:	(1) Isento (2) Não Paga (3) Paga/ Valor anual:
	b) Quanto ao pagamento da taxa de energia elétrica?	(1) Isento (2) Não Paga (3) Paga/ Valor mensal aproximado:	(1) Isento (2) Não Paga (3) Paga/ Valor mensal aproximado:
	c) Quanto ao pagamento da taxa de água?	(1) Isento (2) Não Paga (3) Paga/ Valor mensal aproximado:	(1) Isento (2) Não Paga (3) Paga/ Valor mensal aproximado:

#### 4. SITUAÇÃO ATUAL

##### 4.1 Residências e áreas comuns – adequação ao uso

O que você acha do (a):	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	n.s.a
a) Tamanho da casa					
b) Tamanho da cozinha					
c) Tamanho do banheiro					
d) Tamanho da sala					
e) Tamanho dos dormitórios					
f) Tamanho da área de serviço					
g) Disposição dos cômodos (localiação)					
h) Você sente falta de espaço para desenvolver alguma atividade na sua casa?	Sim	Não	Qual?		
i) Alguém dorme fora do quarto na sua casa?	Sim	Não	Onde?		

<b>4.2 Grau de Segurança</b>					
Com relação a furtos, assaltos e invasões, como você o classifica...	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	n.s.a
a) Na sua casa?					
Por quê?					
b) No seu bairro?					
Por quê?					

<b>4.3 Sensação de Conforto</b>					
Como você classifica sua casa em relação à:	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	n.s.a
a) Iluminação natural (claridade)					
b) Ventilação					
c) Conforto térmico					
d) Você já observou a presença de focos de umidade na sua casa?				Sim	Não

Onde?
-------

<b>4.4 Privacidade</b>					
Como você classifica sua casa em relação à...	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	n.s.a
a) Privacidade entre os moradores dentro da própria casa					
b) Barulho vindo de áreas internas (dentro de casa)					
c) Privacidade entre as casas (pela distância)					

<b>4.5 Convivência Social</b>					
				Sim	Não
a) Você utiliza as ruas para lazer ou outras atividades?					
Por quê?					
b) O espaço externo à sua casa é adequado para essas atividades?					
Por quê?					
c) Como você qualifica as relações de vizinhança entre os moradores?	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	n.s.a

<b>4.6 Manutenção, conservação e operação da casa e das áreas comuns.</b>					
Como você qualifica a situação da sua nova moradia em relação à...	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	n.s.a
a) Instalação (de água) hidráulica					
b) Instalação de esgoto					
c) Coleta de lixo					
d) Como você qualifica o material utilizado na construção da sua residência?					
e) Você já observou algum problema na sua casa (por exemplo: elétrica, caixilhos, trincas, pintura, etc.)?					

(1) Sim      (2) Não
Quais?

<b>4.7 Características das áreas comuns e de vizinhança</b>						
Como você qualifica os seguintes serviços e equipamentos:	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	Não existe	Não utiliza
a) Creche						
b) Escolas Públicas de Educação Infantil						
c) Postos de Saúde/Hospital						
d) Segurança / Posto policial						
e) Espaço de Recreação/Praças/Áreas de lazer						
f) Mobiliários Urbanos (telefone público, parada de ônibus, bancos, lixeiras, etc.)						
g) Supermercados/ Mercadinhos						
h) Feiras Livres						
i) Ruas e calçadas						
j) Conforto térmico no passeio público						
l) Iluminação artificial nas vias públicas						
k) Ruído urbano						
m) Mobilidade e acessibilidade nas ruas e calçadas						

<b>5. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVA</b>	
<b>5.1 Considerações Finais</b>	
a) Você já fez alguma modificação em sua casa?	
(1) Sim      (2) Não	P ( )
Qual?	
b) O que (mais) você gostaria de modificar na sua casa?	

c) Em que tempo?  (1) Curto prazo (até 13 meses)    (2) Médio prazo (de 13 à 48 meses)    (3) Longo prazo (acima de 48 meses)
d) Como você considera a residência atual em relação à anterior?  (1) Outros    (2) Pior    (3) Igual    (4) Melhorou    (5) Melhorou muito  Por quê?
e) Você pretende mudar de casa?  (1) Sim    (2) Não    (3) Talvez    (4) Não sei    (5) Outros
f) O que você acha que deveria ser feito para melhorar seu bairro ou conjunto habitacional?  (1) Ampliar a oferta de Serviços de Saúde. (2) Ampliar a oferta de Serviços Educacionais, Escolas e Creches. (3) Ampliar as Áreas de lazer. (4) Ampliar a Segurança, Posto Policial. (5) Ampliar os Serviços de Transporte. (6) Adequar as calçadas. (7) Ampliar/criar ciclo faixas. (8) Outros _____.

**Observações:**

---

---

---

---

---

---

Data: \_\_\_\_\_ Hora: \_\_\_\_\_

**ANEXO C****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE TECNOLOGIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

PROJETO DE PESQUISA: O PAC Urbanização de Assentamentos Precários em Cidades Amazônicas: proposta metodológica para avaliação da produção e ocupação humana na política habitacional em Belém e Macapá.

*Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. Caso você concorde em participar, a sua participação se dará por meio de uma entrevista, registrada em formulário de pesquisa. As informações e resultados encontrados no final da pesquisa poderão ser publicados em revistas e eventos científicos, mantendo o compromisso de total sigilo da sua identidade. A sua participação poderá ser interrompida no momento em que você quiser, sem causar prejuízos, basta que você me diga.*

Atenciosamente,

---

Pesquisador (a)

---

Orientadora

Solange Gayoso

ITEC/ICSA/Núcleo Teoria do Comportamento-Universidade Federal do Pará

Rua Augusto Corrêa, 1, Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto, Guamá, CEP:

66075-110

Fone: 3201-7716

### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro que fui esclarecido sobre o objetivo da pesquisa, assim como sobre a possibilidade de retirar minha participação se assim eu desejar, sem que haja prejuízos para meu tratamento. Declaro ainda que, por minha livre vontade, aceito participar da pesquisa cooperando com a coleta de dados para análise.

Belém, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário João de

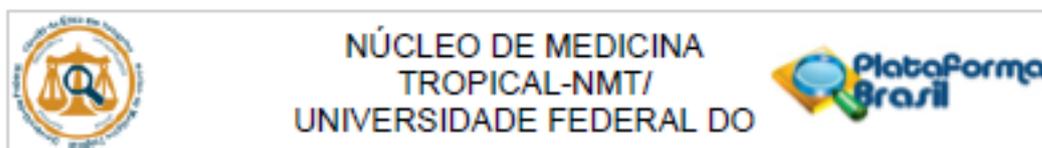
Barros Barreto (CEP-HUJBB/UFPA)

Rua dos Mundurucus, 4487, CEP: 66.073-000 – Belém, Pará.

Tel/Fax: 3201-6754, cephujbb@yahoo.com.br; [www.ufpa.br/hujbb](http://www.ufpa.br/hujbb)

## ANEXO D

## Documento de aprovação do comitê de ética



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Pobreza e Ecologia do Desenvolvimento

**Pesquisador:** FERNANDO AUGUSTO RAMOS PONTES

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 21653814.4.0000.5172

**Instituição Proponente:**

**Patrocinador Principal:** Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 865.235

**Data da Relatoria:** 28/10/2014

## Apresentação do Projeto:

A pobreza é um fenômeno caracterizado pela ausência ou escassez de recursos que possibilitem ao ser humano desenvolver-se de modo saudável. Dada a multidimensionalidade do fenômeno, é possível relacionar algumas variáveis existentes nesta condição, como: o alto grau de associação entre pobreza e estresse; o papel de destaque dos adultos dentro do sistema familiar, particularmente daqueles que exercem as funções parentais com efeito na forma como a parentalidade e coparentalidade é exercida; na falta de estrutura das rotinas e na sobrecarga de estimulação ambiental presente no ambiente familiar (caos ambiental). Contrabalançam esses efeitos o grau de resiliência e a rede de suporte dos agentes parentais. Contudo, a literatura tem apontado que além de esses estudos com esta característica no Brasil serem inéditos, internacionalmente há aspectos que merecem uma maior elucidação. Ainda não é claro o quanto estrutura das rotinas familiares, a ausência de dados qualitativos sobre a estrutura/desestrutura do ambiente

**Endereço:** Av. Generalíssimo Deodoro, 92

**Bairro:** Umarizal

**UF:** PA

**Telefone:** (91)3201-0961

**Município:** BELEM

**CEP:** 66.055-240

**E-mail:** cepbel@ufpa.br



NÚCLEO DE MEDICINA  
TROPICAL-NMT/  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 005/2015

familiar (caos familiar), a ausência de acompanhamento de processos de mudança de residência, o impacto de políticas públicas de compensação de renda e de reassentamento têm em influência na ecologia do desenvolvimen

**Objetivo da Pesquisa:**

Utilizando o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano como principal arcabouço conceitual para organizar os conceitos utilizados, este programa de pesquisa procura organizar os projetos coordenados pelo proponente no Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento- UFPA, com o objetivo geral discutir a ecologia do desenvolvimento presente no contexto de pobreza

considerando as variáveis de estilos parentais, parentalidade, estresse, resiliência,

caos ambiental, características da vizinhança, rede de suporte disponível e a rotina familiar. Considerando as informações presentes na literatura acerca do tema, foi possível considerar como hipóteses: - As famílias pobres que convivem em ambientes mais caóticos possuem membros mais estressados. - O estresse dos pais, mães e responsáveis de famílias pobres altera a qualidade das relações parentais. - Existem elementos nos ambientes de famílias pobres que promovem a resiliência de tais famílias.

**Objetivo Primário:**

Discutir a ecologia do desenvolvimento presente no contexto de pobreza considerando as variáveis de estilos parentais, coparentalidade, estresse, resiliência, caos ambiental, características da vizinhança, rede de suporte disponível e a rotina familiar.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O proponente explicita que os riscos para os participantes são mínimos. Além do mais, a metodologia de inserção ecológica busca estabelecer relações de confiança entre o pesquisador e o participante, a fim de minimizar desconfortos oriundos do processo de coleta de dados. Os benefícios aos participantes estão relacionados ao melhor esclarecimento que obterão acerca de questões que envolvem a condição e o contexto em que vivem.

Para a comunidade científica e para a sociedade em geral, os dados acerca de ambientes de pobreza são importantes para a expansão do conhecimento acerca das interações entre as pessoas e seus contextos e o planejamento de políticas públicas que contemplem essa população.

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, 92

Bairro: Umarizal

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-0961

CEP: 66.055-240

E-mail: cepbel@ufpa.br



**NÚCLEO DE MEDICINA  
TROPICAL-NMT/  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO**



Continuação do Parecer: 666.235

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O estudo conta com suporte financeiro do CNPq, através de bolsa de produtividade do proponente, além de recursos adicionais advindo de verbas do PROAPICAPES

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O termo de encaminhamento esta assinado e datado pelo pesquisador.

O termo de consentimento livre e esclarecido precisa de informações complementares

**Recomendações:**

No parecer passado foi solicitado:

Incluir no termo de Consentimento livre e esclarecido a estimativa temporal que o participante irá destinar para o estudo e o endereço do comitê de ética como fonte para maiores esclarecimento.

A solicitação acima apresentada foi acatada.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O proponente refez o termo de consentimento incluindo as informações solicitadas além de adequar o cronograma de execução.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

BELEM, 10 de Novembro de 2014

---

Assinado por:  
**ANDERSON RAIOL RODRIGUES**  
(Coordenador)

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, 92

Bairro: Umarizal

CEP: 66.055-240

UF: PA Município: BELEM

Telefone: (91)3201-0961

E-mail: cepbe@ufpa.br